

Evernight Publishing

NEED

SAM CRESCENT





PL & TRT

Apresentam



Need (Trojans MC #4) by Sam Crescent

Need #4

(Série Trojan MC)

Sam Crescent

Staff

Disponibilização: Soryu

Tradução: Erica

Revisão Inicial : Hosana e Juuk

Revisão Final : Mari Salles

Leitura e formatação: Juuk Allves

Sinopse

Crazy ama sua filha, odeia sua ex-esposa e quer Leanna com uma paixão que ele nunca experimentou antes. Leanna não confia nele. Ela só acredita que ele quer uma mãe para sua filha. O desafio foi definido. Crazy vai mostrar a Leanna que ele quer ela, mais que uma madrasta para sua filha.

Leanna está acostumada a ser o que ninguém quer. Ela não é desejável, ela não é linda e ela não pode acreditar quando Crazy insiste que ela é tudo o que ele precisa. Ele a toma, faz com que ela queira pertencer a ele e que deseje que isso não acabe.

No entanto, sua ex-esposa, Suz, não o largou. Ela não vai ser esquecida facilmente.

Quando Suz atira em Leanna, é uma corrida contra o tempo para salvá-la.

O que acontecerá a Leanna?

Crazy vai finalmente perder o controle e tirar a vida de Suz?

O que vai acontecer com sua filha?

Nada na vida é sempre certo.....

Capítulo Um

Crazy via sua filha, Strawberry, enquanto ela brincava no parque com as outras crianças. Sem sua ex-mulher em volta do pescoço, as coisas em casa tornaram-se muito mais fáceis. Suz, sua ex, foi uma prostituta do clube que o segurou em um casamento por causa de sua filha e Strawberry era dele.

Ele tinha feito o teste de paternidade para confirmar. Passando os dedos pelos cabelos, ele via sua filhinha brincar, deslizando nos balanços e, geralmente, curtindo a vida. Quando ele tinha a chance de refletir, como ele fazia agora, ele não podia acreditar no babaca que ele foi. No tempo em que estiveram juntos, Suz tinha quase o destruído, transformando-o em uma espécie de bode expiatório para a sua necessidade.

— Eu pensei que eu iria encontrá-lo aqui — disse Daisy, sentando ao lado dele.

— O que aconteceu com você para me procurar em um maldito parque com um bando de crianças? — Crazy olhou para seu amigo, vendo a luta acontecendo dentro dele. O que havia de errado com Daisy?

— Eu não estou com vontade de estar com as prostitutas do clube hoje.

— Aconteceu alguma coisa? — Perguntou Crazy.

— Não. Nada aconteceu. Está tudo bem. Ouvi dizer que estava com sua filha hoje e faz muito tempo desde que eu vi Strawberry.

Crazy riu. Quando ele estava com Suz, ele tinha parado de levar Strawberry para visitar o clube. Ele não queria Suz no clube. Já era muito ruim que seus irmãos sabiam que ele foi capturado pela malvada cadela.

— Nah, você não me engana. Esse é você, Daisy. Você viria para minha casa ao invés do parque. Que merda está acontecendo?

Silêncio foi a resposta para a sua pergunta. Olhando fixamente para Daisy, ele esperou e esperou, até que, finalmente, Daisy cedeu.

— Minha irmã está vindo à cidade para me visitar.

— Então?

— Então, ela está trazendo sua amiga e eu tenho que hospedá-las.

— Então, fale com Duke. Ele vai se certificar de que elas estejam no clube e protegidas.

— Isso é meu problema.

Crazy grunhiu, frustrado com seu amigo.

— Qual é a porra do seu problema? — Ele tinha problemas suficientes de sua autoria e ele não precisava começar a pensar sobre os problemas de Daisy.

— Ela está trazendo sua amiga e eu quero fodê-la. Conheço Mary desde que ela era a porra de uma moleca, mas eu posso te dizer, ela não é mais uma criança. Ela está fodidamente gostosa e ela odeia essa vida. Eu não posso tê-la perto de mim.

— Apenas ignore-a.

— Eu quero transar com ela, Crazy. Eu quero curva-la na frente dos irmãos e transar até marcá-la com meu pau. Eu não quero que qualquer outro homem a tenha. Eu quero reivindicá-la e nunca largá-la. Como eu vou resistir a esse tipo de tentação com ela perto de mim?

Daisy estava falando baixo o suficiente para só Crazy ouvir o que ele estava dizendo.

Merda, Daisy não queria apenas sair com Mary. Ele a queria como uma old lady. Esse era um grande passo, um enorme e não era uma decisão que viria a ser tomada levemente, ou rapidamente. Os últimos meses tinha-o deixado louco para, finalmente, decidir reivindicar Leanna, a mulher que tomava conta de sua filha.

Ele não estava, agora, com vontade para pensar sobre sua mulher. Leanna estava sendo... difícil. Toda a sua vida, ele estalou os dedos e as cadelas tinham vindo correndo para ele e agora, ele iria ter que correr. A experiência não era exatamente emocionante. Ele teria que fazer todo o trabalho. Ela não aceita qualquer presente dele e se recusa a ir a todos os encontros. Como ele conseguiria impressionar uma mulher quando ela nem sequer ia aos encontros?

— Merda, homem, me desculpe. Como está indo com Leanna?

— Eu estou sozinho aqui. Como você acha que as coisas estão? — Crazy passou a mão pelo rosto. — Sinto muito. Está muito difícil agora. Strawberry a adora, ela é perfeita e eu não posso levá-la para sair.

— Você já pediu a Strawberry para ajudá-lo? — Perguntou Daisy.

— O que você quer dizer?

— Peça para sua filha convidá-la para jantar fora. Transformar em um convite de Strawberry em vez de seu.

— Eu não vou usar a minha filha para ter a mulher que eu quero — disse Crazy.

— Eu não chamaria isso de usá-la. Eu diria que é "pedir um pouco de ajuda". Leanna não vai ceder para você.

— Ela acha que eu só quero uma mãe para minha filha.

— Você não quer?

Sim, no início, o que ele queria, era uma figura materna para sua menina. Suz, a mãe verdadeira de Strawberry, foi ridícula. Ela usou sua filha para mantê-lo no lugar, transformando-o em um covarde e usando seu dinheiro. Lembrando das últimas semanas, ele percebeu que foi ele mesmo. Ele se irritou. Suz o transformou em um covarde do caralho e o que era pior, ele deixou. Não, essa merda não estava acontecendo. Ele era um homem, colocou Suz no lugar e ela agora, foi embora.

Ela não estava morta.

Suz seguiu com o divórcio e desapareceu da sua fodida vida. Ele ainda estava chateado sobre aquilo. Crazy queria acabar com sua vida miserável de uma vez por todas. Suz não o forçou para que ele ficasse com esse tipo de mulher, ou

mesmo larga-la. Até agora, ela não tinha voltado e Crazy não estava à procura de problemas.

— Nós não estamos falando de mim. Vamos voltar o assunto. O que há de errado em deixar a sua irmã ficar e receber a amiga que confia em você. Não deve ser tão difícil.

Daisy se recostou contra o banco em que eles estavam sentados.

— Eu não sei. Mary é uma bola de fogo e se eu chegar muito perto, eu não sei o que farei. Nenhuma mulher deveria ter esse tipo de poder. — Crazy riu.

— Você parece apaixonado.

— Eu estou, Crazy. Eu estou apaixonado por ela e já faz um bom tempo, porra. A diferença é, ela está muito mais velha agora. Ela podia me ter e combater fogo com fogo. Antes disso, ela era muito jovem.

— Se você se segurar, ela pode encontrar outro homem que ela ame. Se isso acontecer, você nunca vai tê-la. Você pode forçar com que os homens a deixe, mas você não pode fazê-la te amar. Se você quer que ela ame você, então você tem que superar essa merda.

Daisy olhou para o parque e Crazy seguiu seu olhar. Strawberry estava em um escorregador e descendo. Suas

bochechas estavam rosas brilhante e a felicidade em seu rosto era incrível para se testemunhar.

Ao ver sua garotinha assim, transformava sua vida para melhor do que ela foi com Suz.

— Ela está bem com o sumiço de Suz?

— Sim e isso não deveria ser o caso. — Crazy cruzou os braços atrás da cabeça e viu sua garota. — Uma menina deveria amar sua mãe e não estar pensando em outras mulheres para tomar o lugar dela. O que vou fazer quando ela for mais velha? É a mulher que deveria conversar sobre seus ciclos, meninos e sexo. Merda, nenhum menino chegará perto da minha garotinha. Essa situação toda é uma merda.

— Como vão as coisas com Strawberry? — Perguntou Daisy.

— Elas estão indo bem. Quero dizer, Leanna ainda à leva quando eu tenho negócios do clube para resolver. Ela é uma tagarela, ela realmente é. — Ele não tinha passado tanto tempo com Strawberry no último par de anos, porque a verdade era que ele não poderia estar com Suz. Sua, agora, ex-mulher constantemente o irritava. Se, apenas, Leanna começasse a confiar nele e não fugisse toda vez.

— Você sabe, você deveria pedir ajuda para o clube — disse Daisy.

— Por que eu iria querer o clube me ajudando, porra?

— Mary, Holly, algumas das outras old ladies e até mesmo Zoe, são menos ameaçadoras. Elas podem aproximar Leanna e antes que você perceba, você estará transando com ela diariamente.

— Isso vai demorar muito mais do que algumas mulheres me ajudando a conseguir o que eu quero.

— Olha, eu estou ajudando você aqui fora. Não há razão para não ter a ajuda do clube. Claro, os caras não serão bons para você, mas as mulheres, elas podem ajudar. Sheila pode ajudar também. Ela está próxima já faz algum tempo e entende as mulheres.

Crazy passou a mão pelo rosto, chateado com o fato de que ele poderia pedir ajuda das mulheres do clube.

— Embora, eu não iria pedir ajuda das prostitutas do clube. Elas estão mais propensas a se certificar que você nunca tenha o seu pau dentro da pequena babá.

— A última coisa que eu vou fazer é deixar Leanna perto das mulheres que eu coloquei meu pau. — Eles estavam falando baixinho para que ninguém os ouvisse. Crazy não

tirou os olhos de sua garotinha. Vale Valley era um bom lugar e com o Trojans MC para mantê-lo protegido, ele raramente tinha problema. Crazy não iria arriscar a vida de sua filha. Ela era a coisa mais preciosa para ele e havia pessoas lá fora que não davam a mínima para a ameaça de serem feridos por seu clube.

Strawberry olhou para os dois naquele momento e gritou. Em poucos segundos, ela lançou-se em Daisy e Crazy não pôde deixar de rir. Devido à pouca idade de sua filha, ele a manteve distante do clube. Os caras que quisessem poderiam ir e visitar, mas alguns raramente faziam.

Com Holly e Mary dando à luz recentemente, os caras acalmaram suas façanhas sexuais. Isso, Crazy não podia reclamar. No último par de meses antes dele se divorciar de Suz, ele estava usando a casa do clube como o seu próprio drive-thru pessoal do sexo. Ele tomou qualquer prostituta do clube que ele quis ter e transou com ela até que ele estivesse satisfeito, em seguida, mudou para outra. Tudo o que ele queria, ele tomou sem cuidado do que os outros pensariam. Agora, ele tinha sua filha para pensar e uma mulher doce que iria correr se ela visse o que se passava no clube.

Merda, ele tinha seu trabalho cortado, mas sua menina merecia a chance com uma mulher ajustada para chamar de mãe.

Leanna caminhava pelo corredor quente no supermercado local. Ela estaria com Strawberry à tarde e ela aprendeu da maneira mais difícil a se certificar de que ela sempre tinha coisas para ocupar a jovem menina. Agarrando uma caixa de mistura para bolo na parte do fundo, ela olhou para ela, virando-a. A mistura em si não era tão boa, mas se mantivesse Strawberry feliz, então Leanna estava feliz. Quando ela descobriu um com princesas, ela o pegou, colocando-a no carrinho. Em seguida, pensou em quanto tempo ela passaria com a menina e colocou mais duas caixas de tipos diferentes.

Ela estava tão absorta no que ela ia fazer naquela tarde que ela não viu onde ela estava indo e bateu em outro carrinho.

— Merda, me desculpe — disse a mulher.

— Não, fui eu. Eu não estava olhando para onde eu estava indo. — Leanna olhou para cima para ver Holly, uma das mulheres dos Trojans MC, segurando um bebê em seus braços.

— Eu sou Holly, a propósito.

— Eu sou Leanna e eu sei quem você é. — Todo mundo no Vale Valley sabia quem ela era. Depois de tudo, seu velho agora era o líder dos Trojans.

— Hols, eu peguei o bolo — disse um menino novo, que vinha ao virar da esquina.

Holly revirou os olhos.

— Eu vou fazer-lhe um bolo, tolo. Eu pedi para você pegar um chocolate de boa qualidade e não barras de chocolate.

O menino riu.

— Eu estava pensando que eu poderia comer isso no caminho de casa.

— Meninos. Claro, pegue-o. Esse é Mattheuw, meu adorável e encrenqueiro filho.

Segundos depois, Matthew tinha ido embora.

— Desculpe-me por isso. Você é Leanna, certo? Você cuida de Strawberry.

As bochechas de Leanna coraram. Ela passou uma grande parte do tempo tentando não ser notada. Mesmo

quando ela era mais jovem, nunca foi o tipo de garota que gostava de multidões, preferindo as suas próprias coisas.

— Prazer em conhecê-la.

— Você sabe, você deve ir a um churrasco um dia. Nós não mordemos. Eu posso garantir que todos os homens a deixarão sozinha. — Holly subiu seu filho em seu quadril.

— Está tudo bem. Estou bem. Eu estou apenas fazendo algumas coisas junto com Strawberry hoje a tarde.

A decepção no rosto de Holly era clara. A última coisa que Leanna queria fazer era chatear a outra mulher. Ela só podia imaginar Duke chegando e gritando com ela por ferir Holly, que era a última coisa que ela queria. Olhando para o menino no quadril de Holly, Leanna sorriu.

— Quero oferecer-lhe parabéns pelo seu menino.

— Obrigada. Drake está mais crescido agora.

— Tive notícias sobre o seu nascimento pela cidade. Eu queria dizer alguma coisa, ou enviar um presente, mas nós não conhecemos uns aos outros realmente.

Holly inclinou a cabeça para o lado.

— Você mora em Vale Valley, certo?

— Toda a minha vida.

— Você pode vir me visitar no antigo rancho, ou mesmo na sede do clube. Eu não mordo. Eu não posso prometer que alguns dos homens não irão.

Leanna ergueu as mãos.

— Eu não sou muito boa com pessoas...

— As pessoas ou homens? — Perguntou Holly, sorrindo.

Segurando a alça do carrinho, Leanna respirou fundo.

— Eu nunca fui boa em fazer amigos. Sinto muito.

— Está tudo bem. Podemos fazer isso em pequenos passos. Eu sou uma pessoa muito agradável e Matthew vai mesmo atestar o fato de que eu sou uma excelente madrastra. Além disso, Drake aqui está sempre sorrindo e não é só porque ele está soltando gases. Eu venho com Mary e você precisa conhecer Zoe. Ela está terminando a faculdade, então ela só vem para o clube de vez em quando.

Todos os nomes que saíam da boca de Holly estavam deixando Leanna ainda mais nervosa. Ela não era boa com pessoas ou qualquer um. Foi difícil ter que falar com Crazy e agora que ele parecia sempre estar por perto com Strawberry, a

deixava envergonhada. Passando os dedos pelo cabelo, ela olhou por cima do ombro de Holly.

— Eu agradeço.

— Não, você não. Você deseja fugir para longe e isso é bom. Como eu disse, nós podemos levar isso em passos de bebê. — Holly bateu em seu braço. — Então, vamos voltar para o início, onde nós batemos os carrinhos e vou começar isto.

Leanna franziu o cenho enquanto observava Holly caminhar com seu menino em seu quadril.

— Oi, me desculpe, eu esbarrei em você. Eu não estava prestando atenção e eu tinha Drake aqui, me distraíndo. Eu sou Holly. — Ela estendeu a mão e por um segundo, Leanna apenas olhou para ela.

Isto teve de ser um dos momentos mais estranhos de sua vida. O segundo momento estranho foi quando ela derrubou Crazy. Leanna duvidava que alguém conseguia derrubar esse grande motociclista assustador. Ok, ele não era tão assustador, mas ela tinha visto a forma como ele olhou para Suz algumas vezes quando estavam juntos. O cara parecia que queria literalmente estrangular sua mulher. Ele era sexy, com certeza, de uma forma muito ‘bad boy’, um tipo ‘Eu vou matá-lo’. Não, não era nada disso. Crazy era gostoso. Seu cabelo estava

sem corte há muito tempo e estava na altura de seus ombros. Depois, havia loucos olhos azuis que acabavam de tirar sua atenção sempre que ela estava em um cômodo. Ela adorava olhar para os olhos dele. Depois que você tinha passado dos olhos, era o seu corpo também. Seus braços estavam cobertos de tatuagens. Algumas das tintas eram apenas tribais e escuras, outras eram imagens de cemitérios e uma vez, ela viu o nome de Strawberry decorado em seu peito. Ele era um cara que se importava profundamente com o seu clube e com sua filha.

— Oi, eu sou Leanna. — Ela não era um deles. Leanna não era e nunca seria uma daquelas coisas que ele se preocupava. Quando ele começou a seduzi-la, ela conhecia suas intenções. Ela nunca tinha escutado nada parecido. Suz avisou, embora depois de um de seus ataques desagradáveis, que Strawberry não tinha testemunhado, graças a Deus. Crazy não sabia sobre os tapas, ou os golpes e as ameaças vis que Suz gostava de cuspir em Leanna. Ela nunca permitiria que Suz ferisse Strawberry.

Em uma das últimas visitas com Suz, ela foi informada exatamente o que estava acontecendo.

— *Crazy vai tentar seduzir sua bunda gorda. Ele não quer você. Ele nunca vai querer você. Tudo o que ele vai querer é uma babá grátis para a merdinha de sua filha. Quem iria querer uma desmiolada como você?*

Como o palpite, Crazy foi muito sedutor, conversando com ela, mantendo seu foco sobre ela e ela tinha visto a realidade da sua situação. Nenhum homem jamais iria amá-la. Sempre existiria um motivo oculto.

— Eu vi você pela cidade e eu sei que você é a babá de Crazy. Você quer tomar um café algum dia?

— Claro — disse Leanna, apenas querendo fugir. Lembrando que Suz sempre fazia isso com ela. — Eu tenho que ir.

Ela olhou para baixo em seu próprio carrinho para ver que ela ainda tinha algumas coisas para pegar.

— Foi bom conhecê-la.

Sem tentar parecer rude, ela deu a outra mulher um sorriso, em seguida, seguiu pelos corredores, pegando tudo o que ela precisava para o dia seguinte. Em seu caminho, ela viu que Holly estava abraçada com ninguém menos que Duke. Ela se perguntou quando ele veio para o supermercado.

Soltando um suspiro, ela ajeitou seu carrinho, deu Holly um aceno e, em seguida, seguiu de volta para casa.

Ela estacionou na vaga disponível para o seu apartamento.

Subindo as escadas, ela olhou para cima e apanhou outro casal que também estava em algum estágio de abraçar. A sacudida de dor perfurou seu coração com a visão diante dela. Todo mundo estava apaixonado e ninguém iria amá-la nunca. Ela cresceu sabendo que ela não era amada e então, se casou com um homem que não a amava e agora, o único homem que estava interessado, apenas a queria para sua filha.

Seguindo para o seu apartamento, ela começou a guardar todas as suas guloseimas. Quando foi passando, ela ouviu uma batida na porta. Respirando fundo, ela segurava uma caixa de mistura de bolo e foi para a porta. Rebocou um sorriso em seu rosto e ela abriu a porta.

— Leanna — Strawberry disse, gritando.

A única alegria em sua vida era essa menina e ela abraçou-a.

— Como tem passado, bebê? — Ela segurou a menina com força. Strawberry era tão adorável e Leanna amava como se fosse a sua própria filha.

— Muito bem. Eu vi Daisy no parque.

Ela riu e entregou a mistura de bolo.

— Temos uma tarde inteira planejada.

Outro grito e Leanna mandou-a lavar as mãos. Crazy ainda estava dentro do Apartamento dela. Ele tinha chegado e fechou a porta, enquanto ela estava abraçando sua filha.

— Oi — disse ela, cruzando os braços sobre o peito.

— Daisy é um dos irmãos do clube.

— Oh, eu pensei que ela tinha visto uma margarida¹ de verdade no parque. — Crazy riu.

— Nah, ele é um irmão, mas ele tem uma grande margarida nas costas.

— Está tudo bem. Vou tentar não falar com ela sobre flores. — Ela ofereceu um sorriso e tomou um passo para trás. Era mais fácil falar com ele não olhando para ela. Virando as costas para ele, ela foi para a cozinha. — Gostaria de uma bebida?

— Sim, eu não estou com pressa.

¹ Daisy – Margarida em inglês.

Soltando um suspiro, ela olhou para o relógio e desejou que ela não tivesse feito um convite a ele.

Capítulo Dois

Crazy observava a mulher que ia ter, possuir, quando ela se afastou dele. Ele esteve no parque falando com Daisy, quando ele recebeu a ligação de Holly para que ele ficasse sabendo que ela conheceu Leanna. Holly não estava feliz pela quantidade de timidez e nervosismo que Leanna tinha demonstrado. O que o surpreendeu foi o fato de que Holly ainda ter dela.

Ele não estava feliz, caramba e ele não dava a mínima para o que Holly tinha a dizer sobre ela. Crazy ia fazer isto a sua maneira.

— Você quer que eu pague as misturas de bolo? — Ele perguntou, vendo os pacotes em seu balcão.

— Não. Elas não custam tanto assim.

Rangendo os dentes, ele acenou com a cabeça. Ela não o deixaria e ele estava ficando cansado de lutar contra a sua aparência gelada. Ele tinha feito uma verificação completa a fundo sobre ela e sabia que ela foi casada uma vez.

Tomando um assento no balcão, ele assistiu como Strawberry correu para a cozinha.

— Posso assistir desenhos animados?

— Nós podemos começar.

— Vá e assista a desenhos animados — disse ele, sorrindo para a filha. — Eu terei uma conversa com Leanna.

— Tudo bem, papai. — Strawberry os deixou sozinhos e ele observou os lábios ofegantes de Leanna. Ela não queria ficar sozinha com ele. Interessante.

— Você já foi casada antes.

Ela fez uma pausa e olhou para ele.

— Você me verificou?

Crazy sorriu.

— Você cuida da minha filha. Claro que eu fiz uma verificação a fundo sobre você. — Ele seguia na ponta dos pés com ela e ele não ia mais fazer isso. Crazy não era conhecido por ser manso ou um covarde. Ele era conhecido por amar a sua boceta e ir atrás do que ele queria. Suz tinha umedecido essa parte dele, mas agora, ele estava de volta e ele estava indo para tomar o que ele queria e ele queria Leanna.

— Sim, eu fui casada.

— Onde ele está?

— Nós nos divorcamos depois de um ano de casamento.

Ele sabia também. O que ele não sabia era porque eles tinham se divorciado.

Inclinando a cabeça para o lado, ele observou enquanto ela trabalhava na cozinha, fazendo uma xícara de café para ambos.

— Você ainda precisa de mim para cuidar de Strawberry hoje?

— Sim.

— Então por que você ainda está aqui?

— Você está sendo muito rude.

— Eu não estou interessada em tudo o que está acontecendo aqui.

— O que está acontecendo?

— Eu não sei, Crazy. Você me diz. — Ela cruzou os braços debaixo de seus seios, olhando fixamente nos olhos dele. Ele não podia deixar de olhar para a doçura arredondada de seus seios. Eles eram a porra de um sonho e ele a queria

nua debaixo dele. Seus mamilos estavam duros, pressionados contra a frente de sua camiseta. Seriam os mamilos vermelho, marrom, rosa, grande ou pequeno? Seu pênis engrossou e ele olhou para baixo, na curva de seu corpo. Leanna era a porra de uma mulher bonita que escondia suas curvas sob roupas que eram demasiadamente grandes para ela.

— Saia comigo.

— Não.

Ele soltou um suspiro, levantando-se. Strawberry estava assistindo desenhos animados, para que eles tivessem um pouco de privacidade. Contornando o balcão, ele não ficou surpreso quando ela recuou até que ela estivesse pressionada contra a pia.

— Você vai ser difícil.

— Eu não vou ser uma babá para você.

Colocando as mãos de cada lado dela, ele olhou fixamente em seus olhos castanhos. Eles estavam cheios de tanta dor que tirou o seu fôlego na primeira vez. Leanna era um mistério e ainda assim, ela não era. Ela era uma mulher solitária que todos os homens em sua vida a tinha deixado passar. Inclinando-se perto, ele respirou o sutil aroma de

morangos e ele passou a língua contra a pele de seu pescoço. Ela tinha um gosto malditamente bom.

— O que você está fazendo? — Ela foi afastá-lo, mas ele se recusou a ceder. Ser um cara legal não estava funcionando com Leanna. Ele ia ter que se adaptar e ser apenas o homem que sempre conseguiu o que queria.

— Eu estou tendo um gostinho da mulher que outro cara negligenciou.

— Vá embora, Crazy. Vá e faça a merda que você faz e em algumas horas, venha e pegue a sua filha.

— Por que você se divorciou? — Ele perguntou, ignorando sua instrução.

Ela estava deixando-o mais duro do que qualquer outra prostituta do clube o deixou. Ele nunca tinha ostentado um pau tão duro. Crazy não podia esperar até que ela ficasse nua e ele estivesse afundando profundamente em sua pequena e apertada boceta.

— Não é problema seu.

— Você não tem fotos e se casaram antes da faculdade. Deixe-me adivinhar, o cara usou você?

Ela suspirou assustada e as lágrimas encheram seus olhos.

— Deixe-me sozinha.

— É por isso que você está me tratando assim. Você acha que eu estou usando você como uma babá grátis.

— Eu não sei o que você pensa, mas são mentiras. Pare de tentar me analisar. Você está errado.

Ele riu.

— Eu não estou errado e você e eu sabemos, porra. Estou certo e você está chateada por isso. — Colocando a mão em seu quadril, ela pulou com o primeiro toque no seu corpo. — Você não é virgem. Eu aposto que você teve uma noite de núpcias chata com aquele babaca que usou você. O médico, certo?

— Por favor, pare.

— Não. Eu não vou parar. Eu estou começando a acreditar que todos em sua vida pararam em algum momento, certo? O homem com quem se casou, os caras que você namorou, todos eles pararam porque eles tinham outros compromissos.

— Você tem uma.

— Você está certa, eu tenho. Eu não queria a porra de uma mulher que iria estragar a minha filha, mas o que você não sabe, Leanna, é que eu queria uma mulher que iria ficar feliz em chupar e montar meu pau. — Quando ela tentou afastá-lo, ele pegou os dois pulsos e segurou contra o balcão.

— Strawberry vai ouvir você.

— Não, ela não vai. Eu não exponho a minha filha para o que eu quero e eu quero você, Leanna. Eu não apenas quero uma babá para Strawberry. Quero uma mulher que quer o meu pau.

— Pare com isso e me deixe ir.

— Você gosta do que estou dizendo a você. Aposto que você está toda molhada agora, imaginando o que sentiria e gostaria de ter meu pau entrando em você. Você é virgem?

— Não. Fui casada.

— Então, o bastardo usou e fodeu você. Eu posso acabar com ele por você.

Ela balançou a cabeça. Ele estava invadindo seus sentidos e com ele tão perto, ele viu que ela estava lutando com a proximidade. Crazy tinha encontrado sua fraqueza. Ela poderia empurrá-lo e ignorá-lo, desde que não houvesse

espaço entre eles. Neste momento, ela não podia. Ela estava presa e era exatamente como ele estava indo mantê-la.

— Você não pode falar assim.

— Eu falarei.

— Se afaste.

— Não.

Ele a viu precisar de espaço. Não havia nenhuma maneira de que ele estava indo para dar-lhe muito espaço sempre. Crazy tinha encontrado a sua fraqueza e ele estava indo usá-la.

— Houve qualquer cara que só queria você por você? — Perguntou.

— Você não me quer por mim. Você me quer para Strawberry.

Crazy balançou a cabeça e resmungou.

— Eu apenas lhe disse que não é por isso que eu quero você.

— Então prove.

Inclinando a cabeça para o lado, ele olhou fixamente em seus olhos desafiadores. Ela não achava que ele seria capaz de

provar nada para ela. Sorrindo, Crazy inclinou-se para que a pressão dura de seu pênis ficasse contra seu estômago.

— Eu vou, mas primeiro, você tem que me fazer uma promessa.

— Para trás.

— Você tem que me prometer que não importa o quê, você vai sair comigo. Eu tenho que provar que não estou te usando para Strawberry. Você tem que tornar-se disponível para mim, quando eu quiser.

— Isso é loucura.

— Assim como o nome, baby. Aceita ou não.

— Não.

— Então, como posso cumprir o seu desafio?

Ela empurrou seu peito um pouco mais forte, tentando fugir. Ele não se moveu.

— Tudo bem, eu vou encontrá-lo a qualquer hora que quiser.

— Aonde eu quiser?

— Eu não sou uma criança. Se você quiser se encontrar em algum lugar ilegal, você pode ir se foder.

Crazy levantou uma sobrancelha.

— É a primeira vez que eu ouvi você xingar. É melhor você não estar xingando na frente da minha filha.

— Gostaria de nun...

Ele a silenciou com a pressão de seus lábios.

— Eu estava brincando, querida.

Foi apenas um mero beijo, um roçar de seus lábios, mas ele queria mais.

— Eu vou arranjar uma babá amanhã à noite. Esteja livre.

Ele se afastou.

— Espere, você não pode.

— Eu posso.

Crazy lhe deu uma piscadela antes de sair do apartamento. Ele estava realmente ansioso para ficar sob sua pele.

Mordendo o lábio, Leanna observou a porta se abrir, em seguida, se fechar, levando o homem, que tinha acabado de deixar os lábios dela formigando, junto com ele.

O que estava acontecendo com Crazy?

Ela não podia lidar com ele estando tão perto e exigindo que ela olhasse para ele. Agarrando seus copos, ela virou o café na pia e lavou todas as evidências de que ela sequer chegou perto de perder.

Ele pensou que ela era virgem?

Não, ela não era virgem. Ela deu-se na noite de núpcias para o homem que ela realmente pensava que amava, mas a verdade era que ele nunca a amou. Não, nunca ninguém a amou. Eles só a queriam por dinheiro.

Um de seus maiores segredos era o fato de que ela não estava sempre preocupada com dinheiro. Ela veio de uma família rica, tão rica que ela nem sequer tinha que trabalhar, mas ela trabalhava, babá para crianças no prédio. Sempre que alguém lhe perguntava sobre seu trabalho, ela sempre dizia que fazia o seu trabalho online. Não era uma grande mentira. Sempre que a empresa que herdou da família precisava dela, ela lidava com isso online. Não havia necessidade para ela estar presente. Seu avô teve certeza de que ela poderia ser uma

mulher que aproveitasse o lazer, sem o stress de assumir uma empresa.

Leanna não mentiria. Ela não sabia como gerir uma empresa. Passando seus dedos pelo seu cabelo, ela seguiu em direção a sala de estar, onde Strawberry estava.

Foi uma piada de longa duração em sua família que ela seria a esposa perfeita. Mesmo em uma idade jovem, nada lhe deu mais prazer do que estar na cozinha, cozinhando ou assando e cuidando dos outros. Naquela época, ela tinha cuidado de seus animais de estimação. Seus avós deveriam ter visto, pois eles tiveram certeza de que ela continuaria cuidando.

Seus próprios pais realmente não queriam ter muito a ver com ela. Eles estavam voando alto, vivendo a boa vida e como uma mãe modelo, não foi de conhecimento público que eles tiveram uma filha.

Depois da morte de seus pais em um acidente de avião durante o voo em direção aos Alpes, para umas férias de verão, Leanna tinha continuado a viver com seus avós, mesmo antes de seu acidente, ela vivia com eles. Ela foi apenas uma criança e seus avós não tinham gostado do estilo de vida de celebridade de seus pais, então eles a tinham afastado do risco. Através de seus avós, ela aprendeu a respeitar o dinheiro que

ela herdou e fazer escolhas sábias. Claro, seu primeiro marido a tinha usado como um meio para pagar a sua educação universitária, enquanto ela ficava em casa. Ela não sabia que ele a estava usando por causa do dinheiro. O conhecimento tinha chegado a ela muito mais tarde, quando a mulher que ele gostava disse todos os seus segredos. Leanna nunca esteve mais envergonhada do que quando ela teve a prova de sua infidelidade. Eles haviam se filmado, porra e Leanna foi forçada a assistir quando ele zombou de sua esposa gorda e patética.

Engolindo o nó na garganta e as lágrimas que ameaçavam transbordar, ela sorriu para Strawberry.

— Você está pronta para fazer esses bolos agora?

Para o resto da tarde, sua cozinha se tornou uma bagunça com farinha, ovos e mistura decorando todos os contadores. Strawberry continuou rindo quando elas terminaram de fazer os bolos. A mistura não era ruim e Leanna teve diversão. Ela sempre tinha um monte de diversão com a filha de Crazy. Quando os bolos estavam feitos e frios, ela deixou Strawberry comer um pedaço enquanto ela limpava toda a confusão.

Cantarolando para si mesma, ela não conseguia parar de pensar em Crazy e como ele invadiu seu espaço.

Ela sempre foi cuidadosa e evitava ficar perto dele. No momento em que ele estava perto, ela lutava para pensar.

Que merda eu fiz?

Não havia nenhuma maneira que ela pudesse ir em um encontro, ou mesmo ter alguma coisa a ver com Crazy. O próprio pensamento *era* louco. Ela precisava colocar um fim nisso antes que ele pensasse que qualquer coisa poderia acontecer entre eles.

Sentada no sofá, ela assistiu enquanto Strawberry brincava com o novo livro de colorir que ela tinha comprado para ela. Ela sempre quis seus próprios filhos, uma grande família, mas seus desejos nunca tinham sido concedidos. Depois, ela teve seu segundo namorado roubando dela ao longo de cinco anos atrás, ela decidiu não ter outro relacionamento. Ela não precisava de homens para cumprir sua vida. Mudando-se para este apartamento foi um início de uma nova vida para ela, que ela não queria desistir. Quando ela começou a ficar de babá para Strawberry após um de seus vizinhos dizer a Suz que ela fazia isso de graça, uma necessidade profunda invadiu Leanna.

A necessidade de ser o tipo de mulher que Crazy queria.

Inconscientemente, ela tinha começado a ansiar por algo que ela não tinha querido antes, queria um homem.

Crazy havia despertado a necessidade que ela pensou que tinha morrido há muitos anos.

— Leanna — Strawberry disse, subindo no sofá.

— Qual é o problema, abóbora?

— Eu não gosto de abóboras.

— Eu gosto. Elas podem ser incríveis e eu adoro a torta de abóbora. — Ela apertou um dedo no pequeno nariz da menina, sorrindo. — O que você quer saber?

— Você será minha mamãe?

Seu coração se partiu. Não houve amor de Suz para sua filha.

— Eu não posso ser sua mãe, querida. Você já tem uma mãe.

— Minha mãe não gosta de mim. Ela diz que eu era apenas uma coisa para conseguir o que ela queria.

— Eu não sei por que ela queria, mas seu pai ama você.

O sorriso de Strawberry se arregalou.

— Eu amo o meu pai.

— Bom.

— Você ama o meu pai?

— Eu não conheço o seu pai bem o suficiente, querida. Vamos lá, é hora de um pouco de comida.

Ela pegou a mão dela e voltou para a cozinha. Logo Strawberry estava falando sobre o mais recente filme que ela queria ver e sobre Daisy brincando no parque. Leanna estava agradecida pela distração.

Não havia nenhuma maneira que ela tivesse algum sentimento por Crazy. Na verdade, o momento em que ele viesse para buscá-la esta noite, ela ia dizer para ele não se preocupar. Qualquer cara como Crazy não valeria o risco para o coração dela.

Ela teve o coração quebrado várias vezes, mas Crazy tinha o poder de esmagá-lo em pedacinhos.

Leanna não queria estar à mercê do sexy, motociclista perigoso.

Ela tinha evitado qualquer coisa com o Trojans MC. Eles tinham uma reputação na cidade por serem selvagens e ela tinha ouvido várias mulheres se gabarem sobre a sua capacidade de foder. Apenas o pensamento de Crazy nu, querendo estar dentro dela, tinha a deixado com sua boceta

quente. Ela ficou instantaneamente molhada pensando sobre ele e o que ele era capaz.

Mais tarde naquela noite, Strawberry caiu no sono em sua cama e ela fechou a porta para que nada a acordasse.

Até o momento que Crazy bateu à sua porta, ela já tinha praticado o que ela ia dizer a ele. Ela iria deixar claro para ele, em termos inequívocos, que não havia nenhuma possibilidade de qualquer coisa acontecer entre eles.

Esfregando as palmas das mãos suadas pelas suas coxas, ela abriu a porta e engasgou. Ele estava vestindo sua jaqueta de couro, o cabelo penteado para trás de seu rosto e parecendo muito gostoso. Todas as suas desculpas encheram sua garganta, causando um nódulo imaginário formigando em sua garganta.

— Nós não pode...

Ela não conseguiu dizer mais nada enquanto ele a empurrava em seu apartamento. Ele fechou a porta, pressionando-a contra ele. Não havia uma parte dela que não estava tocando-o e ela não podia encontrar a força para empurrá-lo. Ela não queria.

— Eu sabia que você ia encontrar uma razão para não sair comigo.

— É o melhor.

Crazy balançou a cabeça.

— Não é o melhor. Você estipula um desafio e eu vou prová-lo para você. Holly e Mary vão cuidar de Strawberry amanhã à noite. A deixarei no rancho e você está vindo em um encontro comigo.

— Não.

— Sim. Esteja pronta às sete ou eu pegarei o que eu quiser aqui.

— Você não pode fazer isso. Você não pode me forçar a ir a um encontro com você. — Ela finalmente encontrou a força para empurrá-lo.

Não funcionou.

Crazy se recusou a ceder e isso irritou-a. Ela não podia pensar com ele perto e era frustrante.

— Vai sair comigo, ou amanhã à noite, virei aqui e eu vou transar com você para fazer você esquecer todos os homens que já a usaram. Eu juro para você, baby, você está indo para um encontro comigo, de uma forma ou de outra. Acabei com toda essa coisa de você se esconder.

Capítulo Três

— Tem certeza que você está bem com isso? —
Perguntou Crazy, indo até à porta.

— Mary e eu podemos lidar com sua filha. Temos nossas próprias crianças — disse Holly.

— Vá e se divirta em seu encontro.

Ele não estava nervoso sobre o encontro, mas ele estava prestes a deixar Holly e Mary sozinhas com sua criança. Claro, as duas mulheres eram melhores amigas, mas ambas eram pequenas duendes-estressadas quando chegaram. Ele não queria que sua filhinha começasse a brigar com ele, porque ele não tinha uma mulher habilitada ou alguma merda.

— Não corrompa a minha menina.

Mary riu, indo para o canto, segurando sua própria filha. Ela tinha dado à luz há dois meses atrás a uma menina, gritando. Pike estava completamente apaixonado por sua mulher e filha e eles formavam uma família muito feliz.

— Strawberry foi corrompida no momento em que a trouxe pela aquela porta. Nós vamos dizer-lhe quem realmente é o chefe. Meninas fazem tudo melhor.

Revirando os olhos, saiu pela porta.

— Você pode contar conosco, Crazy. Nós vamos caçar, fabricar explosivos e executar o meu famoso pontapé removedor as bolas — disse Holly.

— Deus me ajude — disse ele, no momento em que a porta se fechou.

Holly e Mary eram mulheres surpreendentes divertidas para se estar por perto. Duke e Pike eram homens de sorte, mas então, era Raoul, que tinha recentemente se casado com Zoe, a jovem mulher que ele tinha salvado de ser estuprada por uma gangue.

Espantava Crazy às vezes quanta merda poderia acontecer em tão pouco tempo. Fazia mais de um ano desde que Holly e Duke tinham casado, mas ele sentiu como se fossem anos de quão natural todos eram.

Subindo no carro de Duke, que ele emprestou para seu encontro, ele dirigia para o condomínio de apartamentos onde ele e Leanna viviam.

Ela estava indo encontrar uma desculpa para evitar ele e seu encontro. Ele estava agradecido que agora sabia sua fraqueza. Tudo o que ele tinha a fazer era invadir seu espaço,

aglomerá-la com sua presença e ela se tornaria massa de vidraceiro nas suas mãos.

Ele estaria mentindo se ele dissesse que não gostou. Ele gostou. Crazy amava a porra da sua resposta a ele.

Alguém que não podia pensar perto dele não seria capaz de virar, ou derruba-lo. Ele irá usar tudo a seu favor. Saindo do carro, ele estava balançando as chaves entre os seus dedos e assobiou enquanto ele seguia para o seu quarto.

Batendo na porta, ele esperou.

Leanna abriu e seu pênis endureceu. Ele raramente a tinha visto em roupas que, na verdade, caberiam ao seu corpo. Ela usava um jeans que fundiam a seus quadris e coxas grossas e uma camiseta que se ajustava em sua cintura, mas destacava seus generosos seios.

Fora de todas as mulheres, prostitutas do clube e old ladies, os seios de Leanna eram os melhores e maiores.

Sua boca encheu de água apenas no pensamento de um gosto. Ele a queria nua, debaixo dele e montando-o.

Merda, ele só a queria e ele não dava a mínima para o que ele ia fazer para chegar a ela.

Seu pênis estava pulsando com a necessidade e ele não queria mais sair em um encontro.

— Você não vai brigar comigo? — Perguntou ele, decepcionado. Ele queria qualquer desculpa para tê-la com as mãos em cima dele.

— Eu não quero ficar aqui.

Ela pegou sua bolsa e antes que ele soubesse o que estava acontecendo, eles estavam fora de seu apartamento.

Ok, ela pode ter descoberto sua única fraqueza sem ele. Agora, era tomar o próximo passo.

— Vamos lá, linda. — Ele pegou a mão dela, levando-a até o carro.

— Eu não sabia que você tinha um carro.

Ele esperou por ela para entrar no carro e com outras mulheres, ele teria deixado que colocassem o cinto de segurança, mas com Leanna, ele fez isso. Passando a parte de trás de seus dedos em seus peitos, ele teve que abafar um gemido com a maciez deles. Ela realmente era uma mulher bonita, macia.

Fechando a porta, ele respirou e tentou pensar em algo que iria diminuir a rigidez de seu pênis. Nada estava

ajudando. Independentemente de qualquer coisa, ele estava ficando mais duro. Ele precisava pensar, não podia deixar que seu pau pensasse por ele.

— Para onde estamos indo? — Perguntou ela, passando as mãos pelas coxas.

— Nós vamos jantar e dançar.

— Eu posso cozinhar para nós, ou você pode ir buscar.

— Você está tentando nos separar? — Ele se virou para ela, dando-lhe toda a sua atenção.

— O quê? Não mesmo.

— Nós estamos indo dançar e comer.

Mexendo na ignição, ele começou a sair estacionamento, afastando de Vale Valley.

O bar que conhecia era na periferia da cidade.

— Deveríamos estar indo para um bar com você dirigindo?

— Eu não vou beber. Eu sou responsável, Leanna.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos e ele arriscou olhar para ela, para descobrir que ela estava mordendo o lábio.

— O que você está pensando? — Ele perguntou.

— Eu estou apenas curiosa sobre o que aconteceu com Suz. Strawberry disse que não tem a visto por algum tempo.

Apertando as mãos no seu volante, Crazy tentou controlar seu temperamento.

— Você está tentando colocar distância entre nós, trazendo a minha ex-mulher?

— Não, você é divorciado?

— Sim, sou divorciado. Eu nunca amei Suz. Porra, eu odiava a cadela. Ela era uma prostituta do clube e tinha mais pau do que qualquer outra mulher, porra. A única razão que me casei com ela foi por causa de Strawberry.

— Você não tinha que se casar imediatamente — disse Leanna. Sua voz era baixa.

— Eu não ia dar a Suz a chance dela afastar a minha filha de mim. Ela faria isso com certeza. Suz só se preocupa com ela mesma e se me machucasse, então ela teria posto Strawberry para adoção, ou mesmo a matado. — Crazy não queria estar pensando em sua ex. Ele tinha uma tendência a querer matar a puta.

— Sinto muito. Eu não quero me intrometer. — Leanna se recostou em seu assento.

Crazy amaldiçoou interiormente e virou o volante. Ele manteve a tração da roda, mas ele já não tinha em um aperto firme.

— Está tudo bem. Eu não esperava que o tema fosse tudo divertido.

— Eu não sou muito boa com as pessoas, ou ninguém. Não é sua culpa que você escolheu uma fracassada.

— Não faça isso, porra — disse ele, praguejando. — Não se coloque para baixo. Porra, esses bastardos realmente mexeram com você.

Mais uma vez, o silêncio encheu o carro.

— Foi minha culpa — disse ela, depois que alguns segundos se passaram. — Eu não quis me impor e os parei. Eu deixei tudo acontecer.

— Nós nem sempre somos responsáveis pelo que nos acontece.

— Eu sei disso, mas cabe a nós escolhermos a forma como reagimos ao que realmente acontece. Eu não lidei bem com isso.

Suspirando, Crazy olhou para ela.

— Eu não quero estragar este encontro.

— Isto é um encontro?

— Sim, é um encontro e não é por causa de um desafio também.

— Você percebe que, por ser um encontro, não muda o fato do que você quer de mim.

Crazy não falou quando ele viu o estacionamento para o bar à frente. Foi para a parte de trás e estacionou o carro. Ele preferia estar na parte de trás, pois era muito mais fácil sair no fim de noite.

— Como isso não muda nada?

— Você ainda quer que eu cuide de Strawberry.

— Eu posso parar de te ter cuidando da minha filha em um piscar de olhos. O clube está cheio de old ladies de idade que irão fazer o que eu quiser, incluindo ajudar a cuidar de Strawberry.

Ela mordeu o lábio.

— Você quer isso? — Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Eu gosto dela.

— Eu vou levá-la para encontros e nós iremos passar o tempo juntos com Strawberry, mas eu não vou despejar a minha filha em você e foder todo o resto. Eu vou provar a você, eu quero você muito mais do que apenas para ser a mãe para minha filha.

— O que Suz pensa sobre isso?

— Ela se foi há quase seis meses e não entrou em contato nenhuma vez. O que você acha? Eu não poderia fazê-la amar Strawberry mesmo quando ela estava na minha vida. —
Saindo do carro, ele foi para o lado dela e abriu a porta. Tomando-lhe a mão, ele a puxou para perto, fechando a porta. Pressionando-a contra o carro, ele segurou seu quadril, mostrando-lhe como seu pênis estava, empurrando-o contra seu estômago.

— Isso é o quanto eu te quero e acredite em mim, o que estou pensando não me faz querer falar sobre a minha filha.

Não, ele estava pensando em pegar Leanna nua por baixo dele e descobrir o quão suave eram suas curvas.

Dando um beijo em seus lábios, ele sorriu enquanto ela investia em um beijo mais profundo, mas ele se afastou.

Ter Leanna ia levar algum tempo.

Indo para dentro, ele não deu a ela uma chance de se afastar dele, levando-a direto para o bar. Ele pediu a si mesmo um refrigerante e para Leanna, um vinho. Ela precisava relaxar um pouco.

— Eu não bebo. Posso beber um refrigerante de laranja?
— Ela perguntou.

— Leve-o à nossa mesa, Dan. — Ele levou-a para a parte de trás, uma cabine distante de todos.

— Por que estamos neste bar? — Ela perguntou.

— Este é um lugar muito bom. Não há nenhuma droga e não há nenhuma merda. São apenas adultos, mas é um lugar para comer boa comida e dançar. — Ele apontou para a pista de dança perto de sua mesa. Dan, o proprietário, teve a certeza de manter espaço suficiente entre as cabines e a pista de dança.
— Então, por que você não bebe?

Este encontro não estava indo como Leanna esperava. Ela queria colocar Crazy longe dela e falar sobre Suz e tudo, tornaria tudo isso em uma experiência ruim.

Mordendo os lábios, ela olhou para suas mãos, que estavam juntas à mesa.

— Então, por que você não bebe?

Odiando a sua pergunta, ela sabia que não havia sentido em manter essa porcaria para si mesma.

— Eu estava bêbada quando aceitei a proposta do meu primeiro marido.

— E?

— E se eu não estivesse bêbada, eu poderia ter visto as entrelinhas através de sua proposta.

A testa de Crazy levantou.

— Você está me dizendo que você passou a maior parte de seu casamento bêbada?

— Não.

— Bebida, então, não foi o motivo por você ser cega por ele.

— Eu não quero falar sobre isso. — Ela colocou as mãos em seu colo.

— Eles sempre tomam um pouco de nós, não é? — Perguntou.

Ela esperou que seus drinques fossem colocados juntos com os menus. Crazy agradeceu Dan e eles estavam sozinhos.

— Quem tomou o que de nós?

— Ex-parceiros, amantes, eles vêm e tomam um pouco de nós para eles.

Tomando um gole de refrigerante, ela voltou seu olhar para ele.

— O que Suz levou de você?

— Minha coragem.

Ela engasgou com a bebida e olhou para ele com os olhos arregalados.

— Uau, você não precisa nem adoçá-lo, vocês adoçam?

— Você está determinada a fazer esse encontro ruim. Eu não vou fingir que eu não comi minha cota de mulheres. Eu comi um monte de mulheres, um monte de boceta. Suz foi um erro. Eu não podia suportá-la. Ela furou o preservativo de propósito e sim, ela pegou a minha coragem que não foi dada livremente. Sobre você? O que esses bastardos fizeram para você?

— Este não é um encontro...

— Você queria que isso fosse questionado. — Ele se inclinou para frente tomando sua mão. — Nós vamos colocar toda a nossa merda sobre a mesa agora e mais tarde, nós não vamos ter nada a esconder.

Leanna se sentiu culpada.

— Eu queria isso há muito.

— Eu comi um monte de mulheres, Leanna. Suz estava acima das outras porque ela furou o preservativo.

— Você foi fiel a ela?

— No começo, eu fui. O último par de meses, eu não dei a mínima. Eu comi algumas das mulheres no clube, que abre as pernas para todos os irmãos.

Tomando um gole de sua bebida, Leanna olhou fixamente em seus olhos. Ele estava dizendo a verdade.

— Eu não vou enganar você. Vamos namorar e eu vou provar a você que eu posso ser o homem para você.

Ela acreditou nele. Crazy não era conhecido por ser um mentiroso.

— Eu não estive com ninguém em três anos. Eu decidi que não ia confiar em qualquer um — disse ela.

— Você pode confiar em mim. Eu vou provar isso para você. O clube é sexualmente livre. Nós podemos comer quem nós quisermos, quando queremos e nós nem sempre o fazemos por trás de portas fechadas.

— E quanto a Duke e Pike?

— Eles são monogâmicos para suas mulheres. Eu nunca vi qualquer um com qualquer outra pessoa desde que reivindicaram Mary e Holly.

Ela sorriu.

— Eu percebi que você disse isso uma vez, quando estive com Mary e Holly.

— Nós somos homens que não escondemos a nossa necessidade. Gostamos de foder.

— Você está sem sorte. Eu acho que você é o homem mais cego que eu conheço.

— Eu não acredito nas bocetas que dão para qualquer um. — Ele estendeu a mão, pegando a mão dela mais uma vez e entregou-a, passando os dedos sobre seu pulso. — Como agora, eu estou curioso sobre a cor de seus mamilos. Eles são vermelhos, marrons, cor de rosa?

Calor encheu suas bochechas e ela lutou contra a vontade de se afastar. Todos os homens que ela esteve antes de Crazy pareciam fracos comparados a ele.

Combater fogo com fogo.

Você quer ele.

Tenha-o e deixe o seu coração fora.

Leanna nunca foi o tipo de mulher que tinha um homem atrás dela. O tipo de homem que ela esteve foi o que gostava de manter a luz apagada quando eles faziam sexo e era sempre o estilo missionário. Ela teve que visitar um site pornô para descobrir que existe mais do que uma maneira de ter relações sexuais.

Ela queria fazer de forma suja, suado, sexo quente, pelo menos uma vez.

Seria Crazy o melhor homem para descobrir?

Sim.

Inclinando-se para frente, ela não puxou a mão, ela olhou em seus olhos.

— Eu tenho mamilos vermelhos e eles são grandes, não são pequenos.

Você consegue fazer isso.

Os olhos de Crazy se arregalaram e ela estava feliz por tê-lo surpreendido finalmente.

— Você vê, agora eu só quero vê-los.

Lambendo os lábios secos, ela virou o braço e traçou dentro de seu pulso. A palavra “Liberdade” estava em seu interior.

— Você esteve na prisão?

— Eu estive há cerca de quinze anos atrás, quando eu tinha vinte anos. Eu fui pego vendendo armas. Eu cumpri meu tempo e foi isso. Prometi a mim mesmo que eu não iria voltar para lá.

Traçando a palavra com a ponta do seu dedo, ela se perguntou que tipo de homem ele teria sido antes de ser preso.

— Eu não poderia lidar com a prisão.

— Não, você não podia.

Ele não se afastou dela, mas ela sabia que era ele.

Crazy não ia dizer nada mais sobre sua vida anterior.

— Você está curiosa. — Ele arrastou o seu dedo até o interior de seu braço.

— Sim. — Ela não estava em dúvida sobre o que ele estava pedindo. Leanna estava curiosa sobre ele e o que ele podia lhe dar. Não havia nenhuma maneira que ela precisava ter um relacionamento com um foragido. Ela poderia cuidar de Strawberry, descobrir todo o alarido sobre o quarto e manter seu coração intacto.

— Eu sei o que você está tentando fazer — disse ele, recostando-se.

— Eu não estou tentando fazer qualquer coisa.

— Se você está curiosa sobre fazer sexo, eu posso te ajudar com isso. Se você pensar por um segundo que você vai me usar, você está errada.

— Você ia me usar.

— Pretérito. Eu posso te comer até o próximo milênio e você passará os dias pensando em quantos orgasmos você realmente teve, mas nem por um segundo ache que você pode me usar. Eu não sou o tipo de homem para ser usado.

Ombros caindo, ela sacudiu enquanto saía da cabine. Ele não se afastou, e colocou-a de modo que ele estava sentado ao lado dela. A parede parou a ida para qualquer outro lugar.

Ele colocou os braços em seus ombros e com a outra mão, ele segurou seu rosto.

— Ninguém pode ver.

— Como você sabia o que eu estava pensando?

— Eu vi sua mente trabalhando e não é difícil de adivinhar. — Ele passou o dedo nos lábios dela e pelo pescoço. Ela esperava ele parar, mas ele não o fez. Movendo-se para a sua camiseta, ele puxou para baixo.

— O que você está fazendo?

— Ninguém vai ver. Estou aqui e você está coberta. Qualquer outra pessoa vai pensar que nós estamos tendo uma conversa particular.

Ela manteve sua mão sobre a dele e olhou em seus olhos.

— Tente olhar por cima do meu ombro.

Leanna tentou olhar, mas não viu ninguém. Crazy a tinha coberta.

Lentamente, ela soltou sua mão. Ele puxou o decote de sua blusa para baixo até que o sutiã que cobria a mama foi exposto. Crazy removeu o sutiã e, finalmente, ele quebrou o contato visual com ela. Seu olhar mudou-se para o mamilo.

Calor encheu sua vagina, deixando-a escorregadia de tanta excitação.

— Você está molhada?

— Sim.

— Eu sei que você está, baby. Seu mamilo está duro, me mostrando que você quer o meu pau. Seu corpo é mais honesto do que seus lábios. Não se preocupe, eu vou tê-la em volta do meu pau em breve.

Ela mordeu o lábio para impedir de se encaixar nele. Ele colocou seu dedo sobre seu mamilo exposto e ela não podia acreditar que ela estava permitindo que isso acontecesse. Seu toque foi acendendo um fogo profundo dentro dela e ela estava com medo de que não fosse ser nada, mas ele poderia aumentá-lo.

Foi por isso que ela tentou mantê-lo afastado. Crazy tinha o poder de fazê-la perder o controle e se concentrar apenas na necessidade.

— Quando estivermos sozinhos, eu vou sugar esses peitos até que você esteja quase gozando. Vamos ter um monte de diversão juntos.

Ele colocou o peito para dentro e se inclinou para tocar seus lábios em um beijo. Ela não lutou contra ele. Não havia o porquê de lutar com ele. Tudo o que ele estava fazendo com

ela, ela queria. Leanna tinha simplesmente negado a si mesma, enquanto outros não.

Capítulo Quatro

Sua refeição foi muito melhor depois que ele invadiu seu espaço, tocando seu corpo a cada chance que ele conseguiu. Havia um lado de Leanna que ela manteve bem guardado dele e ele viu apenas o seu mundo exterior.

Crazy não podia acreditar que ele não tinha visto antes. Havia uma selvageria dentro dela que ele iria explorar.

— Vamos dançar.

Eles tinham compartilhado um prato de asas de frango e molho apimentado. Ele não estava nem perto de satisfeito, mas ele queria dar a Leanna toda a experiência que ela queria.

Tomando-lhe a mão, ele foi para a pista de dança. Na batida pesada, ele segurou suas mãos e balançou ao som da música.

— Eu não danço — disse ela.

Puxando-a para perto, ele deslizou uma coxa entre as suas pernas e levou seus quadris em suas mãos.

— Não escute a música e sim, o seu corpo.

Colocando suas mãos em volta do pescoço, ele a abraçou enquanto a fazia dançar.

Ela era uma mulher sexy, sensual. Balançando os quadris para o lado, ele olhou fixamente em seus olhos.

Seu pênis engrossou quando seu corpo macio foi pressionado contra o seu próprio. Os seios dela eram bonitos e ele não podia esperar para colocar a sua boca neles, ou até mesmo tê-los pressionados no seu pênis.

— Você está se divertindo?

Ela começou a relaxar e seguiu a sua liderança com a música.

— Sim. Está muito divertido.

— Não fique tão surpresa.

Ela riu.

— Isso tem que ser o primeiro encontro que eu realmente já me diverti e nós começamos expondo todas as nossas merdas.

— Eu não vou me esconder de você, ou o clube.

— Você faz parecer como se fosse uma grande orgia.

— Algumas noites é e sim, eu já participei.

Ela começou a brincar com os cabelos na parte de trás do seu pescoço.

— Você precisa cortar o cabelo.

Crazy agarrou a bunda dela com força, empurrando a mão no vinco de sua bunda, fechando em sua boceta.

— Crazy?

— Me acompanhe.

Ele tomou sua mão e levou-a por um longo corredor. Crazy não poderia durar mais um segundo. Pressionando-a contra a parede, ele colocou seus pulsos acima de sua cabeça e tomou posse de sua boca.

Ela tinha sabor de especiarias e do refrigerante de laranja que ela bebeu. Foi uma combinação inebriante e ele queria mais. Leanna suspirou e ele deslizou sua língua, travando as mãos acima da cabeça, quando ele usou a outra para deslizar pelo seu corpo.

— Você quer brincar comigo, Leanna?

— Sim.

— Então, acredito que precisamos ter algumas regras básicas.

— Mais regras?

— Você é a única que queria que eu provasse que eu quero namora-la por ser você. Eu estou fazendo isso. — Ele deslizou sua mão para baixo, até que ele segurou sua boceta por cima de seus jeans. — Não se esconda de mim. A Strawberry não precisa saber que estamos namorando e transando.

— Eu não disse que vou transar com você.

Ele gemeu.

— Porra, você estará falando muito quando meu pau estiver dentro de você, entrando em sua boceta apertada.

Ela engasgou, mas não o empurrou. Havia um incêndio no interior de Leanna e ele estava atiçando.

— Nós vamos foder e você vai adorar cada segundo. Eu vou te dar tudo que você quer e eu vou levá-la.

Ele mordiscou seu pescoço, chupando sua carne.

— Combinado?

— Você toca outra mulher, está acabado.

— Combinado.

Colocando seus lábios nos dela, Crazy selou o acordo. Uma vez que ele terminou de beijá-la, ele não deu-lhe uma chance para recuperar o fôlego. Ele se moveu em direção ao bar, pagou sua conta e foi para o seu carro, afivelou os cintos e voltou para seu apartamento antes que pudesse pronunciar uma palavra de protesto.

— Você está agindo como um louco.

— Eu quero o que eu quero. — Ele pegou sua mão, fechando os dedos juntos. Crazy não a deixaria ir, até ele estacionar o carro em sua vaga. Leanna saiu do carro antes que ele tivesse a chance de ir para o lado dela. Ele passou os braços em volta da cintura e seguiu atrás dela.

As mãos de Leanna tremiam enquanto tentava encontrar a chave. Ele se perguntou quantos homens ela levou para seu apartamento, com a intenção de foder seus miolos.

A noite não tinha começado com ele esperando transar com ela, mas ela ia acabar com seu pau profundamente em sua boceta.

Abrindo a porta, ele a empurrou para dentro e fechou a porta. Agarrando seu braço, ele empurrou-a até a parede. Suas ações fizeram barulho, mas ele não a estava machucando.

Sem esperar a permissão dela, ele empurrou sua camiseta para cima, sobre a cabeça.

— Você estava me seduzindo esta noite.

— Você pediu.

— Agora eu vou provar. — Ele abriu seu sutiã e seus grandes seios ficaram livres.

Colocando as mamas dela em suas mãos, ele passou seu polegar em cada mamilo endurecido. Ela engasgou, empurrando os peitos para ele.

— É isso mesmo, empurre para mim. Eu vou gastar uma grande parte do tempo com estas belezas.

Inclinando-se para frente, ele passou a língua estendida sobre um mamilo e chupou profundamente em sua boca.

Ela gritou, ao mesmo tempo enquanto ele gemia.

Leanna mostrou ser muito melhor do que ele imaginava. Lambendo seu peito, ele esbanjou atenção para o outro mamilo. Com a boca trabalhando, ele abriu seu jeans e começou a empurrar pelos seus quadris.

— Devemos falar sobre isso.

— Terminamos de falar. — Colocando a mão dentro da calcinha, ele passou o dedo em sua boceta escorregadia. — Você está molhada para mim, baby. Você estava resistindo e eu não vou mais deixar você fazer isso. — Mordendo o mamilo, ele assistiu o entusiasmo em seu rosto e soube que havia uma putinha dentro de Leanna. Tudo o que ele precisava fazer era apertar os botões certos e ela pertenceria a ele.

Suz foi uma puta do clube, fodendo cada homem que estava por perto. Leanna era diferente. Ela seria sua putinha e ninguém, jamais, saberia o que ela era.

Colocando dois dedos dentro dela, ele gemeu quando sua vagina se apertou em seus dedos e ele acrescentou um terceiro dedo. Ele queria seu pau dentro dela e pior, não queria usar um preservativo. Crazy estava limpo e ele sabia que Leanna também.

— Quero transar com você.

Chupando o mamilo, ele soltou-o com um *plop* e recuou. Ele não deu espaço suficiente e tirou as roupas, de modo que ele estava de pé diante dela, nu. Não demorou muito. Ele precisava aliviar a pressão em seu pau.

Envolvendo seus dedos ao redor de seu pênis, ele olhou fixamente em seus olhos.

— Você vê isso?

Ela assentiu com a cabeça.

— Isto é o que você faz para mim. Isto não tem nada a ver com a minha filha. Isso é tudo você, Leanna. Cada vez que estou perto você, eu quero te comer. — Tomando-lhe a mão, ele colocou os dedos em seu comprimento.

Passou o polegar na ponta, que estava vazando pré sêmen e colocou-o nos lábios.

— Prove-me.

Ela colocou sua língua para fora e então, ele quase gozou. Foi a visão mais erótica que ele já tinha visto e em todos os seus anos de merda, ele estava dizendo algo.

— Você vai me fazer implorar, não é?

— Eu não sou muito experiente. — Ela apertou seu pênis um pouco mais apertado.

— Não se preocupe. Nós vamos aprender juntos. — Colocou seus dedos no cabelo dela e a levou para o sofá. Não havia tempo para ir em qualquer outro lugar. Eles fariam em uma cama em algum momento, só não agora.

Ele largou-a no sofá, seguindo com ela.

O corpo de Leanna era a porra de um sonho, macio em todos os lugares certos. Ela enchia as mãos, perfeita e ele não podia imaginar ter outra mulher embaixo dele. Os seios dela saltaram e sacudiram com cada uma de suas respirações.

Ele odiava Suz com seu corpo esbelto e esquelético. Crazy entendeu o que Duke, Pike e Raoul viram em suas mulheres. Elas eram mulheres maiores e elas faziam um homem querer voltar para casa à noite.

Colocando a língua em sua boca, ele beijou-a da forma como ele queria. Ele não ia se segurar mais com Leanna. Crazy não iria contra suas regras na frente de Strawberry, mas no momento em que sua filha não estivesse por perto, Leanna pertencia a ele.

Quebrando o beijo, ele arrastou os lábios pelo seu pescoço, os seios. Sugando cada mamilo, Crazy segurou-os juntos, deslizando sua língua entre eles.

— Vou transar com você aqui e você vai adorar.

— Por favor.

— Sh. — Ele não demorou em seus peitos, mesmo que ele quisesse. Eles eram incríveis. Ele iria gastar muitas horas transando com eles. Beijando a barriga, ele molhou o dedo em seu umbigo, antes de ir mais para baixo. Abrindo suas coxas,

ele olhou para sua boceta cremosa e sua boca salivou. Ele nunca se cansaria de lambe-la esta mulher.

Crazy foi circulando cada parte dela. Qualquer sentido que Leanna já tivera desapareceu no momento em que ele começou a tocá-la. Foi por isso que ela tentou mantê-lo afastado. Ele não era como qualquer um dos outros homens que ela tinha estado. Ele era apenas... masculino. Não havia uma parte fraca nele.

Crazy não tinha medo ou vergonha de quem ele era e o que ele gostava, tomava e dava com igual medida.

Olhando para baixo, para onde ele estava olhando, Leanna mordeu o lábio. Ele estava olhando para sua boceta.

Seguiu para baixo, colocando os lábios de seu sexo aberto e Leanna engasgou quando ele rapidamente lambeu de sua entrada até o clitóris. Choramingando, ela caiu no sofá só para se levantar quando ele invadiu sua boceta com a língua. Não havia nenhuma maneira que um homem deveria saber como fazer uma mulher implorar. Isto não era justo. Agarrando os cantos de seu sofá, ela gemeu.

Ela teria que lavar o tecido. Seu creme vazou pela sua boceta, escorrendo da rachadura de sua bunda e parou no sofá.

— Você tem um gosto perfeito.

Gemendo, ela começou a empurrar, para encontrar sua língua. Seus dedos foram provocando seu clitóris, batendo dentro dela, alternando com a língua.

Seu orgasmo cresceu, assustando-a com a rapidez como que ela chegou a ele.

— É isso aí, dê para mim.

Ele mordeu em seu clitóris. A dor explodiu ao mesmo tempo que o prazer de seus dedos acariciou seu ponto G no ângulo certo.

Gritando, Leanna gozou, tomada completamente de surpresa pela intensa onda de prazer. Crazy não parou por aí. Ele prolongou seu orgasmo quando ela não aguentava mais.

Crazy se levantou sobre seu corpo.

Colocando as mãos sobre o peito, ela fez uma pausa.

— Eu não vou embora com bolas azuis.

— Você precisa de um preservativo. Eu não estou protegida. Eu poderia ficar grávida.

Ele saltou sobre o sofá e dentro de um segundo, ele estava com um preservativo com tal eficiência que ela não queria pensar sobre isso. Crazy moveu entre as coxas, alinhado a ponta de seu pau em seu núcleo e estava prestes a penetrá-la quando seu celular tocou.

Leanna gemeu.

— Esqueça isso — disse ela.

— Eu não posso.

Havia Strawberry para pensar e por uma fração de segundo, ela tinha esquecido. Crazy amaldiçoou e se afastou. Seu pênis ainda estava duro como uma rocha e Leanna se sentou. Com cada passo que dava, sua mente ficava mais clara. Na maioria das vezes, ela viu o perigo que era estar com Crazy. Ele tinha muito poder, o poder de quebrar o coração dela e esmagá-lo de uma maneira que nenhum homem tinha. Só que desta vez, ela não viu o perigo quando ela olhou para ele. Ela viu que o prazer tinha de ser a diversão. Todos os tipos de diversão que ela quis com o marido e os namorados que ela teve.

— Olá. Merda. Ela está bem? Não, eu vou buscá-la. —
Crazy desligou o telefone.

Agarrando um travesseiro, Leanna colocou na frente dela.

— Qual o problema?

— Strawberry está doente. Ela está vomitando o jantar e eu preciso ir buscá-la. Holly estava mais do que feliz ficar com ela, mas ela estava me chamando.

— O dever te chama.

Crazy colocou o telefone na mesa de café e sentou-se ao lado dela. Ela gemeu quando ele afundou seus dedos em seu cabelo e pressionou seus lábios nos dela.

— Crazy?

— Eu tenho que ir, baby. Eu prometo que vou voltar.

— Eu era a única que fugiria.

— E você vai ser a única certificando-se de que eu saí quando foi a hora certa. — Ele apertou outro beijo em seus lábios e gemeu. — Se eu não tivesse que ir eu estaria profundamente dentro de sua vagina nesse momento.

Esta foi a sua vez de gemer.

— Não diga coisas desse tipo.

— Você ama isso.

Ela tocou seu rosto e pressionou seu rosto no dele.

— Pare.

— Você está certa. Eu tenho que ir.

Ele levantou, indo trás do sofá, em direção à pilha de roupas. Não sendo possível simplesmente sentar lá, Leanna o seguiu, puxando sua roupa de baixo e roupas.

Eu não quero que ele vá.

Agarrando sua camisa, ela olhou para ele, mordendo o lábio.

— Você gostaria que eu fosse com você?

— Nah, eu não esperaria um encontro desses. Strawberry está doente, por isso vai ser ruim.

— Eu não estou perguntando como seu encontro.

Eu estou perguntando como a sua mulher. Veja, isso é o que você começa quando você tenta ser um burro esperto.

— Estou perguntando como sua amiga.

— Você não tem que vir.

— Eu sei e essa é uma das razões pelas quais eu não quero ficar.

Ele soltou um suspiro e acenou com a cabeça.

— Só se você quiser vir. Eu não vou forçá-la.

— Estou indo. Eu não gosto da ideia de Strawberry estar doente.

Eles terminaram de se vestir. Leanna o seguiu para o carro e não muito depois, eles estavam em frente à casa de Holly. Ela viu a preocupação que ele tinha por sua filha e isso a deixava ainda mais ansiosa.

Ela nunca esteve no rancho antes. No momento em que o viu, Leanna se apaixonou por ele. Isto era uma casa grande, bonita e os pontos de vista eram além da comparação, uma vez que se esqueceu das muitas paisagens de Vale Valley.

— Ela está no sofá — disse Holly, abrindo a porta.

Seguindo atrás de Crazy, ela mordeu o lábio enquanto Holly deu um sorriso, saindo da porta.

— Eu espero que eu não tenha interrompido seu encontro.

— Está tudo bem. — Suas bochechas aqueceram e Leanna viu o brilho nos olhos da outra mulher. Merda, apenas

uma vez ela adoraria que seu corpo não respondesse a um olhar compreensivo.

— Strawberry tem perguntado por você e o pai dela.

Indo para a sala de estar, Leanna viu Mary sentada em frente a menina que olhava preocupada.

— Duke levou Michael em um acampamento e Pike teve de executar uma missão para o clube — disse Holly.

— Eu não sabia mais o que fazer e ela estava querendo tanto vocês.

— Ambos? — Disse Leanna.

No momento em que a menina viu, seus olhos se iluminaram. Strawberry correu para fora do sofá, jogando-se para ela. Pegando-a, Leanna abraçou-a, sentindo sua temperatura.

— É melhor levá-la para casa. Ela provavelmente pegou algo no parque. — Eles agarraram sua mochila, disseram adeus às mulheres e foram para o carro. Ela se sentou na parte de trás, segurando Strawberry perto enquanto Crazy dirigia. Foi um pouco depois das dez horas que chegaram ao apartamento de Crazy.

Ela carregou Strawberry para seu quarto, sentou-se com ela e esfregou suas costas.

Ela amava o quão natural era para ela e Crazy cuidar de Strawberry. Mais uma hora, Strawberry adormeceu. Saindo de seus braços, ela foi com Crazy para a sala de estar.

Nos meses que Suz tinha ido embora, o apartamento foi transformado. Ela sempre ficou chocada com a aparência sem graça, quase úmida do local. Crazy tinha mudado os móveis, dando-lhe uma aparência mais moderno. As paredes foram pintadas de creme e os tetos de branco.

— Você acha que ela pegou algo no parque?

— Outras crianças estavam lá e se eles estavam mal, não demorou muito para se espalhar. — Ela encolheu os ombros, pressionando o dorso da mão na boca.

— Merda, você está cansada.

— Eu vou para casa. Gostei muito desta noite.

Ela estava passando por ele e ele a segurou pelo braço.

— Não vá.

— Crazy?

— Eu tenho uma cama. Não temos de foder e não se trata de Strawberry. Vou me certificar de que eu me levante para cuidar dela. Eu só, eu não quero que esta noite chegue ao fim e eu quero estar com você.

Incapaz de negar-lhe, ela balançou a cabeça e seguiu para o quarto.

— Eu mudei a cama e colchão. Eu não queria ter qualquer coisa que Suz tinha tocado.

— Você limpou todos os vestígios do apartamento.

— Estou procurando uma casa, mas eu ainda tenho que encontrar algo adequado. Eu quero dar um lar a Strawberry que ela ame.

Ele foi até algumas gavetas no final do quarto.

Crazy virou segurando uma camisa.

— Você pode usar isso. O banheiro é ao lado do corredor.

Ela pegou sua camisa.

— Eu vou apenas tomar um banho.

De pé no chuveiro de Crazy, Leanna ficou sob o jato de água e gemeu quando o calor passou pelo seu corpo. Eles

moravam em um prédio decente, então eles raramente tinham que se preocupar em acabar a água.

Os acontecimentos da noite passaram pela sua cabeça e ela apertou a mão entre as coxas, tocando sua boceta. Ela queria Crazy dentro dela.

Pare, Leanna.

Removendo a mão dela, ela terminou, ficando limpa e encontrou a toalha mais próxima, limpando a água dos olhos. Crazy estava sentado na ponta da cama, quando ela voltou vestindo sua camisa.

— Como estou?

— Você está gostosa.

Ela deu um sorriso e de repente, necessitou bocejar.

— Hora de dormir.

Ele puxou o cobertor.

— Eu vou estar de volta em um momento.

Subindo na cama, ela passou as mãos sobre a cama. Olhando para o seu travesseiro, ela o agarrou e inalou seu perfume masculino. Cheirava a ele e o cheiro a acalmou.

Estou deitada na cama de Crazy, cheirando o travesseiro como um maldito cão.

Se Suz a visse agora, a outra mulher iria rir dela.

Deitada na cama, ela não teve de esperar muito por Crazy se juntar a ela. Seu cabelo estava molhado quando se deitou e por alguns segundos, eles olharam um para o outro.

Ele tocou seu rosto, acariciando os lábios com um dedo.

As palavras não eram necessárias e Leanna fechou os olhos, tentando dormir.

Capítulo Cinco

Daisy olhou para seu telefone quando ele estava sentado no bar. A sexta-feira à noite e a fodida festa já tinha mudado no andar de cima e a única boceta esperando perto do bar estava cansada, acabaram as bocetas. Abrindo seu telefone, ele olhou para o retrato de sua irmã, Beth e sua melhor amiga, Mary.

Sua irmã era linda. Cabelo loiro, olhos azuis e ela tinha a aparência da garota-da-porta-ao-lado. Ela era doce e ele sabia que os caras iriam querer transar com ela. Daisy não era um idiota. Ele não gostou do pensamento de qualquer bastardo estar perto de sua irmã, mas ele não era um hipócrita. Mary, no entanto, foi a mulher que prendeu a atenção. Ela tinha cabelos longos, pretos e nesta fotografia, ela tinha acabado de completar dezenove anos. Sua irmã tirou a foto e enviou para ele.

Ele tinha uma boa amizade com a irmã e a adorava.

— Qual o seu problema. Parece que uma cadela que se recusou a chupar seu pau? — Knuckles perguntou, sentando ao lado dele.

— Minha irmã, Beth. Ela deveria vir para o verão.

Knuckles assobiou.

— Doce.

— Não.

— Acho que sua irmã não é a razão que você está olhando todo perturbado.

Rangendo os dentes, Daisy tomou um gole de sua bebida.

— Não, ela não é.

Knuckles bateu no balcão e estalou a língua.

— Ok, estou supondo que esse doce pedaço de bunda é a razão de você estar miserável e agindo como um maricas.

— Eu não tenho agido como um maricas.

— Cara, você está agindo como um maricas e todos sabem disso.

Batendo a mão no balcão, Daisy estava prestes a sair, mas Knuckles empurrou, recuando.

— Sente-se aí, porra.

— Eu não tenho que seguir a porra das suas ordens.

— Eu não estou aqui para lhe dar ordens. Estou para oferecer um conselho, ou, pelo menos, a opção de falar com você.

— Você não tem nada a dizer para mim que vai me fazer sentir melhor.

— Eu não estou aqui para fazer você se sentir melhor. Estou aqui para colocar alguma realidade no seu problema. — Knuckles agarrou a garrafa de uísque por trás do balcão.

— Não há nenhuma realidade.

— Sim, existe. Você está preocupado com uma mulher que pode até não ser como você.

— Mary não gosta de mim.

— Você vai forçar uma mulher?

— Não. Eu nunca faria isso. — Daisy foi repellido com o pensamento de forçar uma mulher. Ele não acreditava em forçar para ter o que ele queria. Havia mais do que suficientes bocetas dispostas no clube.

— Então você pode estar preocupado com Mary e ela pode ter um namorado, ou ainda, ter uma queda por você, ou qualquer coisa. Tire sua cabeça fora de sua bunda, seja um

irmão mais velho e dane-se o amor, pare de se deprimir. Você está dando ao nosso clube uma reputação ruim.

Revirando os olhos, Daisy pegou a garrafa de sua mão. Knuckles tinha colocado um pouco de perspectiva em seu problema. Ele deveria cuidar de Mary e Beth. Não havia necessidade de começar a se preocupar com o que se esperava dele.

Ele gostava de variar suas bocetas.

— Eu tenho que dizer, Beth com certeza é uma boceta doce. Ela saindo com alguém?

— Você não está ficando perto da minha irmã, idiota.

Ele tinha fodido muitas mulheres com Knuckles. O próprio pensamento de sua doce irmã com um homem como Knuckles o fez estremecer.

Subiu, foi para o quarto dele e viu Bee saindo do quarto de Pie. Envolvendo os braços em sua cintura, ele a pegou por cima do ombro e levou-a para o seu quarto. Bee gritou e ele bateu em sua bunda.

— Você vem, Knuckles? Eu encontrei uma boceta que está precisando de alguns paus. — Bee gemeu e o perfume de sua vagina era fácil de detectar.

Ele adorava bundas-doces. Elas eram tão fodidamente fáceis e elas não exigiam qualquer trabalho. Todas as vagabundas rondando o clube não faziam qualquer um dos irmãos trabalharem para elas e ele amava o clube por isso. Ele tornou tão fácil de compartilhá-las e seguir em frente. Bee já tinha tomado a sua parte de pau do clube.

Mary.

Daisy sabia que ela era uma virgem.

Ele não teria tempo para treinar uma virgem.

Descartando Bee na cama, ele deslizou os dedos em sua boceta. Ela estava solta pra caralho, mas seu pau era grande o suficiente para encher sua boceta. Sua bunda não foi utilizada tanto assim. Ele tomaria isso e sua vagina seria apertada o suficiente para Knuckles.

Crazy abriu os olhos e olhou para o rosto adormecido de Leanna. Ela parecia tão calma e ele prometeu-lhe que não iria acordá-la. Strawberry tinha acordado três vezes durante a noite, vomitando.

Ela queria Leanna, mas ele fez sua promessa de não acordá-la.

Ontem à noite foi o melhor e pior de sua vida. Ele tirou um pouco o cabelo fora de seu rosto e observou enquanto ela se aconchegava mais perto dele.

— O que vou fazer com você?

O que tinha começado como uma babá para sua filha, tinha se transformado em outra coisa.

Leanna tinha o poder de ficar sob a sua pele e em seu coração. Ele não gostou e nem sequer queria pensar sobre isso.

Saindo da cama, ele foi para o banheiro. Depois de usar o sanitário e lavar suas mãos, ele jogou um pouco de água no seu rosto. Olhando para seu reflexo, Crazy viu um homem que ele não tinha visto por muito tempo. Ele parecia um pouco são. Passando a mão pelo rosto, ele limpou o restante do sono.

— Você gosta dela? Você ama ela?

Ele gostava de Leanna. Será que ele a amava? Crazy gostava de estar perto dela, mas a noite passada tinha mostrado a ele que realmente não sabia nada sobre ela.

Saindo do banheiro, ele foi em direção ao quarto de Strawberry.

Sua menina estava sentada no chão, brincando com suas bonecas.

— Como você está se sentindo?

— Melhor.

Sentado no chão, ele pegou uma boneca e começou a falar com uma voz feminina.

Strawberry riu, indo se sentar em seu colo.

— Papai, você ama Leanna?

— Sim.

— Você vai se casar e transformá-la em uma princesa?

Crazy sorriu.

— Você acha que eu tenho o poder de transformá-la em uma princesa?

— Sim. Quando você se casa com uma garota, ela é uma princesa.

Beijando a sua cabeça, ele a viu brincando por um tempo.

— Eu gosto de Leanna. Eu realmente gosto dela. Vai ser uma boa menina e convidá-la para jantar conosco hoje?

— Será que eu tomarei um sorvete?

— Você está negociando comigo?

— Eu tenho escola. Eu preciso aprender.

— Metade de uma noite com Holly e Mary e você está negociando comigo. Sim, você terá sorvete de creme.

— Um brinquedo?

— Você está pressionando.

Ela apertou os lábios e Crazy sorriu.

— Sem brinquedo, você tem o suficiente. Trabalhe seus encantos em Leanna. Deixe que ela saiba o quão incrível pai eu sou.

— Me compre um brinquedo.

Beliscando seu nariz, ele deu uma batidinha.

— Se troque e eu vou fazer o café da manhã.

Se levantando, ele foi para a cozinha. Ovos e bacon estavam na geladeira e ele encontrou algumas batatas fritas no congelador.

Ele começou a cozinhar quando o celular dele tocou. Sem olhar quem era, ele respondeu.

— Crazy.

— Eu preciso de dinheiro.

Tenso, ele olhou para seu telefone e viu que ele não reconheceu o número.

— Merda, Suz. Você tem que estar brincando comigo.

Ele estava tão irritado que ele quase quebrou seu telefone. Apenas o fato de que ele quebrou vários telefones no ano passado o fez parar.

— Eu não tenho porra nenhuma. Você quer que eu mantenha minha boca fechada, você vai pagar.

— Não pense que você pode me ameaçar, prostituta.

— Devo a escola de Strawberry este ano. Não há nada que me impeça de tirar o meu pobre bebê da escola.

— Você tem um desejo de morte do caralho.

— Eu quero dinheiro e eu não me importo. Basta trazer para mim.

Ela desligou. A raiva cresceu dentro dele e rapidamente discou para Duke. Ele estava indo terminar com Suz no

momento em que a visse. Não havia nenhuma maneira que ele ia ser chantageado por uma maldita vagabunda cada vez que ela queria um pouco de dinheiro.

— O quê? — Duke gemeu.

— Você está me traindo?

— O quê? Merda, não. Você sabe como é ir acampar em um colchonete? Merda, eu sou velho. Minhas costas estão me matando.

Contra todas as probabilidades, Crazy riu.

— Por que você ligou? — Perguntou Duke, gemendo um pouco mais.

— Acabei de receber um telefonema de Suz.

— O que quer a vagabunda? Será que ela não compreendeu as advertências que lhe deu?

Crazy suspirou. *Aparentemente, não.*

— Eu não estou dando-lhe dinheiro. Ela precisa ser tratada. Ela ameaçou levar Strawberry para longe de mim e ninguém ameaça levar a minha filha e fica por assim.

— Você está pronto para tomar sua vida?

— Você tirou a vida de sua ex.

— Minha ex quase matou Holly e ela era uma cadela e determinada a foder o clube. Eu não hesitei. Você hesitou.

— Estou pronto para matá-la. Eu estava pronto para fazê-lo da última vez.

Duke suspirou.

— Não é fácil tirar uma vida. Vou ligar para Pike e nós vamos lidar com isso como assunto do clube.

— Me avise quando você quiser a missa.

— Você sabe onde Suz está?

— Não. Ela vai sair do esconderijo para o dinheiro.

— Então nós vamos lidar com ela. Fodida maneira de começar o fim de semana.

— Vejo você em breve, irmão. — Desligou e encostou-se ao fogão. Ele estava com tanta raiva. — Calma. — O próprio nome dele já mostrava o quão louco ele fica quando sua ira leva o melhor dele. Ele estava tão irritado e ele não queria deixar Leanna vê-lo assim. Ele nunca tinha descontado em Strawberry.

Depois de vários minutos de respiração profunda, ele finalmente ganhou o controle e começou a fritar alguns bacons.

Strawberry foi para a sala de estar e ele assistiu ela ligar a televisão.

Ele realmente necessitava uma casa grande o suficiente. Strawberry merecia a chance de correr para fora, jogar e explorar, não estar presa em frente da televisão.

Ele não confiava em mandá-la fora no gramado parque perto do edifício. Havia gente doente lá fora.

O bacon estava escaldante e o pão estava torrado, com os ovos mexidos mantidos quentes, quando Leanna foi para a cozinha. Ele viu que ela estava usando seu jeans e sua camiseta.

Ela colocou o cabelo atrás das orelhas e sorriu para ele.

Leanna parecia tão... pura. Se ela não gozasse tanto com os seus dedos ontem, ele não iria acreditar que era a mesma mulher olhando para ele. Ela olhou na direção de Strawberry e tomou assento.

— Será que ela acordou?

— Algumas vezes. Eu prometi que iria deixá-la dormir e eu mantive a promessa.

— Você não precisava.

— Ela é minha responsabilidade. Eu não tenho problemas. Além disso, eu gostei de assistir você dormir.

Ela revirou os olhos.

— O que você tem cozinhado lá?

— Café da manhã.

Ele levou tudo para a mesa e chamou Strawberry para se juntar a eles. Foi uma experiência surreal, comer o café da manhã como uma família. Crazy raramente se sentava no café da manhã.

Dando a Strawberry um toque na perna, ele viu sua pequena menina em ação.

— Você tem que vir jantar conosco, Leanna. Papai vai me comprar sorvete e um brinquedo.

Um pouco atrevida.

— O quê? — Perguntou Leanna, olhando dele para Strawberry.

— Eu prometi a Strawberry que eu a levaria para jantar e tomar sorvete. *Se* ela for boa o suficiente, ela vai ganhar um brinquedo.

— Vai ser divertido — disse Strawberry.

— É seu último verão antes da escola.

Ele viu que Leanna estava desabando.

— Certo. Por que não?

— Boa.

Strawberry foi escovar os dentes e Crazy começou a mexer na louça.

— Você fez isso — disse Leanna.

— O quê? — Perguntou ele, concentrando-se nos pratos na frente dele. Como ela sabia?

— Eu estou feliz por sair para jantar com você e com Strawberry. Você não precisa usá-la para me manipular. Além disso, ela tem muitos brinquedos.

— Você acredita que eu disse a ela, não para o brinquedo e sim para o sorvete?

— Eu sinto muito por seus professores. Se não tiver cuidado, ela vai estar correndo em ringues para conseguir o que quer.

— Eu não posso reclamar. Ela é a minha menina.

Leanna riu e ele estendeu a mão, passando o dedo através em seu lábio inferior.

— Hoje à noite, eu não posso convidá-la para passar a noite.

— Eu não espero que você seja livre. — Ela mordeu o lábio e tudo o que ele queria fazer era mordê-lo. — Você tem responsabilidades e eu respeito. Eu adoro Strawberry.

— Pode ser domingo à noite?

— Todos nós juntos?

— Não, eu posso colocar um dos rapazes para cuidar das crianças. Eu quero terminar o que começamos ontem à noite.

— Droga de vinte e quatro horas.

Ele não poderia concordar mais.

Pegando em sua bochecha, ele puxou-a para perto e juntou os lábios nos dela.

— Strawberry? — Ela falou entre beijos.

— Vai levar trinta minutos para escovar seus dentes. Eu tenho que te beijar.

Colocando sua língua em sua boca, ele afundou os dedos em seus cabelos e com a outra mão, ele colocou seus dedos por baixo da camiseta para tocar seus seios.

Ela era suave e ele gemeu com o toque dela.

— Eu tenho que ir e me preparar — disse ela.

— OK. Vou buscá-la em três.

Ele manteve a mão dela, vendo-a sair de seu apartamento. Crazy não gostava de vê-la a pé. Ele precisava levá-la para ficar com ele e estava disposto a fazer o que fosse necessário para acelerar o processo.

Ela não está tomando pílulas.

Crazy fechou a porta e não gostou da forma como os seus pensamentos estavam indo. Se ele não conseguisse qualquer outro lugar com ela, ele poderia, pelo menos, engravidá-la e reclamá-la assim. O próprio pensamento deixou um gosto amargo na boca, mas era uma opção.

O jantar acabou melhor do que Leanna pensou que seria. Ela gostava de se divertir e mesmo que chamou a atenção de vários clientes, ela ainda teve diversão.

Crazy era atencioso e Strawberry era uma menina maravilhosa. Por alguns segundos, ela poderia fingir que a

família era de fato dela. Ela sempre quis uma família e sonhava com uma desde que ela era pequena.

Leanna queria uma grande família com vários filhos. Relacionamentos fracassados tinham esmagado essa necessidade de crianças, um homem para amar.

Ela deixou Crazy e Strawberry depois do jantar, voltando para seu próprio apartamento para limpar e apenas tentar levantar suas defesas. Nada parecia funcionar, embora. Cada vez que pensava em Crazy, ela imaginava como seus lábios estavam em sua pele, em sua vagina e isso fez com que ela quisesse mais dele.

Quando ela terminou de limpar sua sala de estar e lavar as capas de seu sofá, ela chegou a trabalhar em sua cozinha, em seguida, seu quarto. Uma vez que todo o apartamento estava limpo, ela sentou-se na cadeira e olhou para o local que a fez enfraquecida pelo toque de Crazy.

Em vez de se resguardar, ela estava cedendo.

Decidiu não assistir televisão, foi para a cama cedo, apenas para acordar no domingo mais cansada do que na noite anterior.

Amarrou seu cabelo no topo da sua cabeça, vestiu um short marrom e um top alto. Estava cada vez mais quente e ela ligou o Ar Condicionado para tentar esfriar.

Ela verificou seus e-mails, para encontrar várias atualizações à sua espera. Houve uma oferta pública de sucesso para aquisição de uma empresa digital e um monte de outras palavras que ela não entendia. Foi por isso que ela nunca faria isso no mundo corporativo. Ela sempre quis uma pequena cidade e ser esposa e mãe.

Por volta do meio dia, quando ela estava prestes a fazer o almoço, sua campainha tocou.

Abrindo a porta sem olhar quem era, ela viu Crazy no outro lado. Havia um momento em que ela apenas o via todos os dias. Suz trazia Strawberry para o apartamento, ou não se incomodaria de buscá-la.

— Então, solicitaram que viesse convidá-la.

Ela franziu a testa olhando de Strawberry para Crazy.

— Me convidar para quê?

— Para o churrasco. Holly me chamou. Todos os caras levam um pouco de carne e estão à espera de nós. Você gostaria de se juntar aos Trojans para o jantar?

— Por favor, Leanna, por favor.

— Eu não tenho nada melhor para fazer. Deixe-me trocar.

— Você está bem do jeito que está.

Olhando para seus shorts e top, ela balançou a cabeça.

— Eu não estou uma bagunça?

— Não. Você vai se encaixar bem, posso garantir isso.

Mordendo o lábio, ela tocou sua cabeça e não podia acreditar quão nervosa ela sentia-se repentinamente. As mulheres do clube eram todas mulheres bonitas, sensuais. Leanna não era uma mulher sexy. Ela tinha falta de sexualidade e de todas as coisas femininas.

— Você tem certeza?

Se aproximando dela, ele pegou sua mão, passando o dedo em seu pulso.

— Você está perfeita.

A maneira como ele olhou para Leanna não deixou dúvidas de que ele falava a verdade.

Ele não estava tentando envergonhá-la.

Pegando as chaves, ela o seguiu para fora.

— Daisy vai nos pegar.

Ela nunca tinha superado que um cara era chamado como uma flor. Simplesmente não parecia certo para ela, mas ela não conhecia o cara.

Saindo, ela seguiu junto com Crazy e viu uma minivan estacionar até deles.

— Vamos, otários, hora de comermos.

Ela adivinhou que era Daisy. Ajudando Strawberry no banco do carro, ela deu a volta no carro e quando ela chegou à porta, Crazy deteve, segurando-lhe o braço e puxando-a longe. Ele a surpreendeu ainda mais quando ele abriu a porta, ajudando-a a entrar. Crazy também prendeu o cinto.

— Eu posso fazer isso — disse ela.

— Eu queria. — Ele roçou os lábios em sua bochecha e por uma fração de segundo, o resto do mundo caiu.

— Vamos, pássaros do amor — disse Daisy.

Crazy sorriu, afastando de Leanna e ela queria bater em Daisy. Durante toda a manhã, pensou nos lábios de Crazy e os queria nos dela, reivindicando ela. Ontem à noite, seus sonhos

tinham sido preenchidos com imagens de Crazy e o que ele poderia fazer para seu corpo.

Se ajeitando no assento, ela olhou pela janela enquanto ouvia Daisy e Crazy falar sobre tudo e nada. Strawberry estava brincando com sua boneca e Leanna passou a assistir a menina, olhando pela janela, em seguida, novamente.

— Quando é que Beth e Mary chegam?

— Mais tarde hoje à noite ou amanhã de manhã.

— Tem certeza de que você está feliz por ter Strawberry?

— Você está brincando comigo? Ela vai me dar uma razão para ficar fora do caminho da minha irmã. Ela não vai gostar de estar sendo cercada por seu irmão mais velho.

— Ela se hospedará no clube?

— Sim. Duke tem tudo resolvido. Os caras a conhecem e eles sabem que devem manter suas mãos para si. Eu vi que Knuckles estava olhando para a foto dela e eu não gostei disto.

Crazy riu.

— Knuckles está provavelmente zoando você. Você sabe que ele está no lado mais escuro de tudo.

— Ele pode ficar longe da minha irmã.

Olhando para trás, olhou para Strawberry, a menina parecia feliz sobre isto. Leanna não podia evitar, mas gostava de se sentir como uma família.

A sensação de solidão se instalou na boca do estômago, deixando-a desconfortável.

Não demorou antes que eles estivessem estacionando no clube Trojans MC. Ela nunca esteve no clube antes e nunca quis. Havia várias motos alinhadas ao longo de uma parede. O estacionamento era grande e tinha uma oficina mecânica ao lado e ela viu que a loja estava fechada.

Alguns carros estavam estacionados e o aroma de churrasco era pesado no ar.

— Melhor eles não estarem grelhando ainda, porque eu tinha que te buscar — disse Daisy.

Saindo do carro, ela seguiu atrás de Crazy. Depois de alguns passos, Crazy parou e tomou sua mão.

— Os caras não vão morder.

Música estava tocando no fundo e quando eles contornaram o edifício, ela viu quando Strawberry gritou e correu para a área de recreação das crianças. Ela viu Matthew jogando bola em um aro do lado do edifício. A maioria dos membros do clube estavam espalhados pelo grande quintal.

Haviam vários bancos e ela viu Holly e Mary andando, carregando bandejas de pães, que foram colocados em várias mesas.

Mary soltou um grito quando um cara a puxou para seu colo, beijando o pescoço dela.

— Essa é Mary e Pike. Eles estão casados a quase um ano e tem uma menina.

Ela assentiu com a cabeça, reconhecendo o casal.

— Vamos, é hora de apresentá-la. — Ele apertou a mão dela um pouco mais apertado, quando eles foram para uma das mesas onde Holly se sentou.

Leanna reconheceu o menino Drake sentado no colo de um emburrado. Ela não tinha dúvidas que ele era o presidente do MC. Sua reputação o precedia. Ele era tão assustador e ela nem o conhecia.

— Esse é Duke segurando seu filho Drake. É confuso pra caralho, mas essa é a maneira que Holly queria isto.

— Ei, meu rapaz saiu um Drake. Eu não poderia evitar — disse Holly, pressionando um beijo superficial no rosto de menino.

— Esses são Russ e Sheila. Russ costumava ser o presidente deste lugar antes que ele entregasse a Duke.

— Prazer em conhecê-lo — disse ela.

— Seria bom saber o nome da mulher — disse Russ.

— Esta é Leanna.

Ela estendeu a mão, cumprimentando cada um deles.

— Prazer em conhecê-los.

— Você é uma daquelas garotas boas, não é? — Disse Russ, olhando-a de cima a baixo.

— Eu, erm, eu não sei se eu seria considerada uma boa menina, mas eu faço o meu melhor.

Russ riu.

— Sim, essa menina é um tesouro, Crazy. Já era tempo de você encontrar uma mulher que valesse a pena.

Uau, ela não podia acreditar que eles diriam isso a Crazy e quando ela olhou para trás, Crazy já estava sorrindo.

— Ela realmente é.

Ele envolveu sua mão ao redor da cintura e começou a acariciar seu quadril. Ela estava um pouco envergonhada com

ele a tocando, porque ela não tinha uma barriga lisa ou músculos tensos. Leanna reparou nas bundas doces ao redor. Elas eram as únicas mulheres que se sentaram à mesa e elas estavam de olho em alguns dos homens. Além disso, nenhuma tinha os caras por perto, mostrando reivindicação. Holly tinha Duke, que estava constantemente tocando-a. Mary e Pike eram todos uns sobre os outros e Russ segurava a nuca de Sheila.

Haviam vários outros casais, mas Crazy se sentou à mesa com Russ e Duke.

— Essa grade está pronta para ser usada, baby — disse Holly.

— Vá e pegue-me um pouco de carne e eu vou começar a grelhar.

— Posso ajudar? — Perguntou Leanna. Ela odiava não ser capaz de fazer algo e de estar com vários de homens, enquanto Holly saía para trabalhar, não se preocuparam com ela.

— Certo. Vamos. Mary, pare de namorar e vem me ajudar.

— Veja o que você me conseguiu — disse Mary, batendo Pike no ombro.

— Baby, com a sua bunda, não fico em apuros. Você sabe que eu não posso resistir a essa bunda. — Ele beliscou mais uma vez e as bochechas de Leanna inflamaram na luxúria aberta que Pike estava mostrando.

Entrando na cozinha do clube, Leanna se apaixonou. Ela viu de imediato que esta era a cozinha para todas as mulheres.

— É um sonho, não é? — Perguntou Holly. — Duke e os homens amam a sua comida e eu estou mais do que feliz em fornecê-la.

— Nós temos nosso próprio blog de culinária e é tão bom — disse Mary.

— Vocês duas parecem felizes.

— Estamos. Quero dizer, como não poderíamos? Nossos homens nos amam. Com os Trojans, estamos protegidas e nós somos como uma grande família feliz. — Isso veio de Mary.

— Raoul está ficando com fome e Landon está se mijando. — Uma mulher com cabelo vermelho entrou na cozinha.

Todas as três mulheres estavam usando vestidos de verão até seus joelhos. Ela notou que nenhuma delas estavam excessivamente vestidas, ou de vestidos para a ocasião.

— Qualquer uma de vocês não está preocupada com essas mulheres... — ela parou de falar e o silêncio se instalou.
— Sinto muito. Isso não é da minha conta.

— As bundas-doces, ou as prostitutas do clube, são para os homens que não são casados e querem uma foda fácil. — disse Holly. — Eu não vou mentir, elas me irritam às vezes. Elas acham que tem direito porque estão aqui, mas elas não são de propriedade do clube do jeito que somos.

— O que você quer dizer? — Perguntou Leanna, voltando sua atenção para as mulheres que estavam tentando ganhar a atenção de vários membros do clube.

— Velhas senhoras, como eu, Mary e Zoe, pertencemos a um dos membros, assim, nós temos o respeito dos homens. Estamos protegidas e ninguém mais vai nos tocar.

— Se você é uma daquelas mulheres, não há um só homem. Quem quer você, a leva e você tem que aceitar isso. Nenhum homem vai chamá-la de velha senhora e nenhum homem vai lutar com um membro do clube por elas. Elas são como vida, respiração, boqueteiras. Elas estão sem proteção, é isto.

Leanna não sabia se ela gostou do que ela tinha acabado de aprender, mas pelo menos, Crazy nunca chamou ela de prostituta do clube.

Talvez ainda houvesse esperança.

Capítulo Seis

— Ela é uma protetora, Crazy. — disse Russ.

— Você não deveria usa-la para ser uma mãe para Strawberry. Não é justo — Sheila disse.

— Eu não estou usando-a. Acredite ou não, eu realmente gosto dela. — Crazy gostava dela. Ela era diferente de qualquer uma das outras mulheres com quem esteve e olhando de relance para as prostitutas do clube, ele sabia que ela não era como elas.

Ele não queria nenhuma dessas vagabundas conversando com Leanna. O que quer que elas tinham a dizer, era para ser mantido para si mesmas.

— Elas sabem que devem manter a boca fechada, certo?

— Sim — disse Duke. — Eu conversei com elas e elas sabem como ficar em silêncio.

— Elas querem permanecer no clube, então elas devem ficar em silêncio, ou elas sumirão. Sem segundas chances.

Duke estava irritado com as prostitutas do clube, especialmente com Suz tentando influenciá-las. Desde que

Duke tinha casado com Holly, ele nem se incomodou em tocar as prostitutas do clube, por isso ele estava cansado delas constantemente causando problemas.

— Falando de segundas chances, o que vamos fazer para lidar com Suz? — Perguntou Russ. — Duke me informou que ela está exigindo mais dinheiro ou ameaçando tomar Strawberry quando ela começar a escola.

— É esta a minha deixa para sair? — Perguntou Sheila.

Russ pegou a mão dela.

— Não, querida. Você precisa estar aqui.

— Eu disse que Suz seria um problema quando ela veio para o clube e ela provou isso.

Suz foi uma prostituta do clube quando Russ era o presidente.

— Eu sei e eu sinto muito.

Sheila balançou a cabeça.

— Não há muita coisa que você possa fazer sobre ela. Ela está claramente tendo um desejo de morte, ou ela realmente acha que não tem uma chance de conseguir o que quer.

— Ela é apenas uma cadela que está testando a sua sorte. Não, Suz não tem um poder sobre este clube, então ela está indo para a minha filha. Eu não quero tê-la perto da minha menina.

— O que Leanna sabe sobre ela? — Perguntou Duke.

— Que Suz a deixou porque ela sabe o que é bom para ela. Não é uma mentira. — Crazy passou a mão pelo o rosto dele.

— Nós estamos falando de Suz? — Perguntou Daisy, sentando. — Só para você saber, as meninas estão deixando sua garota saber a diferença entre uma prostituta e uma velha senhora.

Crazy amaldiçoou.

— Relaxe. Holly sabe que não deve dizer-lhe alguma coisa sobre a reivindicação. Minha velha senhora não vai dizer os detalhes.

Crazy não estava pronto para Leanna saber como os caras reivindicavam sua mulher na frente do clube.

A única mulher que ele já tinha visto feliz por ter sido tomada era Zoe com Raoul. Putas do clube eram iniciadas no clube por serem levadas por vários homens, compartilhada e era assim que elas eram colocadas dentro do clube. Para uma

velha senhora, o membro do clube fazia sexo com ela em frente ao clube, mas não era permitido tocar.

Os homens a aceitavam como sendo propriedade dessa pessoa, então para Crazy, Leanna pertenceria a ele e nenhum outro homem a tocaria.

Ele gostou da ideia de mais ninguém tocá-la.

Holly, Mary, Zoe e Leanna saíram carregando bandejas de comida.

— Essa é a minha vez. Espero que estejam com fome. — Duke ficou de pé, pegando as bandejas de Holly e dando-lhe um beijo.

As outras três mulheres ficaram na fila para Duke começar a colocar os hambúrgueres e bifes no grill.

Crazy, calmamente, observou-a. Leanna era uma mulher bonita e sua beleza não era coberta ou reforçada com maquiagem. Seu cabelo estava empilhado em sua cabeça e as roupas justas que ela usava, como se fosse uma segunda pele. Ela parecia... inocente. Ele mexeria com toda sua inocência e a tornaria um pouco obscena.

Obscena realmente ficaria bom nela.

Seu pênis começou a endurecer e ele se mexeu na cadeira. Holly saiu, arrumando a mesa principal com saladas, pães e muitas outras variedades que eram necessários para um churrasco.

— Eu não posso cozinhar — disse Zoe, se sentando ao lado de Raoul.

— Eu sei, Baby. É por isso que estamos indo gastar todos os nossos dias aqui.

Ela bateu seu peito e Crazy riu.

— Como você é na cozinha, Leanna? — Perguntou Russ.

Crazy pegou a mão de sua mulher e puxou-a para baixo ao lado dele.

— Eu, erm, eu acho que eu cozinho bem. Strawberry nunca se queixou.

— E nem eu — Crazy empurrou um pouco de cabelo fora de seu ombro e pressionou o nariz no seu pescoço. Ela cheirava tão bem, como casa.

A conversa evoluiu e Crazy estava feliz que não era sobre sexo, ou as prostitutas do clube. Elas estavam conversando sobre o Mac, o cara que era dono da lanchonete que Mary era proprietária de parte.

— Nós teremos um festival na cidade em algumas semanas — disse Russ.

— Eu sempre levo minha lasanha para o evento — disse Leanna.

— Lasanha?

— Sim, eu tenho que fazer três potes.

Os homens estavam olhando para ela e Sheila lambeu os lábios.

— O que foi? — Perguntou Leanna.

— Como é feita a sua lasanha? — Perguntou Crazy.

Todos os anos, sem falhar, ele sempre foi para o festival americano em Vale Valley. Era um evento que tinha no centro da cidade e eles eram cercados por pratos diferentes que eram feitos pelos habitantes da cidade. Era um enorme sucesso e todos os anos ele sempre provava, para ele, a melhor lasanha do mundo. Eram camadas de tomate, queijo, molho branco e massa de lasanha. Era a melhor coisa que ele já provou.

— Bem, ela começa com uma camada de molho de queijo, em seguida, molho branco e eu monto o molho de carne sobre a massa de lasanha cozida. Eu, então, repito as camadas até que todas as bandejas que eu uso estão

completas. — As bochechas de Leanna estavam aquecendo.

— Eu não dei a qualquer um intoxicação alimentar, não é?

— Não, você não — disse Crazy.

— Merda, você é a única que tem a lasanha celestial — disse Raoul.

— Raoul me falou sobre isso — disse Zoe. — Eu nunca o vi tão feliz olhando para a comida antes.

— Você nunca me fez lasanha — disse Crazy.

— Eu fiz para Strawberry.

Ele estava com ciúmes de sua filha.

De repente, todo mundo começou a falar com ela, pedindo-lhe para fazê-la em um encontro de domingo.

O clube foi disputando sua atenção e uma vez que Mary e Holly ouviram, elas estavam por perto.

— Você já viu o nosso blog de comida? — Perguntou Mary.

Não demorou muito antes de um laptop aparecer e Leanna se afastou, olhando para algumas das comidas.

Uma vez que a comida estava fora, Crazy estava esperando para ter Leanna de volta para ele, mas não

funcionou. Mary tinha três hambúrgueres e as três mulheres se sentaram juntas, comendo.

— Sua menina se encaixa bem — disse Russ.

— Sim, ela se encaixa.

— Eu teria cuidado. Holly e Mary podem falar sobre comida o tempo todo — disse Duke.

Crazy observou como Pike subiu por trás de sua mulher, beijando seu pescoço. Os olhos de Mary fecharam e ela se inclinou para trás.

Isso era o que ele queria com Leanna, ser capaz de tocá-la e ela derreter-se contra ele.

O que havia de errado em querer uma coisa dessas?

— Que porra você está fazendo aqui? — Daisy disse, de repente, interrompendo o fluxo constante de conversa. Ele parecia chateado e estava olhando em direção à entrada do jardim. Virando, ele viu Beth, sua irmã e uma mulher com cabelos negros incrivelmente escuros.

— Isso é maneira de falar comigo? Eu estou tentando ligar para você e você não me atende — Beth disse, segurando o telefone. — Que irmão mais velho você é.

— Você disse que não estaria aqui esta noite ou amanhã.

— Não, eu não disse. Na mensagem, eu disse que eu estaria aqui hoje. Sério, você nunca ouviu? — Beth estava sorrindo enquanto falava.

Crazy conheceu Beth algumas vezes quando ela veio visitar, o que não era frequente. A jovem tinha crescido e ele viu uma maturidade em seus olhos que só vinham de coração partido.

— Hey, Daisy — disse Beth.

Daisy se aproximou, puxando-a para um abraço.

— Porra, me desculpe. Eu realmente pensei que você não estava chegando até amanhã. Se eu soubesse, eu teria ficado lá para buscá-la.

— Está tudo bem. Nós pegamos um táxi e havia um que estava feliz em nos deixar na sede dos Trojans. — Beth olhou para o grupo e sorriu. — Ei, todo mundo.

Todos assentiram ‘Olá’ para Beth. Ela não era uma velha senhora, mas ela era parte da família.

— Esta é Mary. Ela é minha amiga e estará conosco.

Mary levantou a mão, acenando. Ela segurava um saco firmemente a ela.

— Vamos lá, não vamos morder. Eu vou levar vocês para se estabeleceram. Merda... — disse Daisy e olhou para ele. — Eu não posso cuidar de Strawberry hoje à noite.

— Está tudo bem — Crazy disse, desapontado que ele teria que ir para mais uma noite de não entrar nas calças de Leanna, que só serviram para irritá-lo. Ele não estava feliz com isso, nem um pouco. Ele não queria pensar sobre seu pau agora, mas ele estava desiludido.

— Vamos levá-la — disse Russ.

Sheila assentiu.

— Nós ficaremos com o pequeno de Holly, Matthew e a menina de Mary. Estamos felizes em ficar com Strawberry também.

— Tempo sozinho é chamado para todos. — Russ piscou e quando olhou em direção a Crazy, o pequeno grupo de mulheres estava com as faces vermelhas.

Rindo, ele acenou para Strawberry e viu que sua filha estava feliz com isso.

Claro, ela estava tão feliz sobre isso e novamente, Crazy se sentiu culpado por manter sua pequena menina longe do clube, sua família.

Tudo iria mudar. Ele garantiria isso.

Mais tarde naquela noite, depois que todas as crianças tinham desaparecidos, a cerveja saiu e a música foi aumentada. Luzes penduradas pelo clube e realmente parecia muito bonito. As prostitutas do clube começaram a se misturar com os outros membros e Leanna estava... feliz. Encostada em Crazy, ela suspirou com prazer dele acariciando sua coxa.

— Russ e Sheila foram bons — disse ela.

— Eles sempre queriam mais filhos, mas não puderam tê-los.

Crazy afastou o cabelo de seu ombro e começou a beijar e chupar seu pescoço.

Fechando os olhos, ela adorava a sensação de seus lábios no pescoço dela. Uma de suas mãos descansava debaixo de seu peito e ele manteve tocando-a, o que só serviu para aumentar a sua necessidade dele.

— Será que você gostou de hoje?

— Sim. Eu gostei de Holly e Mary.

Ambas as mulheres tinham desaparecido, seguindo atrás de seus maridos. A boceta de Leanna cerrou-se quando Crazy se pressionou contra sua bunda.

— Você sente o que você faz para mim?

— Sim. Será que vamos ser interrompidos hoje à noite?

— Perguntou ela.

— Não. Sheila e Russ sabem o que fazer. Strawberry teve um mal-estar de 24 horas. Ela está mais que bem. — Crazy beijou seu pescoço. — Você quer que eu te mostre o meu quarto?

— O que vai acontecer se eu for para o seu quarto? — Ela perguntou.

— É muito simples, mas eu vou dizer-lhe de qualquer maneira. Você vem para o meu quarto, eu vou de trancar a porta, tê-la nua e curva-la na minha cama. Eu vou tirar as minhas roupas e afastar as bochechas de sua grande bunda para que eu possa olhar para sua bunda e boceta.

Ela respirou fundo, observando o brilho das luzes cintilantes em torno dela.

— Quando eu tiver você agradável e molhada, eu vou colocar meu pau tão profundamente dentro de você que você estará gritando e me implorando por mais e não pararei. Se você não quer isso, então me diga. Eu te levo para casa.

— Eu não quero ir para casa.

Não, ela queria o prazer que só Crazy podia lhe dar. Ele tinha deixado ela louca nos últimos dois anos, mas ele não sabia disso. Ela o queria há muito tempo e agora ela estava indo finalmente tê-lo.

— Vamos.

Ele pressionou um beijo em seu pescoço e ficou de pé. Ela colocou a mão na sua e eles deixaram o quintal. Ninguém disse nada e seu rosto estava em chamas com o que deveriam estar pensando.

— Você quer isso, Leanna.

Esta era a maior aventura que ela já tinha experimentado em sua vida. Eles passaram por um quarto e Leanna suspirou. Lá dentro, ela viu uma das mulheres dançando em um pole, indo para cima e para baixo e ela estava nua.

— Eu espero que ela limpe isso — disse Leanna, tendo parado para assistir.

Crazy estava atrás dela, passando a mão para baixo em concha na sua boceta.

A mulher no poste foi pressionada firmemente contra ela e Leanna viu que sua boceta nua estava massageando o pole como se fosse um pênis.

Isso a fez sentir um pouco nervosa. Este era o tipo de sensualidade e sexo cru que ele presenciava o tempo todo. Ela não podia competir com isso.

— Você não estará aqui e eu nunca esperaria que você fosse uma prostituta do clube, Leanna. Eu não a quero. Eu quero você.

Ele pressionou seu pau contra a sua bunda e ela olhou para trás, para ver Crazy olhando para ela e não outra mulher.

— Venha comigo.

Ela não olhou para trás e seguiu Crazy pela escada. Eles pararam no primeiro quarto no segundo andar.

Crazy tirou uma chave e abriu a porta.

— Eu o mantenho fechado para que ninguém entre e roube minhas coisas. Na verdade, isso é errado. Eu tranquei minha porta, porque Suz iria roubar minha merda. Eu não

estou interessado que o meu material seja mexido e eu nunca confiei em Suz.

Ele fechou e trancou a porta, uma vez que entraram.

Virando-se para encará-lo, ela viu que Crazy estava encostado na porta, bloqueando sua fuga, mas ela não tinha a intenção de escapar.

— Tira as suas roupas.

Levantando uma sobrancelha, Leanna apertou uma mão no seu estômago.

— Quando estivermos em sua casa, eu vou fazer isso lento. Estamos no meu quarto na sede do clube. Este é meu domínio e eu não vou segurar quem eu sou, Leanna, não com você, não com qualquer um.

— Eu não esperava que você escondesse nada de mim.

— Então, aceite que eu sou aquele que vai sempre estar no comando. Eu preciso ser responsável, não importa o quê.

Mordendo o lábio, ela viu a verdade em seus olhos.

— Você é o único responsável?

— Sim. Eu sou um homem dominante.

— Como chicotes e correntes?

— Não. Não gosto disso. Eu não preciso usar chicotes para sair. Eu simplesmente preciso de uma mulher que não tem medo e esteja mais do que disposta a confiar em mim com seu corpo e com o prazer dela. Você confia em mim para não te machucar, Leanna?

Lambendo os lábios novamente, Leanna inclinou a cabeça para o lado, sem saber como responder.

Ele quer confiança.

Ele quer que você se dê a ele, para se submeter.

O pensamento não a repeliu. Ela queria estar com ele, para dar tudo que ele estava procurando.

— Sim, eu confio. — Crazy nunca iria machucá-la, nunca mais teria razão de duvidar de sua sinceridade.

— Então, tire suas roupas e faça rapidamente. Eu não gosto de ficar esperando.

Mantendo o seu olhar no dele, ela tirou seu tênis, em seguida, desceu seus shorts. Quando ela não poderia manter contato com os olhos, ela começou a puxar a blusa, até que ela estava diante dele de calcinhas.

— Eu disse que você poderia manter qualquer coisa? Tire a calcinha e sutiã.

Respirando profundamente, estremeando, ela tirou o sutiã e calcinha. Em pé, diante dele, nua, Leanna não sabia mais o que fazer, então ela estava a poucos passos de distância dele e esperou.

— Olhe para mim, Leanna.

Outra respiração profunda e ela olhou para ele.

No momento em que seus olhos se encontraram com os dele, ela estava perdida. Ele tirou a jaqueta e afastou-se da porta.

— Eu não jogo. Você quer sair, então me diga para parar. Eu vou ouvir você.

Em seguida, saiu a camiseta e seus jeans. Seu pênis saltou para frente e Leanna queria prová-lo. Ela queria saber qual era a sensação de ter seu pau deslizando em sua língua até a parte de trás de sua garganta.

Se ajoelhando, viu que o surpreendeu.

Envolvendo seus dedos no seu comprimento, ela começou a trabalhar em seu comprimento, observando o vazamento do pré sêmen na ponta.

Afastando todas suas dúvidas, ela sacudiu sua língua sobre a ponta e gemeu ante o sabor de seu pré sêmen. Ele era

salgado e ela queria mais. Ela queria chupar até que ele gozasse em sua língua.

— Porra, baby, você tem um lado obsceno e eu amo, porra. — Ele afundou os dedos em seu cabelo e ela não se afastou dele. Ela adorava quando ele a tocava e assumia o controle. Os homens que ela esteve não queria assumir o controle. Isto foi o que fazia dele diferente e ela não queria que isso acabasse.

Ele afastou seu cabelo para que ele caísse ao redor de seus ombros e ele juntou-os, envolvendo seu pulso e segurando-a com força.

Ela tomou toda a ponta em sua boca, gemendo enquanto ele a enchia.

Crazy não era um homem pequeno. Ele era grande e ela abriu a boca mais amplo para acomodá-lo.

— Sua boca é perfeita, Leanna.

Leanna levou-o profundamente até que ele atingiu sua garganta e ela se afastou ofegante, apenas para massagear suas bolas, colocando-as na palma da mão.

Com a outra mão, ela cobriu seu pau com sua saliva e começou a se movimentar para cima e para baixo.

— Sim, é isso. Porra, seus lábios são tão bons.

Olhando para cima, ela viu que ele estava olhando para ela, observando-a.

— Use os dentes, levemente, apertando o meu pau.

Ela fez o que ele pediu e ele fechou os olhos, inclinando a cabeça para trás.

Ele agarrou a parte de trás de sua cabeça, empurrando seu pênis profundo e ela aceitou, gemendo.

— Sim, chupa o meu pau.

Removendo a mão dela, ela manteve sua mandíbula e o prendeu.

— Eu vou gozar. Você quer se afastar?

Ela nunca tinha engolido o sêmen de um homem antes e ela não sabia se ela queria.

Faça.

Leanna queria dar tudo a Crazy, então ela fechou os olhos e gemeu. Alcançando entre suas coxas, ela acariciou seu clitóris.

— Você está tocando a si mesma, não é? Há uma pequena cadela suja dentro de você, implorando para sair.

Não se preocupe Leanna, eu vou cuidar dela e ela poderá sair comigo. Não há nenhuma maneira que eu estou compartilhando você. Você é um tesouro que eu vou guardar para mim.

Ela não foi insultada.

Ele falou a verdade. Ela sempre foi desmotivada por sua necessidade quando os homens pareciam sempre se deixar levar um pouco pelo o que ela queria.

— Estou perto, baby.

Tirando seu pênis para que apenas a ponta dele estivesse dentro de sua boca, Leanna esperou, sugando forte.

Crazy empurrou seu pau e de repente sua boca estava cheia de seu caloroso gozo salgado. Olhando fixamente em seus olhos, ela sentiu a mão dele ir ao redor de seu pescoço.

— Engole.

Ela fez o que ele mandou e Crazy gemeu, sentindo o pescoço dela, quando ela engoliu seu esperma.

No momento em que ela ordenhou até secá-lo, ele saiu de sua boca, agarrou seus braços e levantou-a. Em poucos segundos, ela estava na cama e ele tinha as pernas delas abertas.

Leanna olhou para baixo para vê-lo abrir os lábios de sua vagina e passar a língua do outro lado sua boceta molhada.

— Você já está encharcada, Leanna.

— Eu te quero.

— Você quer a minha língua?

— Sim.

— Você quer meu pau?

— Eu quero o que você me der. Por favor, Crazy.

Ele colocou um dedo dentro de sua vagina, acariciando seu ponto G.

— Nunca se segure comigo, Leanna. Você quer me foder, então você vem a mim, me ligue, envie mensagem de texto, eu quero saber. Eu quero saber se você quiser fazer amor, ou ser inclinada sobre uma mesa, sofá, cama e foder até que você não possa se lembrar seu nome. — O dedo dentro dela se afastou e foi para baixo, na rachadura de sua bunda. Ela engasgou, apertando-se sem querer. — Você já teve um pau aqui?

— Não!

— Você irá. Eu vou comer a sua bunda e você implorara por mais.

Antes que ela pudesse refletir a sua alegação, Crazy chupou seu clitóris em sua boca e ela não conseguia pensar.

Ele pressionou na sua bunda e lutou contra a penetração ímpar. Crazy não iria deixar-se levar.

— Empurre.

Depois de sua instrução, ela empurrou e a ponta do seu dedo entrou, passado em seu ânus. Havia a combinação de dor e prazer.

— Você é incrivelmente apertada. Eu vou aproveitar esta bunda, reivindicá-la para mim, baby.

Ela choramingou, mas não podia negar. Seu corpo já não era seu próprio, mas propriedade de Crazy.

Capítulo Sete

Daisy bateu na porta de sua irmã. Havia uma pequena parte do clube que era única para os membros da família e sempre foi assim desde que sua irmã o tinha visitado. A última vez foi quando ela tinha quatorze anos, com sua mãe. O clube tinha mantido as suas necessidades sexuais em privado enquanto sua família visitava.

Beth abriu a porta e sorriu para ele.

— Ei, irmão mais velho.

— Eu estou apenas me certificando de que você esteja bem instalada.

— Eu estou. Mary está em frente ao corredor. Muito obrigado por se preocupar com a gente.

— Mamãe disse que você precisava fugir durante o verão. O que está acontecendo? — Perguntou Daisy, dobrando os braços sobre o peito.

Beth escondeu um pouco de cabelo atrás da orelha e olhou para o chão.

— É, erm, é pessoal e eu realmente não quero que meu irmão mais velho assustador sabendo disso.

— Por quê?

— Olha, vamos apenas dizer que algo aconteceu e você irá chutar o traseiro de alguém. Eu não quero que você faça isso. Eu quero ficar longe de tudo e apenas ficar aqui.

Daisy suspirou.

— Eu vou descobrir.

— Eu realmente espero que não. — Ela ficou nas pontas dos pés e beijou sua bochecha. — Eu te amo, Daisy, mas isso não é algo que você pode mudar com seus punhos.

— Tudo pode ser tratado com violência.

Beth sacudiu a cabeça.

— Você não acha isso. Você não pode pensar isso. Por trás de toda essa bunda forte, você ainda é meu irmão mais velho.

— Os grandes irmãos cresceram e perceberam que para conseguir o que quer, você tem que estar preparado para machucar outros.

Sua irmã fez uma careta.

— Falaremos mais na parte da manhã.

— Boa noite, Beth. — Ele beijou a cabeça e viu quando ela se virou, fechando a porta.

— Não a pressione.

Ele girou para encontrar Mary se inclinando contra o batente da porta. Ela estava tranquila e ele não tinha ouvido seu movimento.

— Eu vou descobrir quem a machucou.

A expressão de Mary ficou em branco e ela deu um passo para trás em seu quarto.

Daisy não queria que sua interação terminasse, então ele entrou em seu quarto e fechou a porta atrás dele.

Seus braços estavam cruzados sobre o peito. Ela não tinha mudado de seu vestido de verão, mas ela tinha deixado seu cabelo solto. O comprimento negro estava em ondas. Será que seu cabelo se parecia como seda? Ninguém pode ser perfeito. Ele se recusou a acreditar.

— O que você quer, Daisy? — Perguntou Mary.

— Você cresceu.

Ela riu.

— Como você disse, irmãos mais velhos crescem e assim fazem os melhores amigos. Eu cresci. — Ela estendeu as mãos antes de deixá-las ao seu lado.

— Você certamente cresceu. — Ele não podia deixar de admirar as curvas de seu corpo. Os seios dela eram agradáveis e grandes, esforçando-se para sair da parte superior de seu vestido.

— Você está sendo rude. Minha cara está aqui em cima.
— Ela acenou com a mão na frente do seu peito, impaciente.
— Você é típico, você sabe disso. Você é igual a todos os outros homens.

— O que aconteceu com Beth?

— Não é problema seu. Tudo o que você pode fazer é ajudá-la, dando-lhe uma diversão de verão.

— Eu poderia fazer isso sem você. Por que você veio junto?

— Eu sou a melhor amiga e sua mãe não queria que ela viesse sozinha. Eu vim para me certificar de que ela tenha um bom tempo.

— Você sabe, as mulheres vão para a praia, ou para longe, para outro país, no verão.

— Em seguida, você deveria ver que Beth está muito machucada e está tão assustada que ela fugiu para seu irmão mais velho, que passa a ser parte de um poderoso MC.

Daisy ficou tenso.

— O que merda você está dizendo?

Mary lambeu os lábios e se sentou na cama.

— Eu estou dizendo que Beth está aqui porque ela se sente protegida por você. Ela me disse que não queria ir para Ibiza, Espanha ou Itália, para fugir. Ela queria vir aqui, onde seu irmão mais velho manteria todos os homens a distância.

— Eu vou descobrir o que está acontecendo.

— Boa sorte. Você não vai tirá-lo de mim.

Daisy deu um passo em direção a ela.

— Eu tenho muitas maneiras de conseguir o que eu quero de uma mulher.

— Você quer dizer, putas? — Perguntou Mary, levantando-se. — Vá em frente, Daisy. Eu não sou uma das mulheres que querem impressionar você. A melhor amiga da sua irmã. Eu estou fora dos limites. Você mesmo disse. Eu superei minha paixão.

— Você ouviu errado, Mary. — Ele afundou os dedos em seu cabelo e ele teve a sua resposta. O cabelo dela era sedoso. — Eu não disse que você estava fora dos limites por causa da minha irmã. Eu disse que estava fora limites porque você é da mesma idade que a minha irmã. Da última vez que chequei, você tem idade suficiente para foder sem eu ser jogado na cadeia por estupro estatutário. Você tem idade suficiente e eu acho que nós podemos colocar a sua falta de uma paixão a prova.

Ele arrastou seu outro dedo pelo seu pescoço, respirando sobre o pulso dela, que estava batendo rapidamente.

— Acho que você está mentindo, Mary. Você me quer e eu aposto que sua boceta está molhada para mim.

Mary trouxe seu joelho para cima, batendo-o contra suas bolas. Soltando-a, Daisy segurou seu pau e se perguntou se ele ainda poderia fazer filhos. Ela o pegou completamente desprevenido.

— Você está errado. Eu não quero você. Eu nunca quis você. Você é bens usados, Daisy. Eu sou melhor do que isso.

Ela abriu a porta e ele tropeçou para fora.

— Isso ainda não acabou.

— Acabou há um longo tempo atrás, Daisy.

A porta bateu e ele fez uma careta.

Bem, a jovem tinha garras crescidas. Mary tinha colocado uma parede em torno dela, mas ele estava mais do que pronto para derrubar o que quer que ela pensou que ela poderia ter. Mary ia ser sua.

Capítulo Oito

Crazy colocou o dedo em sua bunda e acrescentou um segundo. A excitação de Leanna escorreu pela sua boceta e ele engoliu-o. O gozo chegou a bunda dela, então começou a trabalhar em seu interior, lubrificando seu dedo.

— É isso aí, baby. — Ele acrescentou um segundo dedo em sua bunda e mordeu seu mamilo, dando uma pequena pontada de dor.

Leanna se arqueou, pressionando sua boceta em seu rosto e ele moveu sua língua pela sua boceta, como se fosse seu pênis em seu buraco.

— Sim, sim, Crazy, isso é tão bom.

Usando o polegar, ele deslizou dentro e fora dela, lentamente e caralho, a boceta dela.

Deslizando sua língua em seu clitóris, ele a trouxe para mais perto do orgasmo. Mantendo-a no pico de prazer, ele esperou até que ela estava implorando antes que ele cedesse e desse a ela. Leanna gritou seu nome, implorando por mais. Sua vagina empurrou-se contra sua boca e ele empurrou seus

dedos em sua bunda. Ela tornou-se mais aberta e ele levou vantagem.

Só quando ela não aguentava mais, ela começou a se afastar, articulado com ele parar.

Crazy deu um beijo final para a sua boceta e removeu os dedos da bunda dela.

— Eu voltarei. — Ele lavou os dedos na pia e trouxe de volta um pano úmido. Leanna estava deitada em seu lado e ao vê-lo, ela se sentou.

— Está tudo bem. Deite.

Ela voltou a deitar. Ele abriu suas coxas e pressionou o pano úmido entre elas, limpando o creme em excesso.

— Uau — disse ela. Leanna cobriu o rosto com a mão e ele riu.

— Não vá se esconder de mim.

— Eu não posso acreditar que isso aconteceu.

— É melhor você acreditar. Eu não terminei com você esta noite. — Ele jogou o pano no banheiro e colocou a mão em sua barriga arredondada. — Achei que você estaria confortável se eu removesse a evidência de sua necessidade por mim.

Deslizando a mão pelo corpo dela, ele circulou o mamilo que estava mais longe dele. Beliscou o botão, ouviu seu suspiro e as mamas dela estremeceram quando ela respirou fundo.

— Por que você não trabalha? — Perguntou.

Ele tinha feito uma pesquisa completa sobre ela, apenas para descobrir que ela realmente não tem uma ocupação, mas ela era uma mulher rica.

— O quê?

— Você me ouviu. — Ele deixou seu peito e descansou a palma em seu estômago. — Conte-me.

Ela lambeu os lábios e ele lembrou-se da forma como eles estavam envolvidos em seu pênis.

— Eu, er, é complicado. Pensei que estávamos aqui para o sexo?

Ele balançou a cabeça.

— Nós estamos indo aprender a falar uns com os outros. Eu tenho participações no clube e o dinheiro que ganhamos da oficina mecânica e o mercado de ações são divididos igualmente entre todos nós. — Ele não mencionou algumas das pistas que o clube fazia. Ela não precisa saber sobre eles e

eles estavam crescendo ainda, menos frequente. — Você sabe sobre Suz e minha filha. Diga-me algo sobre você.

Leanna o encarou por vários segundos.

— Ok, você quer que eu fale.

Ela sentou e ele não iria deixá-la se esconder. Agarrando seu pé, ele passou os dedos no tornozelo dela e puxou-a de volta para a cama. Movendo-se entre suas coxas, ele agarrou as mãos colocado acima da a cabeça.

— Vamos falar assim.

Leanna abria muito mais quando ele invadia seu espaço e isso era exatamente o que ele estava fazendo agora, invadindo seu espaço muito particular.

Seu pênis ganhou vida e ele queria transar com ela novamente. Em vez disso, a sua mente estava em suas palavras.

— Posso falar com você sem você estar tão perto.

— Não, eu não penso assim. Fale.

— Como você sabe que eu não trabalho?

— Vamos dizer que eu fiz uma verificação a fundo sobre você. Você não está nem registrada como uma empregada na cidade ou fora da cidade.

Ela estalou a língua e suspirou.

— Eu não preciso trabalhar. Um dos problemas que tive com o meu ex-marido é que ele sabia que eu era rica.

— Você é rica?

— Sim, muito rica e com o dinheiro, vem um monte de problemas. Eu não lido com a empresa. Eu apenas recebo o dinheiro e atualizações regulares. Meus avós fizeram com que eu fosse mais do que cuidadosa. O mesmo vai acontecer quando ou se eu tiver filhos. Se eu morrer, meu avô terá a certeza que a empresa será dividida e vendida.

— O que foi isso sobre o seu ex? — Perguntou Crazy.

— Eu apenas disse que eu sou uma mulher rica e você está mais interessado no meu ex?

— Eu não dou a mínima para o seu dinheiro, Leanna. Eu quero você e seu corpo. O dinheiro não entra. Eu tenho o meu próprio. Agora, seu ex.

— Ele descobriu que eu era uma mulher rica e eu costumava ser sua idiota até a faculdade. Você sabe, eu estava

tão apaixonada por ele que eu não queria que ele descobrisse sobre o dinheiro, então eu trabalhei em três empregos para sustentar sua bunda.

— Por que não tirou do seu dinheiro? Ir para a faculdade por si mesma?

— Eu não queria que ele soubesse sobre ele. Fui educada para respeitar o dinheiro, não para torná-lo algo que não era.

— Então, esse cara não poderia ter sido tão importante.

— Como você sabe?

— Se você está apaixonada por alguém, você não esconde qualquer coisa. Você é aberta e honesta com o homem ou a mulher que você ama.

— Você é aberto e honesto?

— Não com Suz, mas então, eu nunca disse que era apaixonado por ela. Para você, no entanto, eu nunca menti. Eu sempre fui honesto.

Ela respirou fundo e viu a confusão em seus olhos.

— Eu não acredito que você está apaixonado por mim.

Ele inclinou a cabeça para o lado e olhou para sua boca.

— Isso é bom, mas posso dizer-lhe uma coisa, eu poderia muito bem estar.

Seu pênis estava duro como rocha, seu corpo suave se contorceu debaixo dele.

Fechando os lábios nos dela, ele saqueou sua boca com a língua e ela gemeu contra ele. Ela enrolou as pernas em volta da sua cintura e ele rosnou, querendo estar lá no fundo dela.

Soltando uma de suas mãos, ele alcançou entre eles, agarrando seu pau duro e encontrou sua entrada. Ele empurrou a ponta dentro e ela já estava, porra, bonita e apertada.

Afastando do beijo, ele olhou nos olhos dela e bateu com cada polegada de seu pau em sua boceta. Ela estava tão apertada que ele sabia que foi um longo tempo desde que ela esteve com um homem. Ele iria levá-la a se acostumar com a sensação de seu pau. Toda vez que ela mudasse ou se movesse, ela estava indo pensar em quão duro e grosso ele era.

— Você é tão apertada e perfeita.

Ele saiu de sua boceta lisa e viu seu pau coberto em seu creme. Leanna olhou entre eles e começou a afasta-lo.

— Qual é o problema? — Perguntou.

— Você está em mim, sem um preservativo. Coloque um preservativo. Eu não estou protegida.

— Podemos lidar com tudo o que for jogado em nós, baby.

Ela balançou a cabeça.

— Não, isso não vai acontecer. Você tem Strawberry e qualquer coisa que seja que está acontecendo entre nós, não vai ser porque eu estou grávida. Fui casada uma vez para que ele pudesse sair e me deixar. Eu não vou ser forçada em um segundo casamento por causa de uma criança.

Ele rosnou.

— Eu não me importo.

— Eu me importo. Quero transar com você, Crazy, mas até eu chegar em alguma contracepção, você está terá que aceitar o fato de que eu não quero engravidar. Eu não estou preparada.

Pressionando a cabeça na dela, ele gemeu. Ela tinha um ponto e ele não queria ser comparado com os idiotas que a tinham usado.

Você ia usá-la.

Ele estava indo para usá-la, mas ele não estava mais.

Crazy estava determinada a ser diferente e encontrar um lugar dentro de seu coração.

Saindo de sua boceta apertada, ele foi para sua cabeceira e abriu a gaveta, implorando que ele tivesse preservativo dentro. Ele deu um elogio rápido quando viu que havia pelo menos três. Amanhã, ele estava indo comprar mais na farmácia.

Elevando-se de volta na cama, ele rasgou a embalagem e pegou o látex. Alinhando a ponta, ele rolou e estava seguro.

— Obrigada — disse Leanna.

— Seu desejo é uma ordem. Agora, eu posso fazer isso. — Colocou a ponta em seu núcleo, então bateu dentro dela sem lhe dar a chance de se acostumar com seu comprimento. Ele não queria descansar. Ele bateu dentro dela, em um ritmo constante.

Segurando seus quadris, ele puxou-a para o seu pênis enquanto ele a penetrava.

Ele não parou, a necessidade de deixar a sua marca em seu interior crescia.

— Você sente, baby? Você sente quão profundo eu estou em você? Não importa se eu usar uma borracha ou não. Eu sempre vou estar dentro de você.

— Sim.

— Eu vou te comer de forma selvagem até que você esqueça tudo e isso será a única coisa que nos restará.

Crazy nunca tinha se sentido possessivo sobre as mulheres que ele comia. Ele queria possuir todas as partes de Leanna, para ela não olhar para outro homem e sempre apenas olhar para ele. Estava consumido, assustado como um merda, mas algo que ele não iria parar.

Ele retirou-se de sua boceta, abrindo suas coxas e olhando para a sua boceta, que estava aberta para seu pênis. Deslizando seus dedos dentro de sua vagina, ele gemeu.

— Você está tão excitada para mim. Se você pudesse ver a sua boceta, você saberia o que eu queria e isso era sobre muito mais, porra.

— Crazy?

— Eu posso esperar.

Virando-a, ele passou as mãos sobre seu traseiro.

— Eu posso esperar por um longo tempo e enquanto espero, eu vou transar com você até que você se torne viciada no meu pau.

Leanna gritou quando ele invadiu a sua vagina. Ele não era um homem pequeno e ele a encheu e a estendeu de forma que ela nunca foi antes. Agarrando o lençol, ela tentou segurar enquanto o prazer que ele trabalhava sobre o corpo dela estava tomando fôlego. Ele esbofeteou sua bunda, agarrou seus quadris e bateu dentro dela. Os sons que enchiam o quarto eram de pele batendo em pele. Ela gritou quando ele tocou seu clitóris, cobrindo os seus dedos.

— Você não tem ideia de como você parece gostosa. Eu quero comer um pouco do seu doce traseiro, mas eu não posso. Eu tenho que dar-lhe tempo. Eu vou jogar com você, Leanna.

Os dedos sobre o clitóris desapareceram e ela gemeu quando esses mesmos dedos lisos começaram a provocar sua bunda. Era demais e ainda assim, ela fodeu de volta contra seu pênis.

Sua outra mão passava pelas suas costas e apertou seu cabelo na mão, puxando-a para trás. Ela estava levantada e Crazy pegou cada parte dela.

— Olhe para si mesma no espelho, Leanna. Olhe para a mulher que eu comi agora.

Ele virou a cabeça e Leanna suspirou. Quando ela entrou no quarto, ela não tinha tomado conta dos espelhos que decoravam as paredes do outro lado da cama. Crazy parecia dominar quando ele segurou-a na posição, seu pau dentro dela. Ela observou seu pênis aparecer e desaparecer dentro dela.

— Quando você estiver tomando pílula, eu vou transar com você até que eu exploda dentro de você e, em seguida, eu vou assistir minha semente derramando pela sua boceta. Eu não posso esperar, porra. Eu vou transar com você em todos os lugares, por isso, ninguém terá a chance de tocar em você. Eu vou possuir você, Leanna.

Ela não conseguia desviar o olhar da vista deles. Ele estava tocando sua bunda, segurando seu cabelo no lugar e transando com ela, tudo ao mesmo tempo. O prazer se intensificou e ela se abaixou entre suas coxas e começou a acariciar seu clitóris.

— Então, fodidamente sexy. Eu sabia que você tinha isso em você. Uma noite nunca ia ser o suficiente com você.

Gemendo, Leanna acariciou até que ela sentiu seu pênis deslizando para dentro e para fora dela.

— Merda, sim, nos toque, porra. Nós estamos transando, baby.

Choramingando, Leanna gozou quando Crazy continuou a bater dentro dela e ela engasgou, gemendo e gozaram juntos.

— Sim.

Crazy perdeu o controle e começou a foder mais forte, fazendo-a tomar todo o comprimento do seu pau.

Ela não podia negar-lhe, não queria negar-lhe e bateu de volta nele, querendo estar tão profundamente quanto podia.

— Sim, sim, sim — disse ela, cantando.

— Merda! — Crazy bateu dentro dela uma última vez e até mesmo com o preservativo separando eles, ela sentiu o pulso de seu pênis enquanto o enchia.

Quando acabou, eles desmoronaram na cama, ofegantes. Ele mexeu no seu cabelo e Leanna virou a cabeça.

— Por que você tem um espelho em frente a sua cama?
— Ela perguntou.

Crazy riu, puxando da sua bunda e boceta. Ela viu quando ele retirou o preservativo, amarrando-o e o jogou no lixo.

— Por que você acha?

— Você gosta de assistir.

Ele ficou de pé no final da cama e ela observou ele cuidar de seu corpo.

— Eu gosto de assistir. Eu gosto de ver o que estou fazendo.

Leanna gemeu quando ele colocou os dedos em sua boceta, bombeando para dentro e por fora.

— E sobre o todo ‘gozando em mim’? — Perguntou ela.

Crazy riu.

— Quero transar com você sem camisinha. — Ele pediu a ela subir na cama e ele se deitou ao lado dela. Ela empurrou um pouco de cabelo longe de seu rosto e viu quando ele se virou para ela, sua mão acariciando para cima e para baixo o seu braço, dando arrepios em sua pele. — É o que me excita. Eu não sei por que, mas eu quero deixar o meu gozo em você e quando eu tiver preenchido a sua pequena boceta apertada com todo o meu sêmen, eu quero vê-lo derramar.

Ela não podia deixar de ser despertada e ela não deveria. Esse era o tipo de material de pornografia que estrelas faziam, não ela.

— Vejo que você está lutando.

— Isso é pornografia — disse ela, falando seus pensamentos.

— Quando nós estamos juntos aqui, podemos fazer o que quisermos. Eu não vou julgá-la e eu não quero que você me julgue. — Ele moveu a mão para baixo e começou a mover seu dedo entre as coxas. — Isso aqui me diz que não é tão enojada pelo o que eu quero que você faça.

— Eu sei.

— Você vai ter que se acostumar com isso, baby. Eu não vou fingir com você. Eu poderia fingir fazer amor com você, estilo baunilha e encontrar uma outra boceta para satisfazer o meu desejo?

— Não. Eu não quero que você faça isso.

— Então, nós experimentamos. Nós nos divertimos e você aprenderá a não se esconder de mim.

Ela assentiu com a cabeça e olhou para seu peito.

— Abra-se para mim, Leanna.

— Eu irei.

— Você gosta da sensação do meu pau dentro de sua vagina?

— Sim.

— Você vai tomar pílula?

— Sim.

— Você está começando a tomar a pílula para que eu possa comer a sua boceta e ver meu esperma derramando seus lábios?

Ela lambeu os lábios e se forçou a olhar para ele.

— Sim.

— Bom.

Ele se inclinou para frente e pressionou seus lábios nos dela.

— Nós temos que sair? — Perguntou ela.

— Não. Temos toda a noite e eu pretendo usar o último dos meus preservativos e escutar você gritando meu nome.

Ela foi empurrada na cama e gemeu quando ele apertou seus seios juntos. Ele levou um mamilo e ela não colocou brigou. Não havia necessidade de lutar com o que ele queria.

Ela queria apenas muito e não era apenas sobre querer, mas sobre necessidade.

Capítulo Nove

Uma semana depois, Crazy olhou a casa que estava há uma rua de distância de Mary e Pike. Ele estava à procura de um lugar por algum tempo e nada tinha chamado sua atenção. Em movimento pela sala de estar, a sala de jantar, em seguida, para a cozinha, Crazy bateu no balcão enquanto tentava pensar.

O corretor de imóveis estava dando a ele amplo espaço, que ele não se importava. Ele não queria o merdinha em qualquer lugar perto dele enquanto ele tentava tomar uma decisão.

— Por que você não trouxe Leanna? — Perguntou Daisy entrando na cozinha. — Por que nos trouxe? — Knuckles entrou na cozinha pela sala de jogos e Crazy olhou para o piso plano.

— Ela está ocupada e eu não queria arrastar Strawberry para olhar casas — disse Crazy.

— Mas você está mais do que feliz para nos arrastar por aí? — Perguntou Knuckles, contornando a ilha de cozinha.

— É uma casa bastante decente.

— Abra a porta para o jardim — Crazy disse, apontando para a porta, em seguida, ao corretor de imóveis.

— Sim, senhor. — O garoto estava praticamente se cagando com ter três motociclistas na mesma casa.

As chaves sacudiram, tremendo e Knuckles bufou.

— Eu me pergunto como ele iria lidar com o clube completo vindo visitar.

— O que? — O corretor de imóveis perguntou com a voz estridente.

— Nada.

Crazy saiu para o quintal grande. Havia uma área de pátio, que estava pronta para um churrasco, juntamente com várias cadeiras.

— Eu não quero dar Leanna uma razão para fugir. Eu me recuso a deixar isso acontecer, então eu quero ter certeza de que eu posso tomar essa decisão por conta própria.

— Você estará reivindicando-a como sua velha senhora?
— Perguntou Knuckles.

— Sim.

— Faz uma semana — disse Daisy. — Como você sabe que ela é a pessoa?

Olhando para Daisy, ele viu que seu irmão estava lutando com Beth e sua amiga estarem no clube.

— Faz mais de uma semana e eu sei o que eu quero e eu quero Leanna.

Na semana passada, ele tinha usado qualquer desculpa que podia para estar com ela. Ele até a convenceu a estar com ele enquanto Strawberry dormia. Depois de quase ser pego por sua filha na terça-feira à noite, ele tinha ido à loja DIY local e encontrou uma fechadura nova.

Foi uma semana de aventura e ele simplesmente não podia acreditar o quanto ele gostava de passar tempo com Leanna. Ele nunca foi o tipo de cara que adorava companhia das mulheres, mas Leanna, ela era diferente. Eles passaram algumas noites juntos assistindo filmes ou saindo com Strawberry.

Ele não podia acreditar que sua filha estava indo para a escola em breve.

— Qualquer notícia de Suz? — Perguntou Knuckles, que estava no centro de um grande jardim. Crazy decidiu-se,

Strawberry e Leanna viveriam aqui. Era um bom lugar para criar uma criança e apenas para ter alguma diversão.

Um casal a mais de filhos.

Ele queria mais filhos com Leanna. O próprio pensamento de seu estômago sendo inchado com seu filho o virou. Parte dele não queria que ela tomasse a pílula, porque ele a queria grávida.

Em vez de discutir com ela, ele decidiu respeitar sua decisão.

— Ela ligou e quer que eu faça a entrega e vá embora. Disse que não e ela esteve tranquila.

Crazy não gostava de Suz tranquila. Ela estava tramando alguma coisa, mas ele não tinha a porra de um indício a respeito do quê.

— Eu odeio cadelas que tentam tomar o poder.

— Suz sempre foi uma cadela. — Crazy olhou de volta para a casa e acenou com a cabeça.

— Esta é a única.

— Tem certeza? — Perguntou Daisy. — Esta é a nossa quarta casa.

— Tenho certeza. É a única. — Ele foi até o corretor de imóveis, colocou uma oferta e deu instruções sobre o que fazer e foi para fora da casa.

Puxando o seu telefone celular, excitação o encheu e ligou para a sua mulher.

— Olá — disse Leanna, soando um pouco insegura.

— Olá baby. Eu tenho algo para lhe dizer. Onde está você?

— Eu estou no parque com Strawberry, por quê?

— Eu vou encontrar você. Não vá a qualquer lugar.

— OK.

Ele entrou no carro, assim como Daisy e Knuckles fizeram.

— Você quer que eu os deixe na sede do clube? — Perguntou.

— Você tem que estar brincando comigo — disse Daisy.

— Eu quero ver você fazendo papel de tolo.

— Estou com ele.

Revirando os olhos, Crazy ligou o carro e se dirigiu para o parque. Não era tão longe do principal edifício. Ele

encontrou Leanna de pé atrás de Strawberry, que estava nos balanços.

No momento que Leanna o viu, ela parou de empurrar Strawberry e ajudou-a sair dos balanços.

— O que foi? — Perguntou Leanna.

Segurando seu rosto, ele deu um beijo em seus lábios antes de dizer qualquer coisa.

— Uau. — Ela suspirou e sorriu para ele.

— Eu encontrei um lugar.

— Um lugar?

— Sim, um lugar para você, eu e Strawberry.

— Você quer que a gente more juntos.

— Sim. Juntos, como uma família.

Leanna sorriu.

— Você está se movendo rapidamente.

— Eu estou preparado para contratar uma babá para você saber que eu não estou usando você.

Ela riu.

— Não, eu não confio em ninguém com Strawberry. — Ela olhou para a pequena menina. — Eu meio que penso nela como minha própria.

— Bom. É mais do que Suz. — Ele apertou a cabeça de Leanna. — Você vai se mudar?

— Sim.

— Bem, não é uma porra boa!

Crazy ficou tenso quando ele reconheceu o rosto de Suz. Virando a cabeça, ele viu sua ex de pé a um pé de distância deles. Daisy e Knuckles estavam distraídos por um casal de mulheres que estavam flertando com eles. Era a porra de um parque e nenhum deles tinha esperado qualquer tipo de perigo.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntou Crazy.

— Você não me deu o meu dinheiro e agora estou dizendo para você me pagar, ou a minha concorrente morre.

Ele congelou quando Suz apontou uma arma para Leanna.

— Suz, que merda você está fazendo? Este é um parque — disse Leanna. O pânico em sua voz era claro.

Alguém no fundo gritou e Crazy viu que tinha um público súbito. Knuckles e Daisy foram colocando as poucas mulheres que estavam no parque longe do perigo.

Suz tinha uma arma e era perigosa. Nenhum deles poderia atacá-la e arriscar alguém ser ferido, ou pior, morto. Essa cadela tinha a arma apontada para Leanna.

— Eu não dou a mínima. Eu quero meu dinheiro. Eu realmente não posso acreditar que você tomou a cadela gorda. Você é meu, Crazy.

— Eu não sou seu, Suz. Eu nunca fui. Abaixе a arma. Você não está fazendo isso fora da cidade, Suz. Pense sobre essa merda — disse Crazy.

Ele não gostou de quão fora dos trilhos Suz ficou.

Quando vocês foram casados, você a controlou.

Crazy tinha cometido um erro. Ele nunca deveria ter deixado Suz fora de sua vista. Ela teria sido melhor controlada, porra, a sete palmos abaixo.

— Eu vejo que vocês dois estão juntos agora. Eu sabia que não ia ser longo. Eu deveria ter conhecido cadelas gordas como você. Você nunca poderia satisfazer.

Ele queria machucar a mulher na frente de todos. Quando ele colocasse as mãos nela, ela estava indo morrer.

Movendo a mão atrás das costas, ele foi para a arma que ele sempre manteve.

Suz estava impaciente.

— Mantenha as mãos onde eu possa vê-las. Você acha que eu não sei o que você tem escondido atrás de você? Coloque para frente. É melhor você ter certeza que esses filhos da puta não tentem me impedir. Eu posso matar Leanna antes de fugir.

— Você não pode fazer isso, Suz — disse Leanna.

— Cala a boca.

— Coloque a maldita arma para baixo. Há crianças aqui — Crazy disse, dando um passo mais perto.

— Nem sequer pense em tomar isso de mim. Você me arruinou, pedaço de merda. Você e seu clube. Você não é nada, você está fodendo a escória e ela é uma vadia gorda e feia que está tomando o que me pertence. Meu.

Viu-a perder o controle e antes que pudesse detê-la, ela disparou três balas. Crazy esperou para sentir a dor, mas não foi nada. Suz engasgou e olhou além do seu ombro.

Leanna não estava mais de pé e quando ele olhou para o chão, seu mundo desmoronou.

Leanna prendeu a mão ao peito e ela estava ofegante.

Daisy jogou Suz no chão e Crazy foi para a mulher que amava.

— Dói — disse Leanna, ofegante.

— Merda, baby, alguém chame uma ambulância. — Ele não sabia o que fazer. Ela estava sangrando e ele não podia parar.

— Nós podemos levá-la ao hospital — disse Knuckles.

— E quanto a Strawberry? E quanto a Daisy?

— Vamos lidar com isso. Entre em seu carro e leve Leanna para o hospital agora.

— Crazy? — Disse Leanna.

Levantando a mulher em seus braços, ele correu em direção ao seu carro e empurrou-a para dentro do carro. Apressando-se para o lado do motorista, ele subiu e acelerou, saindo do estacionamento.

— Não morra, Leanna. Eu preciso de você.

Ele a amava e não era só por causa da semana passada, era por causa de todo o resto.

Crazy estava apaixonado por ela desde o primeiro momento em que a conheceu todos aqueles anos atrás, quando ele se mudou para o primeiro prédio.

Ele nunca agiu sobre isso, porque ele estava casado e Suz era rancorosa suficiente para machucar Leanna.

Ela atirou!

Você poderia perdê-la.

Crazy gritou e acelerou.

Leanna suspirou e ele olhou no espelho para encontrar o sangue encharcando sua camisa. Lágrimas escorriam pelo seu rosto e ele estava machucado por dentro.

— Não morra, Leanna. Eu tenho planos, baby. Grandes planos. Eu te amo, amor. Eu te amo tanto, caramba e eu vou garantir que tenhamos uma família. Você não é apenas uma mãe para Strawberry. Eu estava tão cego para a verdade. Você me ouve? Eu te amo. Nós vamos ter uma família e você nunca vai querer mais nada, eu juro. Você não vai saber o que está acontecendo com o amor que eu vou dar para vocês. Você vai ter o clube ao seu lado e você vai ser protegida.

Ele continuou falando, chegando por trás, agarrou a mão dela. Ela ainda estava com ele, mas ela estava escorregadia com sangue.

Parando na entrada de emergência do hospital, ele quase bateu na porta, mas parou o carro sem tocar no vidro. Saindo do carro, ele abriu a porta e puxou Leanna em seus braços.

— Socorro! Alguém me ajude! — Ele gritou por socorro e enfermeiras vieram correndo em sua direção.

— Diga-me o que está acontecendo.

A maca apareceu magicamente e Crazy colocou Leanna, que já não estava consciente.

— Ela foi baleada duas vezes, talvez três vezes. Eu não me lembro. Minha ex atirou no parque. Cuide dela, por favor.

— Senhor, você precisa dar um passo para trás.

— Eu tenho que estar com ela.

— Esta mulher está em estado crítico. Você tem que dar um passo atrás e permitir-nos fazer o nosso trabalho.

Uma mulher e vários seguranças o afastaram.

— Essa é a minha mulher.

A mulher bateu no peito.

— Nós sabemos e nós vamos fazer tudo o que pudermos para salvá-la. Estes momentos contam mais do que qualquer outra coisa. Senhor, respire fundo, vá para a recepção e preencha as informações que vamos precisar.

Ele olhou para a mulher e acenou com a cabeça.

— Ok.

— Ok. Eu vou mantê-lo atualizado, você entendeu?

— Sim, eu entendi.

— Bom.

A enfermeira acenou para os guardas e Crazy deu um passo para trás. Ele precisava se controlar.

Leanna foi baleada, possivelmente estava morrendo e ela não precisava dele um pouco louco em um lugar em que poderiam salvá-la.

Indo para a recepcionista, ele tinha a documentação necessária e sentou-se. Segurando a caneta sobre a papelada, ele ficou com a mente em branco. Ele não sabia o que escrever e o tempo passava.

Ele não sabia quanto tempo tinha passado e de repente, alguém tocou seu ombro.

Olhando para cima, viu Duke, Pike, Daisy, Knuckles, Pie e todos os seus irmãos no hospital.

— O que você precisa? — Perguntou Duke.

Crazy enxugou as lágrimas que estavam escorrendo pelo seu rosto.

— Eu não sei.

Encarando a frente, ele respirou fundo.

— Eu encontrei a casa. Ela ia ser perfeita e eu estava indo levar Leanna e Strawberry para jantar. Strawberry?

— Holly e Mary a têm. Elas estão cuidando de todas as crianças — disse Duke. — Você não precisa se preocupar. Temos as suas costas.

— Minhas costas. Sim. Você tem as minhas costas. Eu estava indo celebrar morarmos juntos. Leanna concordou em morar comigo e hoje à noite, eu ia fazer amor com ela. Strawberry sabe que estamos juntos e eu tenho uma fechadura agora e eu posso tomar Leanna de qualquer maneira que eu queira. — Ele bateu a caneta no bloco de notas e continuou falando. — Iria ser perfeito e ela atirou nela. Eu não pude detê-la. Eu deveria ter sido baleado. Ninguém mais.

Daisy se sentou ao lado dele e pegou a papelada.

— Eu vou preencher estes.

— Quem está de olho em Suz? — Perguntou Crazy. Ele ia matar a cadela. Ele iria envolver os dedos ao redor de seu pescoço esquelético e iria assistir a vida dela queimar. De jeito nenhum ele ia deixá-la ir embora com o que ela tinha feito para ele e para a sua família.

— Russ e um casal de rapazes ficaram para trás. Ela está no porão e nós a trancamos. Ela não está saindo.

Crazy assentiu.

— Eu lidarei com ela.

Passando os dedos pelos cabelos, ele viu o sangue seco em suas mãos e sem segurar, um gemido escapou dele.

— Você precisa ir e limpar-se — disse Duke. — Knuckles, vai com ele.

Se levantando, ele começou a caminhar em direção ao banheiro, mas ele parou.

— Se você ouvir qualquer coisa, você virá e me dirá.

— Eu não faria qualquer outra coisa.

Balançando a cabeça, Crazy foi até o banheiro.

— Havia algumas testemunhas no parque — disse Daisy.
— Não há nada que ele pode fazer com Suz sem se ferrar.

— O xerife estará em sua bunda — disse Pie.

— Eu não vou deixar nada acontecer com Crazy.

— Ele vai matá-la. — Daisy reconheceu o olhar louco do seu amigo. Era a razão que ele tinha o nome, Crazy. Ele era um filho da puta médio quando ele começou e Leanna ser baleada, era um motivo muito bom para o indivíduo sair dos trilhos.

— Eu vou lidar com Crazy e Suz. Eu não vou deixar um irmão ir para a prisão por causa de uma vagabunda. O que mais nós sabemos?

— Nós não sabemos. Leanna foi baleada por Suz e não havia tempo para uma ambulância. Eu e Knuckles cuidamos da situação. — Daisy respirou. Ele estava flertando com uma das mulheres no parque que estava lá com a filha. A única vez que sua atenção foi desviada e seu irmão estava sofrendo por isso. Foi apenas uma porra de tempo. Ele nunca baixou a guarda. Esta era uma das razões pela qual ele nunca baixava.

Duke tomou um assento.

— O que fazemos agora? — Perguntou Raoul.

— Damos ao nosso irmão o apoio que ele precisa. Vai ser um longo par de dias.

Daisy olhou para seu presidente, Duke e não pela primeira vez estava agradecido que ele não tinha o seu emprego. Duke dirigia os Trojans com uma mão de ferro em primeiro lugar, mas ele também permitiu o espaço e liberdade que eles queriam, sem ir para a prisão.

Todos os caras respeitavam Duke por manter o clube seguro e fora de problema.

— Diaz teve qualquer notícia? — Perguntou Duke.

Diaz era o contato do clube e conexão com o grupo de mexicanos que queriam que suas drogas percorressem os Estados Unidos. Raoul foi quem lidou com Diaz e muitas vezes, eles tinham informações necessárias.

— Sobre Suz?

— Ela estava envolvida com alguma coisa — disse Daisy, recordando a forma como ela estava se contorcendo e seus braços estavam doloridos.

— Eu conversei com Diaz. Ninguém se aproximaria de Suz. Ele disse que ela estava tropeçando, mas ela foi expulsa de seu território há algumas semanas — disse Raoul.

— Ele tem todas as informações para nós? — Perguntou Duke.

— Ainda não. Temos outra corrida planejada em três semanas e ele quer planejar um encontro para certificar-se que está tudo bem.

Duke bateu seu joelho.

— Ok. Marque o encontro em três semanas.

— Crazy não vai estar apto a fazer uma corrida — disse Pike. — Se sua menina não aguentar, ele estará indo para a prisão. Nenhum de nós será capaz de pará-lo de atacar Suz.

— Então, nós teremos a certeza de que ele seja bloqueado. Meu filho não vai para a prisão por essa puta. — Duke ficou de pé, andando. — Crazy está sério sobre a menina. Eu vi o jeito que ele estava com ela na sede do clube. Eu nunca tive conhecimento que Crazy seria assim. Ele é apaixonado por ela.

Daisy não podia argumentar.

— Certo, nós temos que dar um passo de cada vez. Diaz é proprietário das drogas, por isso, Suz deve ter virado comerciante por um tempo. Isso não é um problema. Explica por que ela queria o dinheiro. Ela precisava financiar seu hábito. Vendo Leanna no parque, estava tudo pronto para assustá-la. Não temos qualquer coisa para resolver.

Daisy concordou com Duke. Não havia nenhuma maneira que este foi um ataque planejado. Foi desleixado e foi mais uma vingança do que qualquer outra coisa, orquestrada por uma ex louca e ciumenta.

— Nós daremos um passo de cada vez — disse Daisy.

Todos concordaram.

Era tudo o que eles podiam fazer.

Capítulo Dez

— Você está bem, cara? — Perguntou Knuckles.

— Eu tenho sangue da mulher que eu amo mais que tudo em minhas mãos. O que você acha? — Perguntou Crazy, entrando no banheiro.

Knuckles seguiu atrás dele e Crazy se moveu em direção a pia, olhando para seu reflexo.

Até para si mesmo, ele viu o olhar louco em seus olhos. Haviam manchas de sangue no seu rosto e sua camiseta estava coberta. Puxando sua camisa, jogou-a no lixo. Agarrando a barra de sabão, ele começou a lavar as mãos.

O sangue de Leanna cobria suas mãos e braços.

Engolindo o nó na garganta, ele observou a água ficar vermelha quando ele lavou sua pele.

— Você deve pensar que eu sou um covarde.

— Não, eu não penso.

— Estou chorando. Estou fraco.

Olhando fixamente para Knuckles no espelho, ele o assistiu acenar sua cabeça.

— Eu não acho que você é fraco. Você escolheu a sua mulher até que estava baleada e sangrando. Esta não é apenas alguma pessoa aleatória, Crazy. Leanna é a sua mulher. Ela pertence a você. Você não é fraco e eu não acho menos de você. Eu invejo vocês.

— Você me inveja? Que porra é essa que eu tenho para você invejar? Eu sou divorciado. Eu tenho uma menina com uma vagabunda que eu não gosto. A mesma mulher acaba de tentar matar e pode ter sido bem-sucedida em matar, a mulher que eu amo. Que porra é essa que você tem para invejar? Minha vida está uma merda.

— Você tem uma mulher que te ama. Leanna pode não ter dito isso a você, mas ela ama. Eu vi no churrasco e no parque. Ela estava feliz quanto a morar com você. Eu não tenho isso. Eu tenho putas do clube que querem meu pau e nada mais. acredite em mim, Crazy, você tem um monte para eu invejar. Eu nunca vou ter isso.

Ele estava sem palavras.

Knuckles não fazia o tipo de cara para ser sentimental.

— Sinto muito.

— Não sinta. Eu não estou ferido, mas se eu pudesse trocar com você agora, eu o faria. Eu faria qualquer coisa para poupar a dor de um irmão. Eu amo meu clube. Eu amo meus irmãos. Eu tenho mais do que alguns homens. Eu simplesmente não tenho uma mulher minha. — Knuckles deu de ombros. — Não há muitas mulheres que poderiam me segurar.

Crazy não precisava perguntar o que ele estava falando. Knuckles tinha a reputação de ser um bastardo sádico. Ele gostava de amarrar as mulheres, até espancá-las e usar facas nelas. Crazy não sabia se ele as fazia sangrar e ele não queria saber. O que um irmão fazia, não tinha nada a ver com ele.

— Estamos todos um pouco fodidos — disse Crazy.

— Espero que Leanna volte. Eu realmente espero.

Voltando pelo hospital, Crazy não deu a mínima para que ele fez isso sem uma camiseta.

Sentando-se com os seus irmãos, ele olhou para a porta que sua mulher havia desaparecido completamente. Os irmãos ficaram em silêncio e os únicos sons que ele ouvia eram as das atualizações que vinham através do porteiro, juntamente com enfermeiros chamando pacientes.

O tempo passou.

Ele não sabia o quanto e com cada segundo que passava, ele ia ficando cada vez mais assustado.

Finalmente, a porta se abriu e ele nem sabia quanto tempo tinha passado quando a enfermeira, seguida por um médico, entrou pela porta.

Levantando-se, ele olhou para suas expressões sombrias.

Não esteja morta.

Não esteja morta.

Não esteja morta.

Não esteja morta.

— Ela está bem? Leanna está bem? — Ele olhou da enfermeira ao médico.

— Você é seu parente mais próximo?

— Eu sou o noivo dela, caramba. Ela está bem? Eu a trouxe aqui. Não houve tempo suficiente para esperar.

Se ele tivesse feito a coisa certa?

— Leanna está estável no momento — disse o médico.
— Ela sofreu três ferimentos a bala. Um perfurou seu coração e foi direto, felizmente, não danificou qualquer artéria principal. Eu consertei os danos. Outro pegou seu lado e de

novo, não é uma ameaça a sua vida. A última bala perfurou seu pulmão, fazendo com que ele tivesse um colapso. Temos reparado o dano e ele parece estar segurando bem. Nós vamos estar monitorando ela os próximos dias. No momento, foi dado a ela um sedativo para ajudá-la descansar.

— Ela não está em coma? — Perguntou Crazy.

— Não. Ela perdeu a consciência pela perda de sangue e dor. Eu não quero dar-lhe qualquer falsa esperança, mas seus sinais vitais estão bons.

— Eu quero vê-la. Por favor, eu tenho que vê-la.

O médico olhou para trás.

— Somente você pode vê-la.

— Então, eu quero vê-la. — Crazy não poderia ficar um minuto sem a sua mulher.

— Vou levá-lo. — A enfermeira falou, dando a ele um sorriso.

— Vamos acompanhá-la de perto. — O médico acenou para ele antes de sair.

Crazy seguiu a enfermeira, que o apontou o quarto.

— Ela vai estar pálida e haverá um monte de tubos ao redor de seu corpo, mas eles estão lá para ajudá-la. Não acho que está em uma condição ruim. Nós fizemos tudo o que podemos para salvá-la.

— Eu a trouxe aqui tão rápido quanto eu poderia — disse Crazy.

— Eu sei. Você estava certo. Se você tivesse esperado pela ambulância, ela teria morrido. Seu pulmão parou no caminho para o hospital, esses momentos preciosos significaram que seu pulmão poderia ser reparado. Dez minutos a mais e ela não teria sobrevivido à perda de sangue e a falta de oxigênio, por causa do colapso pulmonar, teria causado graves danos cerebrais.

— Você está dizendo que eu fiz a coisa certa? — Perguntou.

— Algumas pessoas pensam que é melhor esperar pela ambulância e em muitos casos, é verdade. Dentro de outros, vidas são salvas por pessoas que reagem ao invés de esperar. Neste caso, ela foi salva por você reagir. Ela está lá.

Crazy assentiu, entrando no quarto.

Um soluço escapou dele quando olhou para a mulher que amava com todo seu coração.

Um tubo estava saindo do lado da boca e seu corpo estava ligado a três diferentes máquinas.

— Não é tão ruim, eu prometo. — A enfermeira se aproximou e apontou para a tela. — Isto monitora sua pressão sanguínea, este seu pulso. Estamos monitorando seu pulmão e também a mantendo ligada a morfina para ajudar com a dor.

— Por que você está me ajudando? — Ele perguntou, olhando para a enfermeira.

— Eu estava lá quando você correu para o hospital. Você parecia tão assustado e eu não sei, você me lembrou um pouco do meu falecido irmão.

— Falecido irmão?

— Ele morreu alguns anos atrás, durante um assalto em uma lanchonete. Foi há muito tempo. Eu queria ajudar. Eu sei o que é perder um ente querido e ninguém parece se importar. Eu me importo. É por isso que eu me tornei uma enfermeira.

— Qual é seu nome? — Perguntou Crazy.

— Kasey. Kasey Lintel.

— Eu sou Crazy.

— É bom conhecer você. — Kasey deu a ele um sorriso e voltou-se para as máquinas. — Seus sinais vitais estão bons e a morfina irá impedi-la de sentir qualquer dor.

— Você sabe quando ela vai acordar?

— Quando o efeito dos sedativos passarem, ela deve acordar. Nós vamos monitorar seu nível de dor e se for necessário, vamos sedá-la um outro dia. Não é nossa missão causar dor, mas curá-la.

— Eu estou em dívida com você — disse ele.

— Você não está em dívida. Não de qualquer maneira.
— Ela sorriu e foi sair do quarto. — Eu vou estar na minha mesa. Grite se precisar de mim.

— Obrigado.

Kasey não respondeu e ela o deixou sozinho.

— Hey, baby, você parece uma merda. — Ele foi sentar-se na cama e parou. — Sua dor está sendo controlada, assim, eu não vou fazer nada para lhe causar mais dor.

Sentando na cama, ele respirou.

— Eu sinto muito.

Ele tocou em sua mão e ele ficou surpreso ao encontrá-la excitada. Ela parecia tão pálida e fraca, ele esperava que ela estivesse fria.

— Eu não sei o que dizer a você. Eu quero dizer tanto.

Fez-se silêncio na sala, além das máquinas apitando e fazendo barulhos.

— Eu te amo, Leanna. Eu te amo pra caramba e eu nunca tive a chance de dizer a você. — Ele riu. — Não que você acreditaria em mim. Você pensaria que eu estava fazendo isso para entrar em suas calças. Eu não preciso te dizer que te amo para entrar em suas calças. Você é minha em todos os sentidos.

Respirando fundo, ele se inclinou para cima e deu um beijo em seus lábios. Ela não respondeu e ele não achou que ela faria.

— Nós vamos superar isso. Não há nenhuma maneira de eu deixar você ficar longe de mim agora. Você vai se casar comigo e nós vamos ter uma lua de mel que será tão malditamente perfeita. Eu vou gastar cada dia fazendo amor com você. Uma vez que Strawberry vai precisar de um irmão ou irmã, ou ambos. Eu ficaria feliz com uma grande família e eu aposto que você também.

O tempo passou e Crazy continuou falando com ela, lembrando momentos que ele amava. Ele continuou beijando os lábios e segurando a mão dela.

Kasey limpou a garganta e ele virou-se para a porta.

— Me desculpe por perturbá-lo. Seus amigos queriam uma atualização. Eu também fui solicitada para dizer Strawberry. Eu não sei o que isso significa.

— Strawberry é minha filha. — Ele segurou a mão de Leanna com força. — Eu não quero deixá-la.

— Ela vai descansar e eu vou ter certeza de que os outros saibam que você poderá voltar a qualquer momento. — perguntou Kasey.

— Eu posso voltar?

— Sim. Você pode vir e sentar-se com ela.

— Eu quero estar com ela. Eu não quero deixá-la sozinha. — Ele beijou a mão de Leanna. — Posso deixar um dos caras ficar com ela até eu voltar?

Kasey assentiu.

— Eu vou lidar com isso.

— Ok. Ok. Baby, eu vou deixar Daisy ficar com você e vou falar com Strawberry, ok? Ela deve estar tão preocupada com você. Fique aqui, descansa e fique melhor. Nós temos uma vida para planejar.

Beijando-lhe a mão, ele foi para cima e pressionou outro beijo em seus lábios.

Abrindo e apertando suas mãos, ele seguiu Kasey para seus irmãos.

— Eu quero alguém para ficar com Leanna — Crazy disse, falando diretamente para Duke.

— Certo. Quem você quer?

Olhou para Daisy.

— Você vai ficar com ela?

— Sim. Eu vou ficar com ela.

— Eu vou falar com Strawberry e voltar. Kasey irá mostrar-lhe para onde ir.

Daisy se levantou, apertou sua mão e deu um tapa nas costas.

— Eu vou protegê-la.

Ele observou Daisy ir e desejou que ele estivesse indo cuidar de sua mulher. Ele não gostaria de confiá-la a ninguém, mas a si mesmo.

— Eu tenho que ir até Strawberry. Ela deve estar preocupada.

— Ela está no rancho com Mary e Holly — disse Pike.

Saindo do hospital, ele foi até seu carro, que foi movido da entrada do hospital.

— Eu mudei isso para você — disse Knuckles.

Crazy abriu a porta de trás do carro e viu as manchas de sangue no assento. Seu estômago virou-se e em sua mente, ele viu Leanna lutando para respirar.

— Eu não vou para o rancho. — Ele foi para frente de seu carro. — Eu vou matar Suz.

Entrando no carro, ele saiu do estacionamento, com os irmãos montando rapidamente em suas motos para segui-lo.

Pela segunda vez naquele dia, Crazy ultrapassou os limites de velocidade para chegar à cadela que tinha tentado tomar sua mulher.

— Porra! Siga-o! — Duke correu para sua moto e montou nela. Ele seguiu o irmão, que tinha a intenção de arruinar sua vida. Duke tinha matado sua ex-mulher quando ela pegou Holly e quase a matou. Havia uma enorme diferença entre ele e Crazy. Sua mulher não tinha feito um ataque público em Holly.

Tanto quanto qualquer um sabia, sua ex estava fora causando problemas em outros lugares. Não havia nenhum corpo que seria desenterrado. Duke tinha cuidado dele.

A ex mulher de Crazy tinha atacado Leanna na frente de testemunhas. As pessoas sabiam de Suz e a cadela deixou um rastro de evidências de que levaria até Crazy. Ele não poderia ter seu homem agindo.

Pike moveu-se ao lado dele e o resto dos seus homens seguiram atrás. Crazy tinha alguns minutos de distância deles e qualquer que fosse a velocidade limite, ele quebrou. Duke dirigiu, mas não faria nada por acabar morto, porque ele não conduzia com segurança. Ele estava com raiva de si mesmo. Duke deveria ter tomado as chaves da ignição, mas Knuckles tinha deixado. Se não chegasse a tempo, Crazy ia arruinar toda a sua vida e Duke não ia deixar isso acontecer.

Seguindo para o estacionamento, viu que Crazy já estava assustando todos. As putas do clube estavam juntas abraçadas. Retardando sua moto a uma parada, Duke saiu de cima, deixando cair no chão.

Crazy saiu do clube segurando Suz pelo pescoço. Duke viu que o rosto dela estava vermelho por ele ter batido nela.

— Crazy, homem, você tem que parar — disse Duke, chegando mais perto.

Não havia ninguém escutando na mente de Crazy. Ele arrastou Suz até o carro.

— Você vê aquilo! A porra do sangue, sua puta.

Ele viu como Crazy bateu o rosto dela no sangue manchando a tapeçaria, esfregando o rosto dela.

— Ela é uma mulher melhor do que você jamais vai ser e você quase a levou para longe de mim.

Crazy puxou Suz e bateu-a contra o carro.

— Eu fiz-lhe um favor. Aquela vadia gorda não poderia lidar com você. — Suz riu e Duke não podia acreditar que ela estava fazendo isso. Crazy estava perdido e agora, era o homem que ganhou seu nome.

Crazy passou os dedos na garganta de Suz e apertou com força. Suz começou a agarrar seus braços, mas Crazy não estava a soltando.

— Você acha que pode me manipular. Você nem sequer sabe com quem está lidando.

O som do carro do xerife teve Duke amaldiçoando. Isso não era algo que precisava lidar.

— Vá para o cofre do clube. Você sabe a combinação. Pegue cem grandes. Estará indo para precisar — disse Duke, falando com Raoul.

O irmão saiu e Duke olhou para trás, vendo xerife David indo para sua arma.

As mulheres gritaram quando Crazy jogou Suz, mas antes que a mulher pudesse recuperar o fôlego, ele a levantou pelos cabelos e arrastou-a para a parte traseira do clube.

— Crazy, deixe-a ir — David, o xerife, disse, gritando.

Crazy não deu ouvido.

— Que merda está acontecendo? — Perguntou David.

— Suz baleou e quase matou a mulher de Crazy. Leanna, a babá?

— Eu sei quem ela é.

— Ela está no hospital e isso é ruim — disse Duke.

— Eu não posso olhar para o outro lado, Duke. Há testemunhas e eu já dei as suas declarações. A ferida a bala foi reportada no hospital. Eu não posso simplesmente fazer isso ir embora.

Duke amaldiçoou.

— E se Crazy não matar Suz? Faço-o parar, sem acusações contra Crazy?

— Suz conseguiu ser agredida por seus traficantes de drogas. Eu posso escrever isso. A maioria das testemunhas declararam que Suz parecia drogada. Faça-o parar, Duke. Eu não posso fazer muito mais.

— Siga-me. — Duke se moveu em direção a Crazy, que estava gritando mais uma vez.

Suz estava ajoelhada no chão e parecia que ela finalmente percebeu a terrível situação que ela estava. As lágrimas estavam caindo dos olhos dela, juntamente com ranho. Ela parecia uma bagunça. Crazy tinha uma arma apontada para a cabeça e seu dedo estava pressionando contra o gatilho.

— Crazy, pare!

Crazy hesitou e olhou para ele.

— Ela tem que morrer, Duke. Ela é um problema e eu sei como lidar com os problemas.

— Havia testemunhas, Crazy. Ela está caindo e ela vai para a prisão.

— Eu não acredito na prisão. Cadelas como ela conseguem liberdade condicional. Todos recebem liberdade condicional. — Ele apertou o cano da arma contra sua cabeça. — Ela precisa morrer.

— Você morre e quem vai cuidar de Strawberry?

— Ela vai para Leanna.

— Não, ela não vai. Leanna não tem um parentesco com ela. Ela vai ser colocada no sistema e nós vamos lutar para recuperá-la. Leanna estará sozinha. Você vai ter perdido tudo. Guarde a arma e pense, Crazy. Hoje, você não pode ganhar. Ninguém pode vencer hoje se você disparar a arma. Você deixa e Suz vai embora. Você vai e segura sua menina e, em seguida, visita Leanna. Ela precisa de você. Como você acha que ela vai se sentir quando ela acordar e descobrir que você se foi? — perguntou Duke.

— Pare.

— Você sabe que estou certo. Pense em si mesmo, seus entes queridos e no clube. Os Trojans vão viver para lutar outro dia. — Ele trouxe os Trojans para Crazy perceber que Duke já tinha outro plano.

Crazy olhou para trás novamente.

— O quê?

— Nós somos os Trojan do MC. Nós vivemos para lutar outro dia e para saber quando colocar as armas para baixo.

Eles eram chamados de cavalos de Tróia por uma razão. Eles tinham uma maneira de começar o trabalho feito de outras maneiras.

O clube tinha contatos, incluindo Diaz, que sabia como conseguir drogas e merda nas prisões. Os dias de Suz estariam contados e não iria voltar a cair no clube.

— Você promete?

— Minha palavra.

Crazy segurou a arma e passou para Duke.

— Leve-a, xerife.

Os próximos minutos, ele viu Suz gritando e implorando para o xerife deixá-la ir, oferecendo seu corpo em troca da liberdade. Uma vez que Suz estava no banco de trás, algemada e contida, Xerife David voltou para eles. Duke pegou o dinheiro com Raoul e entregou a David.

— Graças a vocês.

David embolsou o dinheiro e levou o problema com ele.

— Eu quero vê-la morta.

— Ela vai estar morta, mas dê-lhe alguns meses de sua prisão.

Ele faria o que precisava ser feito para manter o traseiro de Crazy fora da cadeia.

Capítulo Onze

Crazy tomou banho na sede do clube. Suas mãos tremiam, mas ele começou a se acalmar. Levou um longo tempo para superar a raiva. Quando ele visse Strawberry, ele não queria ter quaisquer restos de raiva.

Andou a pé para a parte principal do clube, viu os irmãos esperando por ele.

— Obrigado — disse ele, falando com Duke.

— De nada. Nós temos que saber quando desistir e quando ficar e lutar.

— Por que você me parou? Você matou a sua ex?

— Eu não tinha testemunhas. Suz fez tudo onde havia adultos e crianças como testemunhas. Eu não mataria ou silenciaria crianças, Crazy. Eu sou um cara mau, mas eu não sou um monstro. Eu nunca vou matar crianças.

Crazy assentiu.

— Eu não poderia matar crianças. — Passando a mão pelo rosto, ele riu. — Eu nem posso começar a acreditar no tipo de merda que eu estaria agora. Eu vou ver a minha filha.

Ele foi para fora e montou sua moto, mas ele não a ligou imediatamente. Olhando para o carro, ele acenou com a cabeça em direção a ela.

— Peça aos prospectos para limpá-lo, mudar o interior. Eu vou pagar por todo o trabalho a ser feito.

Duke gritou a ordem e Crazy não ficou para trás para ouvir o que tinha a ser dito. Ele começou seguindo em direção ao rancho aonde Holly e Duke viviam com seus filhos. A estrada aberta não o acalmou.

Ele estava em conflito e ele queria sua mulher de volta em seus braços. O som de motos se aproximando por trás dele não o fez reduzir. Crazy não deveria estar dirigindo a sua filha para lhe dizer que Leanna estava bem e depois, ir para o hospital. Eles deviam estar comemorando.

Lutar outro dia.

Não deixe Suz ganhar.

Se ele atirasse em Suz, então, ele estaria fodido, não importa o que o clube fizesse. Ele não podia fazer Suz desaparecer quando havia testemunhas suficientes para dizer que tinham visto os Trojans segurando-a.

Dirigindo para a fazenda, ele estacionou sua moto e subiu correndo os degraus. Holly foi abrindo a porta quando ele levantou a mão para bater.

— Ela está bem? — Perguntou Holly.

— Ela está estável no momento, mas crítico.

Holly colocou os braços ao redor dele.

— Qualquer coisa que possamos fazer, deixe-me saber. Nós vamos fazer o que pudermos.

— Obrigado. Eu agradeço.

— Strawberry está na cozinha com Mary e Mathews. Tivemos de distraí-la. Ela estava preocupada.

— Eu posso imaginar.

Ele passou por Holly e foi direto para a cozinha. Sua filha estava de pé sobre um banquinho, misturando algo em uma tigela. Mary tinha em uma pequena televisão que estava mostrando um programa para fazer bolos. Encostado na porta, Crazy respirou. O pequeno som alertou sua filha e Strawberry deixou cair a taça e correu em direção a ele.

— Papai! — Ela gritou o nome dele e correu para seu lado.

Curvando-se, ele a pegou em seus braços e segurou-a perto dele.

— Eu tenho você, querida.

Mary pegou a tigela e começou a limpar a bagunça que Strawberry tinha feito, largando a tigela.

— Me desculpe — disse ele.

Ela levantou a mão.

— Nem pense em pedir desculpas.

Ele balançou a cabeça e as lágrimas encheram seus olhos, mas ele as segurou.

Ele não ia deixar isso acontecer de novo. Chorar não ia resolver nada.

— Como está Leanna?

— Ela está boa, querida. Ela vai precisar de você para ser uma menina grande, embora. Você acha que pode fazer isso por mim? — ele perguntou.

— Eu quero vê-la.

— Hoje não. Ela está muito cansada. Você vai ficar com Mary e Holly um pouco por enquanto.

— Mas, papai!

— Não, querida. Nós dois temos que ser fortes por ela. Precisamos trabalhar juntos para Leanna poder voltar para casa para nós. Por favor, Strawberry.

— Medo da mamãe.

— Eu sei, mas não precisa se preocupar com a mamãe mais. Não pense sobre ela, está bem? Ela tem sido desobediente e não podemos ajudar as pessoas que foram impertinentes.

— Tudo bem, papai.

Ele segurou Strawberry perto. Beijando seu rosto, ele a pegou e olhou para Mary.

— Você irá cuidar dela para mim?

— Claro. Holly e eu vamos fazê-lo.

— Nós estaremos contentes.

— Eu preciso que você pegue algumas coisas do apartamento de Leanna. Eu não sei quando ela estará fora do hospital. Eu coloquei uma oferta em uma casa e eu tenho que lidar com eles.

— Estamos todos aqui para você. Duke vai assumir a compra de sua casa. Você tem o todo o clube do seu lado, Crazy — disse Holly. — Diga-nos o que você precisa.

— Obrigado. — Ele deu um Strawberry grande aperto. — Seja uma menina grande para mim, tudo bem e eu vou deixar você ver Leanna no momento em que ela não estiver mais cansada.

— Ok.

Ia custar muito presentes a ele.

Alguns minutos depois, ele estava saindo do rancho e andando em direção ao hospital. Estacionou a sua moto, foi para o quarto de Leanna e encontrou Daisy que estava jogando em seu telefone quando ele entrou.

No momento em que ele estava na porta, Daisy estava pronto para entrar em ação.

— Como ela está? — Perguntou Crazy.

— Sem mudança. Essa enfermeira que me mostrou o quarto veio duas vezes para checar seus sinais vitais e disse que parecem bons.

— Obrigado, Daisy.

— Sem problema. Eu gosto de Leanna. — Daisy se levantou. — Você precisa que eu fique?

— Não. Eu tenho isso. Você pode voltar para o clube.

— Estamos aqui se precisar de nós.

— Obrigado. — Crazy tomou o lugar que Daisy estava sentado. Ele estava cansado e precisava de algum descanso.

Esfregando os olhos, moveu a cadeira para o lado de Leanna, tomando-lhe a mão.

Agarrou o controle remoto e apontou-a para a televisão. Ouvir essas máquinas malditas ia mandá-lo a uma morte prematura e ele não estava interessado em ir a uma morte prematura.

Ele tinha um monte de planos.

Assistindo à televisão, ele assistiu um drama criminal e, em seguida, um sobrenatural sobre vampiros. Kasey trouxe alguma comida após ela verificar os sinais vitais de Leanna.

— Eu estarei terminando o turno em dez minutos. Eu deixei um recado com a enfermeira que vai assumir. — Ela deu a ele um sorriso. — Leanna está reagindo, eu prometo. Ela é forte.

— Eu sei que ela é.

— Vejo você amanhã.

Ele comeu a comida e descansou a cabeça na cama, assistindo à televisão. As horas se passaram e não demorou muito antes de dormir.

Crazy não sabia quanto tempo dormiu antes que fosse acordado pela mão de Leanna.

Se levantando, ele olhou para sua mulher e olhou em seus belos olhos castanhos. Leanna estava olhando para ele e o coração de Crazy acelerou.

— Olá baby.

Ela não estava tão bem acordada e sua mão foi para o tubo em sua boca. Batendo a mão no alarme, ele gritou para uma enfermeira.

— Leanna, baby, acalme-se. Você não pode tirá-lo.

Ele tentou pôr as mãos, mas ela estava lutando contra isso.

Duas enfermeiras correram e ele observou-as remover o tubo de sua boca.

Leanna respirou fundo, asfixiando.

— Leanna, você precisa se acalmar. Você já foi operada e nós precisamos que você relaxe para que você não arrebente seus pontos.

As enfermeiras começaram a falar e os olhos de Leanna estavam em pânico.

— Crazy? — Ela chamou o seu nome e foi em um coaxar.

Movendo a enfermeira para longe de sua direção, ele pegou a mão de Leanna, beijando-a.

— Eu estou aqui, baby. Eu estou aqui e não vou embora.

As enfermeiras começaram a verificar seus sinais vitais e anotando suas conclusões.

— Precisamos chamar o médico.

— Água — disse Leanna.

Agarrando o jarro, ele derramou um pouco de água no copo e pressionou em seus lábios.

Ela tomou um gole e estremeceu.

— Eu me machuquei.

— Você está viva.

— Eu me lembro do que aconteceu — disse ela. Sua voz soava rouca como se ela tivesse gritado.

Leanna apertou sua mão ao redor dele.

— Você me salvou.

— Eu trouxe você aqui. As enfermeiras e os médicos te salvaram.

— Obrigada. Eu não quero morrer. Eu não quero morrer.

Ele segurou a mão dela um pouco mais apertado.

— Eu não vou deixar você morrer, baby. Estamos aqui e estamos juntos.

Ela assentiu com a cabeça, estremecendo novamente.

— Isso dói.

— Descanse.

Inclinando-se, beijou seus lábios, segurando a mão dela.

— Eu não vou a lugar nenhum e você precisa ser forte para Strawberry.

— Como ela está?

— Eu vou dizer-lhe tudo quando estiver pronta. Strawberry está bem. Está tudo bem. Nós todos precisamos de você para ficar mais forte.

Leanna assentiu.

— Forte. Eu posso ficar mais forte.

Ele riu e pela primeira vez em vinte e quatro horas, ele realmente acreditava que tudo iria ficar tudo bem.

— Você está bem? — Perguntou Mary.

Daisy voltou-se para sua cama, surpreso ao ver Mary sentada lá. Ele não a tinha visto quando ele entrou no clube.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu ouvi o que estava acontecendo. Eu estava preocupada.

— Onde está a Beth? — Ele não tinha visto sua irmã e ele estava preocupado com ela. Suz atirando em Leanna colocou o clube em alerta. Duke o tinha atualizado com o que aconteceu. Ele ficou surpreso que Crazy foi capaz de se

segurar. Ele era um homem melhor do que todos eles. Nenhum deles seria capaz de se segurar e ainda mais Crazy.

— Ela está em seu quarto. Beth sabe o que aconteceu, mas disse que tínhamos que ficar fora de vista.

Ele tinha uma toalha enrolada na cintura e a simples visão de Mary tinha mudado o seu pênis de flácido para duro.

— Por que você está aqui? — Ele perguntou. As bochechas de Mary estavam vermelhas e ela olhou para seu colo.

— Eu sei que você não é um monstro. Vocês fingem que são, mas sabemos que não são.

Daisy riu.

— Você acha que eu não sou um monstro? Eu faço parte do Trojans MC.

— E ainda hoje você se sentou ao lado de uma mulher que não significa nada para você.

— Você está errada.

— Leanna significa algo para você?

— Ela é uma velha senhora. Ela vai significar algo para o clube quando Crazy finalmente reivindicá-la. — Ele queria

afundar seus dedos em seu cabelo escuro de seda e bater seu pênis em sua boca. Daisy queria Mary, mas ele tinha feito de tudo para ficar longe dela. Ela era uma mistura de doce e ardente.

— Por que você esconde quem você é? — Perguntou Mary.

— Por que você está determinada a ver um homem que não existe?

— Eu não acredito que você seja tão cruel como você é por fora.

— Então, você é uma idiota. — Daisy ajoelhou-se e olhou em seus olhos. — Você não tem ideia de quem eu sou. Você nem sabe o que eu estou pensando agora.

— Daisy?

— Eu vou te dizer o que eu estou pensando. Eu quero agarrar seu cabelo, prendê-lo no lugar e enfiar meu pau em sua boca. Eu quero rasgar as roupas que você está vestindo e come-la tão selvagem que você estará gritando para eu parar e ainda implorando por mais. Eu não brinco, Mary. Quero transar com você e possuir cada polegada do seu corpo. A coisa é, eu não vou lhe devolver. Eu jogo o meu pedido e você não está indo para casa. Esse é o tipo de homem que eu sou.

Eu vou matar pessoas para este clube e eu não vou hesitar. Uma vez que eu levá-la, nenhum outro homem terá permissão para olhar para você. Vou possuir você.

Lágrimas encheram os olhos de Mary.

— Saia do meu quarto. Você não está pronta para lidar com o tipo de homem que eu sou.

Mary correu para fora do quarto e Daisy se sentou na beira da cama. Ele não estava pronto para se estabelecer, mas no momento em que ele olhou fixamente em seus olhos verdes surpreendentes, ele queria prendê-la em sua cama e fazê-la sua.

Ele faria o que fosse necessário para tê-la e fode-la.

Ela é muito inocente.

E por essa razão, ele ia ter que deixá-la ir. Ele não era bom o suficiente para Mary.

Mary fechou a porta e respirou fundo. Seu coração estava batendo e sua boceta estava em chamas. Ela não tinha medo. Ela estava excitada e necessitada.

Daisy sempre foi um enigma para ela. Ele era o irmão mais velho de sua melhor amiga e Mary estava fantasiando sobre ele por anos. Nenhum outro cara chegava até ele, de nenhuma maneira. Passou alguns meses desde a última vez que ela o tinha visto e ela realmente achava que ele não a queria.

Ela pensava em seus sentimentos por Daisy a todo momento. Havia momentos que ela o odiava, no próximo momento, ela o queria e todas às vezes, ela estava dividida. Ela tentou namorar outros caras e nenhum deles chegava aos pés de Daisy.

O pensamento de ser detida e reivindicada por Daisy não a assustava ou aborrecia. Era o que ela queria e ela tentou lutar contra esses sentimentos em todos os momentos. No mundo em que as mulheres deveriam estar lutando por sua independência, Mary ansiava por um homem que iria cuidar dela.

Mary testemunhou seus próprios pais em um relacionamento similar.

Desde que ela tinha conhecimento de sexo, amor e ela fez pesquisa on-line, prestava atenção. Sua mãe ficou em casa, cuidando de Mary e proporcionando um bom lar para seu pai, enquanto seu pai ganhou o dinheiro, foi o homem que lidou com tudo.

Ele a confundiu em primeiro lugar.

Seus pais estavam em um tipo de relacionamento Dom / sub.

Ela não repeliu a ideia. Claro, ela esteve um pouco receosa de pensar em seus pais, porque era apenas rude.

Fazendo mais pesquisa, Mary tinha descoberto um anseio dentro de si mesma para exatamente a mesma coisa, mas ela precisaria de um homem que ela pudesse confiar.

Colocando sua vida nas mãos de outra pessoa a deixava com medo.

Daisy foi o único cara que chegou perto de ser o que Mary queria.

Lágrimas encheram os olhos e caíram em suas bochechas. Não havia nada que ela poderia fazer para conseguir o que ela queria, quando ela não podia sequer lidar com Daisy sendo rude com ela. Mary ainda era virgem e ela não queria que nenhum outro homem a tocasse.

— É impossível.

Não havia nenhuma chance de que ela encontrasse o que ela queria se ela continuasse correndo do homem que ela realmente queria.

Capítulo Doze

Uma semana depois

Leanna estava com dor, mas era manejável. Ela já não estava ligada a múltiplas máquinas e ela poderia finalmente ir para o banheiro se ela quisesse e não em um saco.

Crazy foi buscar Strawberry e Daisy estava sentado com ela.

— Você está bem? — Perguntou ela.

O motociclista estava amuado e ela não sabia como lidar com motociclistas amuados.

— Estou bem. Só tenho merda na minha mente.

Sentado contra os travesseiros, ela respirou. A dor ainda era um pouco demais para ela as vezes. Ela não podia acreditar que ela quase morreu, mas ela não podia acreditar que foi baleada.

— Você quer compartilhar comigo? Eu não estou indo em qualquer lugar para que você possa compartilhar o que quiser e eu não vou contar a ninguém.

Ela estava entediada. Deitada na cama o dia todo era chato. A televisão a sugava e ela não tinha ideia do que fazer com seu tempo.

— Não é nada e eu irei falar sobre isso.

— OK.

— Você sabe que Crazy irá se casar com você — disse Daisy.

— Ele disse isso.

Leanna sorriu. Foi uma semana estranha. Crazy raramente saía de seu lado e mesmo quando as enfermeiras vinham para verificá-la, ele estava lá, olhando por ela e cuidando dela do seu próprio jeito. Ela adorou. Ele foi tão doce.

— Há uma mulher que eu quero — disse Daisy.

— Você não precisa me dizer se você não quiser.

— É difícil. Eu quero algo que eu não posso ter.

— Como você sabe que não pode tê-la? — Perguntou Leanna.

— Ela morreria se soubesse o que quero fazer com ela. Ela estaria morta. — Ele passou os dedos pelo cabelo dele. — Esqueça.

— Pegue leve. Eu queria correr de Crazy. Ele me fez querer coisas que eu tentei enterrar. E se você quer muito alguma coisa, estará disposto a fazer concessões.

— Eu não posso me comprometer. Eu não quero.

Leanna inclinou a cabeça, observando-o.

— Então, tente seduzi-la. Eu não sei de quem você está falando, mas você parece um homem bastante agradável.

Daisy amaldiçoou.

— Hey — disse Holly, entrando no quarto com vários balões.

Leanna riu e fez uma careta. Suas feridas ainda estavam dando-lhe alguns problemas.

— O que é tudo isso?

— Crazy tem Strawberry lá fora, mas ele disse que nós estávamos livres para entrar e trazer presentes.

Atrás de Holly, estavam Mary e Zoe.

— Todos nós temos dons — disse Zoe.

— Você não precisava.

— Você não sabe que quando você está doente, você deveria ter presentes? — Holly disse, amarrando os balões na cama.

— Eu não acho que as enfermeiras vão ficar felizes com eles.

— Resistente. Eu não irei voltar com eles.

Mary veio para o seu lado, carregando uma caixa de bolo.

— Nós fizemos isso, então não se preocupe por ele ser comprado na loja. Este é muito melhor.

— Obrigada.

— E flores. Nós não sabíamos o que você gostava. Além disso, temos um monte de livros — disse Zoe, colocando em cima da cama.

Abrindo o saco marrom, Leanna olhou e encontrou títulos eróticos.

— Eu pensei que eles inventavam leitores para estes?

— Você está doente e ferida. Este é muito melhor.

Balançando a cabeça, Leanna colocou-os na gaveta ao lado da cama.

— Obrigada.

— Nós realmente esperamos que você fique melhor e quando você estiver fora do hospital e pronta, estamos indo para ter um dia de meninas. Pense em bebidas, alimentos e possivelmente, um stripper — disse Holly.

— Oh, eu poderia colocar Landon para fazer strip-tease. Ele me deve depois que eu vim para casa para e encontrei seu preservativo no meu sofá. Eu tive que jogar o sofá fora. Que tipo de homem transa com uma mulher no sofá?

Leanna a lembrou de seu primeiro encontro com Crazy. Eles acabaram no sofá e Crazy não teve seu momento feliz.

Holly, Mary e Zoe olharam quando Crazy e Strawberry entraram no quarto, Daisy olhou.

Strawberry correu para a cama, mas antes que ela pudesse saltar sobre os lençóis, Crazy a pegou.

— Ela ainda está mal, querida. Seja cuidadosa.

Ela deu um sorriso a Crazy.

— Desculpe-me, Leanna.

— Está tudo bem. Como você está?

Ela conversou com a menina, tentando esconder o cansaço. O médico lhe dissera que iria levar algum tempo para ter a sua força de volta.

Depois de meia hora, ela deu um bocejo e Crazy a fez dizer adeus a Strawberry.

Ela acenou para a menina e, em vez de ficar sozinha, Crazy voltou.

— Onde está Strawberry?

— Ela está passando a noite com Russ e Sheila.

— Você deveria ir para casa. De volta ao apartamento e cuidar dela, Crazy. Eu não vou a qualquer lugar.

— Não. Você levou um tiro por minha causa. Estou aqui. Eu te amo, Leanna.

Ela nunca se cansava de ouvi-lo dizer.

— Eu também te amo.

Ele pegou a mão dela e beijou-lhe os dedos.

— Eu não vou estar no hospital para sempre.

— Quando você sair, vamos nos casar.

— Como é que a casa está indo?

— Eu devo ser capaz de me mudar em breve, cerca de três semanas.

— Isso é bom.

— Eu já comecei a embalar seu apartamento.

— O quê?

— Você me ouviu. Estamos nos mudando juntos e você já acordou. Nós vamos nos casar e você é minha mulher.

— Eu não sou aquela velha.

— Eu sei. É um termo carinhoso. Você não tem que se preocupar com ele.

Crazy lançou um suspiro.

— Há algo que eu tenho para lhe dizer.

— Isso soa assustador. Você não parece feliz com isso.

— Há uma maneira que eu tenho que reivindicá-la na frente do clube para fazê-la minha senhora. É o que Holly, Mary e Zoe passaram e outras velhas senhoras, no passado.

— Eu não vou gostar disso, eu vou?

— Eu não sei, querida. Você é aventureira, por isso pode responder a uma daquelas suas fantasias.

— O que é isso? — Ela perguntou. Ela tinha um monte de fantasias e muitas envolviam Crazy.

Na verdade, todas as suas fantasias eram sobre Crazy e contavam com Crazy de alguma forma.

— Velhas senhoras são tomadas na frente de vários membros do clube. Ninguém tem permissão para tocá-la, mas o cara está marcando-a como sua.

— Você quer dizer sexo?

— Sim.

— Para eu ser considerada pelo seu clube, você tem que fazer sexo comigo?

— Sim.

Leanna não estava zangada com ele e percebeu que tinha que haver uma razão para ser uma velha senhora e este fato era especial para o clube. Quando Holly e Mary tinham falado sobre ser uma velha senhora, um olhar viera em seus olhos e ela sabia que foi especial para elas.

— Eu não estou na melhor condição para isso, Crazy.

— Eu não estou brincando sobre isso.

— Eu sei. Podemos falar sobre isso outra hora? Eu fui baleada três vezes e eu estou no hospital. Eu não quero pensar em fazer sexo enquanto outros homens assistem. Você quer mesmo estar comigo? — ela perguntou, confusa.

— O que você quer dizer?

— Eu não sou gostosa, ou material de modelo.

— Querida, se você está se colocando para baixo, posso prometer, vou bater na sua bunda.

— Eu estou ferida.

— E eu tenho uma maldita boa memória, preciosa. Vou me lembrar deles e quando você estiver melhor, vou me certificar de que você nunca se diminua de novo.

Leanna bufou.

— Eu te amo e eu acho que você tem um corpo sexy. Não há ninguém mais que eu queira mais do que você. Os caras não irão tocar em você e eles vão saber que você me pertence.

Leanna não gostou da ideia de ser observada ou assistida por outros. Vendo a necessidade encarando de volta para ela, ela faria isso por Crazy.

Três semanas mais tarde

Crazy dirigia seu carro recém-estofado em direção ao hospital. Strawberry estava no banco de trás, animada com o fato de que eles iam finalmente levar Leanna para casa. O médico manteve Leanna porque o emplastro em seu pulmão havia saído e ele teve que repará-lo. Nada nas últimas três semanas foi errado e Leanna agora estava apta e bem.

Seus ferimentos foram cicatrizados e em algumas semanas, os pontos seriam removidos. O médico estava feliz por ela ser liberada, proporcionando a ela não fazer nada muito extenuante. Crazy teve uma conversa com o médico só para ter certeza de que sexo ainda era uma opção. O sexo não seria um problema. Ele apenas precisava considerar Leanna quando eles tivessem relações sexuais, o que ele teria feito de qualquer maneira. Ele não gostava da porra do médico.

Houve uma grande surpresa esperando por ela quando chegaram a casa e viu Strawberry na volta cheio de emoção.

— Você não disse nada, ok? Você não pode dizer a Leanna.

— Eu sei, papai. Ela vai adorar.

Ele riu.

Crazy realmente esperava que ela adorasse. Ele estava correndo um grande risco. No último mês, desde que ela esteve no hospital, ele sentiu que tinham se fortalecido como um casal. Leanna até abriu para ele sobre seus medos e ele se abriu com ela sobre o que ele queria. Uma vez que ele havia explicado a forma como o clube reivindicava uma mulher, ele esperava que ela ficasse tão irritada. Ela aceitou, mas ele viu que ela não fazia gosto disso.

A reivindicação de uma velha senhora era a forma como os Trojans MC queriam que fosse. Não só mostrar aos irmãos dentro do clube que uma mulher estava fora dos limites, ele também mostrava o que a mulher estava preparada para fazer por seu homem. Era uma união de mentes, corpos, almas e pontos fortes. Os irmãos do clube respeitavam isso.

Nem todas as mulheres tiveram a confiança para ser tomada, fodidas, fazer amor na frente de um grupo de outros homens. Ao quebrar seus medos e fazê-lo, sendo reivindicadas como propriedade de um membro, elas estavam ganhando o respeito do clube.

Sim, para alguns, não fazia sentido.

Para o clube, fazia todo o sentido que precisava. O clube não precisa justificar suas ações para qualquer outra pessoa e nunca o faria. Ele não sabia o que os outros clubes, como os Skulls, Chaos Bleeds, Dirty Fuckers MC, ou os Saints e Sinners MC, faziam para aceitar as novas velhas senhoras, bocetas do clube e prospectos. Crazy sempre esteve interessado no Trojans MC.

Saindo do hospital, Crazy estava muito nervoso.

E se ela dissesse que não?

Todo o planejamento de hoje teria sido para nada?

Não pense.

Apenas faça.

Ele ajudou Strawberry sair do banco de trás e juntos, foram para o hospital.

Ela agarrou a mão um pouco mais apertada. Sua garotinha estava tão assustada de Leanna não receber alta. Ele não sabia como tranquilizá-la, para que ele não tivesse dito muita coisa.

Acenando com a cabeça em direção a Kasey, a enfermeira deu um aceno antes de voltar sua atenção a seu paciente.

Quando ele entrou no quarto de Leanna, ele viu que ela já estava arrumada e pronta para ir.

Strawberry correu para ela, jogando as mãos em suas pernas.

— Eu senti sua falta — disse Leanna.

— Senti sua falta.

Crazy se aproximou, segurando a parte de trás do pescoço dela e pressionando um beijo forte em seus lábios.

— Eu senti sua falta.

Ela deu um sorriso.

— Podemos sair daqui? Eu passei mais tempo no hospital do que eu queria.

— Certo. Você está se sentindo bem. Tudo certo?

— Sim. Mais do que bem.

Crazy pegou suas malas enquanto Strawberry levou um saco com presentes. O clube esteve por várias vezes dando-lhe

presentes e oferecendo-lhe conselhos. Ele tinha ouvido algumas mulheres do clube sentadas com ela e conversando.

Ele estava feliz que o clube aceitou-a tão facilmente.

E ajudou que ela era uma mulher maravilhosa com um grande coração.

Deixar o hospital foi um alívio bem-vindo. Ele não tinha sequer estado no interior, mas o momento em que ele deixou as portas do hospital e tomou uma lufada de ar fresco, ele estava no céu. Era hora de levar a sua mulher para casa.

Strawberry continuou falando e enchendo qualquer tipo de silêncio. Colocando todos os seus sacos nas costas, juntamente com suas malas, ele ajudou Leanna a entrar no carro, colocando o cinto de segurança mais uma vez.

— Eu posso fazer isso.

— Eu quero fazer isso por você.

Ele estava ao volante e dirigindo em direção a sua casa nova. Strawberry, sua pequena menina, continuou a falar e Leanna de alguma forma, manteve a conversa. Crazy estava fora de sintonia, esperando que os caras tivessem os preparativos de última hora prontos. Ele teria ficado para trás, mas ele não quis arriscar a surpresa.

Não demorou muito e Strawberry provou ser a distração perfeita. Estacionando fora da casa, Leanna suspirou.

— Esta é a nossa casa?

— Sim e eu tenho o meu próprio quarto e assim terão você e papai — disse Strawberry.

Leanna riu.

— Parece incrível. Eu não posso esperar para ver o que está dentro.

Com suas malas na mão, eles foram em direção à porta. Não havia sinal de ninguém e o coração de Crazy estava batendo em seu peito. Colocando seus sacos perto das escadas, Strawberry apressou-se na parte traseira da casa.

— O que há de errado com ela?

— Você sabe. Ela está animada sobre ter uma casa nova, novo local e um monte de novos problemas.

— Você está bem, Crazy? Tem certeza de que estamos prontos para morar juntos?

— Sim. Estou mais do que pronto. É outra coisa.

Leanna sorriu.

— O quê? Eu levei um tiro por você e tem outra coisa que você quer que eu faça.

Ele decidiu apenas fazê-lo e ver o que aconteceria. Tomando-lhe a mão, ele a levou para a parte traseira da casa, em direção à cozinha.

— Eu não terei um passeio.

— Você terá, em um minuto. — Ele respirou fundo e não podia acreditar o quão nervoso ele estava.

Mais do que qualquer coisa, ele queria que ela dissesse sim, para que ele pudesse fazê-la sua mulher completamente.

Abrindo a porta para o jardim, ele a puxou para fora e toda a turma Trojans gritou:

— Surpresa!

Leanna suspirou e viu-a ir até o jardim. Ele deixou Holly e Sheila encarregadas de fazer com que parecesse perfeito para um dia de casamento. Havia flâmulas brancas penduradas em algumas árvores.

Cadeiras em ambos os lados, criando um corredor para o centro.

Ajoelhando-se, Crazy puxou o anel que estava queimando dentro de seu bolso.

— Você vai me fazer a honra de se tornar minha esposa?

— Você fez tudo isso para mim?

— Sim. Eu fiz isso por nós. Eu não acho que você iria querer uma igreja cheia de estranhos. O clube é a nossa família.

Lágrimas caíram dos olhos dela e ele esperava que fossem lágrimas de felicidade.

— Você quer se casar comigo?

— Sim.

Leanna olhou para si mesma. Ela estava com um vestido de verão azul, sapatos pretos lisos, com seu cabelo amarrado atrás da cabeça.

— Eu estou uma bagunça.

— Você está linda para mim. Olhe para eles, Leanna. Eles não esperam um casamento perfeito. Isto é entre nós e o que nós pensamos que é perfeito.

— Sim — disse ela.

— Você vai se casar comigo.

— Sim. Hoje, agora, eu vou casar com você. Eu não quero desperdiçar nenhum segundo.

Levantando-se, ele passou os braços em volta dela e tomou posse de seus lábios.

— Eu vou fazer você a mulher mais feliz do mundo — disse ele.

— Estou ansiosa para você manter essa promessa.

— Não vai ser difícil. — Esfregando o nariz contra o dela, ele ignorou todas as vaias e assobios do clube. — Eu só posso me comportar durante tanto tempo.

— Está tudo bem. Eu gosto disso.

Eles foram pelo corredor e ele rapidamente entregou as chaves de Strawberry. O padre tinha chegado para casá-los, oferecendo uma enorme doação para a igreja local.

A cerimônia foi simples e eles não tiveram tempo algum para passar os seus votos.

O que foi dito, veio do coração.

— Leanna, tenho a intenção de te amar, cuidar de você e estar com você em todas as falhas e sucessos. Eu não vou deixá-la sozinha novamente. Você é minha vida, meu amor, para sempre. Não há fim para nós.

— Crazy, eu te amo com todo o meu coração e eu amo a sua filha. Vou tentar ser a esposa perfeita que você precisa e estar com você em tudo o que seu coração desejar.

Ele sorriu e tocou seu rosto. Em um momento, eles foram declarados marido e mulher e ele poderia finalmente beijar a noiva.

O padre saiu de casa após a cerimônia e Crazy agradeceu-o por seu tempo.

Leanna foi abraçada pelas mulheres e ele viu que Beth e Mary tinha vindo para a cerimônia.

Movendo-se para os homens, Duke deu um tapa na parte de trás, Pike abraçou, Russ beijou ambas as bochechas.

— Duas vezes pelo corredor, você acha que isso é o que?
— Perguntou Daisy.

— Leanna é a única. O outro foi um erro. — Ele olhou por cima do ombro para ver Leanna sorrindo para ele. Hoje à noite, ele ia amá-la como sua esposa.

— Pare os pensamentos sujos — disse Knuckles. — As crianças estão presentes.

— Você ainda está bem para cuidar de Strawberry hoje à noite? — Ele perguntou, dirigindo sua pergunta a Duke.

— Claro.

— Bom. — Passou um mês sem tocar sua mulher e tinha a intenção de se certificar que esta noite fosse especial.

Ele pegou uma garrafa de cerveja que foi passado para ele. A música foi ligada e ele tomou a reivindicação de sua esposa, puxando-a para longe do grupo de mulheres, arrulhando sobre ela.

Envolvendo seus braços ao redor dela, ele descansou a mão contra a sua bunda.

— Eu não posso acreditar que você fez tudo isso para mim.

— Eu não faria isso por qualquer outra pessoa. Eu te amo.

— Eu também te amo. Há um lado doce em você que mantém escondido.

— Shhh, eu não quero que os rapazes saibam. Eu nunca viveria e iria fazer da minha vida uma miséria.

Ela jogou a cabeça para trás rindo.

— Eu sei e eu vou mantê-lo para mim mesma, e Strawberry.

— Faça isso.

Capítulo Treze

Leanna olhou a cozinha, tomando um gole de suco de laranja. Era uma bela casa e Holly tinha se oferecido para voltar amanhã para limpar a bagunça. Ela não podia acreditar que esta era a sua casa. A casa era tão grande, espaçosa e quando ela foi para o quarto, ela se apaixonou por ele.

Caminhando para a sala de estar, ela fechou as cortinas e engasgou quando os braços de Crazy envolveram sua cintura.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou, rindo.

— O último convidado se foi. Eu quero você, Leanna. Já faz muito tempo. — Ele beijou seu pescoço, ao mesmo tempo que sua mão deslizou até o interior de sua coxa. — Hoje à noite é a nossa noite.

— Eu quero você também.

Ela gemeu quando a mão pousou sobre sua boceta. Ele colocou os dedos por baixo do tecido de sua calcinha. Fechando os olhos, ela gemeu quando ele tocou seu clitóris, circulando antes de se mudar para pressionar dentro dela.

— Você está molhada, baby.

— Sim.

— Isso é como sempre vai ser entre nós. Você vai estar encharcada e eu vou adorar cada segundo.

Em resposta, ela gemeu. Não havia outra resposta quando ele colocou dois dedos dentro dela.

Ele removeu os dedos e ela virou para assisti-lo sugar o creme em seus dedos.

— Você tem um gosto perfeito. Tire suas roupas.

— Você está sempre me dizendo para tirar minhas roupas.

— Acostume-se com isso. Eu gosto de dizer o que eu quero.

Ela tirou o vestido e, ao mesmo tempo, Crazy ficou nu. No momento em que estavam nus, ele pegou a mão dela e foi para as escadas. Ela não foi lá em cima ainda e ela não podia esperar para ver seu quarto.

Crazy a carregou quando eles estavam fora do seu quarto e ela gritou quando ele a levantou, levando-a sobre o ponto inicial.

— Nosso quarto, baby.

Ele colocou-a sobre a cama grande e Leanna amava o que ela viu do quarto. Crazy não lhe deu a chance de levar nada. Seus lábios estavam nos dela, mas não por muito tempo. Ele beijou abaixo do pescoço, a parte superior de seus seios. Ela gemeu, contorcendo-se debaixo dele e implorando por seu toque.

— Por favor, eu preciso de você, Crazy.

Não havia pressa e ele beijou cada uma de suas ataduras, que ela achou incrivelmente doce. Ela afundou os dedos em seus cabelos.

Ele pegou suas mãos, as pressionando ao lado dela, segurando-a para baixo. Assistindo seu beijo abaixo do estômago, ele se moveu para o lado dela, colocando um beijo no curativo final. Crazy não parou e mudou-se para seu estômago, indo para sua boceta.

— Abra suas pernas.

Ela abriu as coxas e gritou quando ele pegou seu clitóris e chupou-o profundamente em sua boca, usando os dentes para criar uma pequena pontada de dor. Era tudo o que ela queria e muito mais. Ele se moveu para baixo, fodendo sua língua dentro dela.

Mordendo os lábios, ela empurrou-se para encontrá-lo e ele continuou segurando-a, mantendo-a exatamente onde ele a queria. Seu aperto aumentou em seus pulsos, excitando-a.

— Por favor.

— Diga-me para lambe a sua boceta.

— Lambe minha boceta, Crazy.

Colocando sua língua dentro dela, ele moveu para cima, deslizando sobre seu clitóris, depois de volta para baixo novamente.

Mais e mais, ele criou prazer, aumentando sua excitação ao ponto de gozar.

Ele a soltou e deu um passo para trás.

— Por quê? Eu estava tão perto — disse ela, fazendo beicinho.

Crazy passou os dedos pelo seu pau e deslizou sua mão para cima e para baixo em seu comprimento.

— Venha e me prove.

Ela não precisou ser solicitada duas vezes. Ajoelhando-se, ela se arrastou em direção a ele, vendo que o movimento o tinha despertado mais. Sorrindo, ela colocou os dedos em seu

comprimento e Crazy lançou seu próprio pau. Tomando posse, ela moveu seus dedos, subindo e descendo no pau dele, saboreando seu pré sêmen quando ela lambeu a ponta. Ela não o fez esperar muito, tomando todo o seu comprimento até o fundo de sua garganta.

Ele amaldiçoou e seus dedos estavam mais uma vez de volta de seu cabelo. Ela o engoliu, sacudindo a cabeça e amou como ela era capaz de dar a ele esse tipo de prazer.

— Merda, baby, sua boca é tão boa. Eu senti sua falta. Este último mês tem sido um pesadelo. Eu preciso de você e eu quero você. — Ele empurrou em sua boca e Leanna abriu os lábios para que ele pudesse ir tão fundo quanto ele queria. — Porra, porra, porra.

Crazy puxou o cabelo dela e ela se afastou, empurrando seu peito para cima.

— Eu tenho que ter você.

Ela foi para a cama e Crazy a fez parar.

— Abra suas coxas.

Franzindo a testa, ela abriu as pernas.

— Hoje, eu quero vir em sua boceta e ver como ele a preenche.

— Crazy?

— Eu te amo, Leanna. Eu te amo pra caramba e eu não vou mudar quem eu sou. Eu vou te chatear, provavelmente incomodá-la, mas eu sempre vou voltar para você.

Mordendo o lábio, ela abriu as coxas.

— Você está realmente pronto para assumir o risco de fazer sexo?

— Eu quero mais filhos com você. Você é a minha vida e eu sei o que quero. Confie em mim.

Ela confiava nele.

— OK.

Leanna estava tomando pílula, mas ela não sabia o quão eficaz a medicação era para a dor que ela tinha tomado.

Ele passou os dedos no interior de sua coxa e ele tocou sua vagina, colocando dois dedos dentro dela.

— Você está mais molhada, Leanna.

— Eu te quero. Já faz muito tempo.

Crazy puxou-a para a borda da cama e ela o observou agarrar seu pênis, pressionando a ponta em seu núcleo. Ela disse ofegante enquanto ele pressionava em seu interior,

preenchendo a sua boceta. Fazia muito tempo desde que ele esteve dentro dela e ela não sabia como ela sobreviveu ao mês passado.

— Olhe para nós, Leanna, olha como eu a tomo.

Ela olhou para seu pênis enquanto ele lentamente enchia sua boceta. Choramindo, ela não conseguia desviar o olhar quando seu comprimento desapareceu. Ele a esticou e ela abriu suas coxas para acomodá-lo melhor.

Hoje à noite ia ser a noite de sua vida, sua verdadeira noite de núpcias.

Crazy estava tão perto de gozar que ele não sabia como manteve o controle. Leanna estava tão molhada e ele sentia cada polegada de sua boceta perfeita quando ele deslizou dentro dela. As paredes de sua vagina apertaram-no firmemente. Olhando para sua boceta apertada, ele gemeu. Ela era tão perfeita e bonita e agora, ela pertencia a ele. Ele nunca acreditaria.

— Por favor, Crazy.

— Você quer que eu te coma? — Perguntou.

— Sim. — Ela gritou a palavra para ele e ele riu. Puxando para fora de sua doçura, ele viu o creme em seu pênis. Quando apenas a ponta permaneceu dentro dela, ele bateu nela e ela gemeu. Ele puxou-a para que suas mãos estivessem em volta dele. Suas unhas afundando em seus ombros e ele rosnou contra a pele do pescoço, lambendo seu pulso.

— Eu te amo, Leanna. Você me pertence.

Fazia muito tempo desde que ele esteve dentro dela e não sabia quanto tempo mais ele poderia adiar. Alcançando entre eles, ele tocou seu clitóris e a tomou ao mesmo tempo.

Ela gemeu e com algumas pinceladas de seus dedos, ela gozou em seu comprimento.

— Eu não vou durar, baby. Porra. Esta é uma foda perfeita. Eu preciso de você. Eu vou te comer mais uma vez. Eu não posso esperar.

— Goze dentro de mim, Crazy — disse ela, sussurrando as palavras contra seu ouvido. — Encha-me com seu esperma.

Essas palavras definiram e ele gozou, enchendo-a e fazendo exatamente o que ela disse.

Quando acabou, ele descansou a cabeça contra a dela e ficou dentro dela.

— Isso foi rápido, mas incrível — disse ela, sem fôlego.

— A noite não acabou. Eu vou levar você de novo e de novo. Este é apenas o primeiro de muitos.

— O que você quer que eu faça agora? — Leanna recostou-se olhando em seus olhos. — Eu quero que você tenha tudo o que deseja. Eu nunca quero ter que me preocupar com você correndo para criar suas fantasias com outra mulher.

Crazy deu um beijo em seus lábios, querendo mais do que qualquer coisa ver sua boceta vazando seu esperma, mas ele queria entender a mudança de Leanna, então ele perguntou.

— Eu quase morri, Crazy. Eu poderia ter morrido e eu não tinha feito metade das coisas que íamos fazer. Esta é uma daquelas coisas que você quer e eu quero saber o que é, para você reivindicar cada *buraco*.

Ele começou a rir da sua delicada forma de dizer que queria que ele transasse com sua bunda.

Crazy estava mais do que feliz em obrigar.

— Quando eu acordei, eu percebi que eu não queria morrer lamentando todas as coisas que eu não tinha feito, especialmente quando eu poderia experimentar agora, com você. Eu amo você, Crazy. Eu acho que eu amo desde o primeiro momento que eu vi você. Eu estava assustada. Nenhum outro homem me deixou sentindo da maneira que você me faz sentir.

— Eu sou um sortudo filho da puta por ter você.

Soltando os braços, baixou-a de volta para a cama, pressionando um beijo em ambas as mamas dela. Ele saiu de sua vagina e observou como seu creme branco saia dela. Revestindo os dedos em seu esperma, ele colocou de volta dentro dela.

— Eu quero você grávida do meu filho. Eu preciso fazer isso para que você não possa andar longe de mim.

— Eu não estou indo embora.

— Bom. Eu vou transar com você até que você esteja grávida.

Ela riu.

— Você não está ouvindo.

— Eu estou ouvindo, mas eu vou fazer o que eu quero.

Ele foi para o banheiro, pegando um pano e retornando para enxugar o excesso.

Crazy cuidou dela e quando ele terminou, ele pegou a mão dela.

— Vamos dar um tempo essa turnê antes de eu voltar e come-la tudo de novo. — Ele puxou-a para seu lado, descansando a mão em seu grande quadril arredondado.

— Será que você e os caras decoraram?

— Sim. Eu queria tudo perfeito. — Eles deixaram seu quarto e ele levou-a para o banheiro principal da família.

— É grande.

— Você vai dizer isso muito esta noite.

Rindo, ela descansou a cabeça em seu ombro.

— Strawberry tomou este quarto. — Ele abriu a porta para revelar um quarto rosa, coberto de princesas.

Crazy foi o único a decorá-lo e Strawberry tinha escolhido todos os móveis que ela queria.

— Este é o seu quarto dos sonhos. Ela falou sobre isso o tempo todo. O que acontecerá com o meu apartamento? — perguntou Leanna.

— Holly, Mary, Zoe e Sheila nos ajudou a mover todos os seus móveis e eu paguei o senhorio o último aluguel. Você é uma mulher rica e você paga o aluguel?

— Eu não queria comprar o apartamento. Eu gostava de viver lá.

— Eu nunca vou entender você, vou?

— Eu não sei. Você quer?

— Sim, eu quero entender você. Você é minha mulher e eu quero saber o que você está pensando e sentindo.

Ele ouviu seu suspiro.

— Eu acho que estava alugando mês a mês, no caso de eu tiver um motivo para sair rapidamente. Eu não queria lidar com a venda do apartamento e alugar o espaço significava que eu poderia ir sempre que eu quisesse.

— Você tornou-se ligada a Strawberry?

— Sim. Ela é uma garota doce e eu a adoro. Suz, erm, Suz não parece ter percebido a filha incrível que ela tinha e quando ela veio até mim, eu queria que Strawberry soubesse como era ser amada.

— Ela não sabe. Acredite em mim, ela não sabe.

Leanna acenou com a cabeça, descansando a cabeça em seu ombro.

— Ela tem um problema comigo vivendo com vocês dois em tempo integral?

— Você está brincando? Strawberry não pode esperar.

Ele pegou a mão dela e beijou-lhe os dedos.

— Não fique com raiva de mim. — Levando-a para o quarto ao lado, ele abriu a porta e acendeu a luz.

Ela engasgou e ele entrou.

— Eu coloquei cores neutras. Eu espero que você não se importe.

Era um berçário e ele tomou um monte de tempo para se certificar de que fosse feito com perfeição para um menino ou menina.

— Você fez isso?

— Sim. Eu não deixei qualquer outra pessoa no quarto.

— Eu amo isso.

— Eu estava esperando que você gostasse de começar a preenchê-lo o mais rapidamente possível.

— Sim, eu vou. Eu quero. — Ela entrou em seus braços, envolvendo-os em seu pescoço e beijou seus lábios. — Vamos fazer uma noite de começo.

Agarrando sua bunda, ele riu.

— Nós já estamos fazendo.

Capítulo Quatorze

Três semanas mais tarde

Leanna estava nervosa enquanto ela andava na cozinha do clube. Era um dos churrascos de final de verão. Era o último fim de semana para Beth e Mary antes de irem para casa e na próxima semana, Strawberry começaria a escola. Leanna chegou a todos do hospital ontem, mas não era o que a deixava nervosa.

Era uma festa no clube para os Trojan MC e Crazy tinha dito a ela que hoje à noite ele ia torná-la uma velha senhora. Ela estava na cozinha com Holly, Mary e Zoe. As outras mulheres estavam espalhadas tanto na sede do clube ou fora, desfrutando do churrasco. Leanna estava andando na frente do forno, onde ela estava esperando pela lasanha terminar de assar.

Mary e Beth saíram da cozinha para tirar algumas das bebidas que tinham sido deixadas sobre a mesa.

— Como você está enfrentando a espera? — Perguntou Mary, chegando a ficar ao lado dela. Holly foi confeitaria os cupcakes que foram feitos e Zoe estava comendo sorvete. Foi uma batalha entre Holly e Zoe para ver quem poderia começar o sorvete e terminar em primeiro lugar. Havia um monte de cupcakes e Holly estava olhando para Zoe, que deu de ombros. — Você não deve fazer um bom sorvete. Se o gosto estivesse ruim, então eu não seria capaz de comê-lo.

— É melhor comer os cupcakes. Os homens virão depois de sua bunda, espancando-a, se eu não fizer eles terem o suficiente para gelar.

— Raoul vai me proteger.

— Ignore-os. Isso sempre acontece quando Zoe está na cozinha. Ela não sabe cozinhar, então ela come tudo o que cozinhamos.

Leanna assentiu.

— Eu reparei.

— Você está nervosa.

— Você não ficou?

— Pike tentou reivindicar-me em frente ao clube, sem eu conhecê-lo.

Ela franziu a testa.

— Como isso é possível?

— Ao ficar tão excitada que eu não iria perceber que eu estava prestes a ser fodida em um clube cheio de homens. Eu corri para fora e não falei com ele por um tempo. Ele pediu desculpas e levou tempo para perceber que era uma coisa para os homens do clube.

— Crazy explicou-me.

— Não é sujo — disse Zoe. — Os homens não olham para você como se você fosse uma vagabunda. Nenhum olhará para você como se eles te vissem nua também. É uma coisa de homem do clube. Eu não sei por que eles fazem isso.

— É respeito — disse Holly. — Nós não podemos usar nossos punhos para ganhar a confiança dos homens. Estamos todas nervosas sobre mostrar nossos corpos e nos abrirmos durante o sexo. Sendo uma velha senhora na frente do clube, prova para os homens que você está disposta a fazer qualquer coisa que o homem quer e você está protegendo ele. Eu sei que eu protegerei Duke. Eu mentiria para protegê-lo.

Leanna assentiu.

— Crazy conversou comigo sobre isso ontem à noite. Ele quer que os caras saibam que eu estou lá para ele.

— Você está? — Perguntou Mary.

— Eu estou. Eu o amo. Eu nunca, erm, eu nunca precisei ou quis uma audiência.

— Crazy sabe o que está fazendo. Ele vai protegê-la ao longo de tudo. Ninguém vai tocar em você e amanhã, será como se nunca tivesse acontecido — disse Holly, batendo a mão de Zoe de longe.

O forno apitou e deixou Leanna saber que era hora de retirar a lasanha.

Ela colocou em uma bandeja de arrefecimento. Estava quente para comer agora. Movendo-se para o sorvete, ela pegou um saco e começou a colocar o sorvete em cada bolo. Provando um pouco do *cream cheese* em seu dedo, ela gemeu.

Era realmente bom, melhor do que bom.

Quando todo o trabalho estava feito, eles carregaram a comida para a mesa. Ela tinha colocado a lasanha em cima da mesa e se afastando, os homens estavam perto dela. Holly e Mary irromperam rindo e os olhos de Leanna se arregalaram.

— Eu disse a você que eles amavam lasanha — Crazy disse, puxando-a de volta contra ele.

Ele a segurou com força e ela se inclinou para trás, descansando a cabeça em seu ombro.

— Eu não acho que haverá o suficiente para você.

— Eu tenho a cozinheira. Você pode fazer um pouco para mim amanhã.

Leanna riu e viu como a lasanha tinha ido embora em poucos minutos. Ela deixou os braços de Crazy para pegar alguns hambúrgueres para Duke.

Russ e Sheila estavam cuidando de todas as crianças para a festa. Eles sabiam que esta noite ia ser a noite que Crazy reivindicaria na frente do clube. Seus nervos estavam enrolados de tão apertados, mas ela se obrigou a manter a calma e não sair correndo e gritando. Era difícil fazer, com todos ao seu redor.

Crazy ficou ao seu lado, segurando-a perto. Seus dedos brincavam com ela, acariciando seu pescoço, ou tocando seus seios. Fez de tal forma que ninguém viu e ela estava agradecida. Com seu olhar afastado, ela tentou pensar em outra coisa.

— Relaxe, Leanna. Ninguém vai atacar você. Isto é o que eu quero e eu prometo a você, eu irei protegê-la.

Seu corpo estava em suas mãos e ela confiava nele. Ela confiava nele com todo o seu coração e alma. Olhando para o anel que decorava seu dedo, sua decisão estava tomada. Ela não ia fugir dele. Isso era o que ele precisava para o clube saber que ela pertencia a ele e ela estaria de costas.

Você pode fazer isso para o seu homem.

Outras velhas senhoras tinham feito isso antes e era a vez dela.

Ela teria força para fazer o que precisava ser feito.

A noite avançava e quando chegou, a música estava alta e Crazy pegou a mão dela.

Ele tinha visto o aceno Duke em sua direção e era hora de um punhado de irmãos se reunirem dentro do clube.

Leanna não tentou pará-lo de tomá-la para o clube. Landon fechou a porta atrás dele, mantendo guarda para que ninguém entrasse. A reivindicação de uma velha senhora era um assunto privado e não requeria nenhuma das prostitutas do

clube presentes. Isso era sobre o membro e sua mulher. Hoje à noite, ele estava prestes a reivindicar Leanna.

Ninguém mais. Mary e Holly estavam lá. Raoul e Zoe tinham ido ao seu quarto. Daisy, Knuckles e Pie estavam todos lá, juntos com alguns outros irmãos.

Ele a levou para o salão de festas e uma música suave foi colocada. Ninguém pareceu notar quando ele a levou para a mesa de bilhar.

— Eu te amo, Leanna.

— Eu também te amo. — Seu olhar percorreu a sala e ele se virou para ver que eles estavam sendo assistidos. Ele tinha feito algumas vezes e seus olhares não o incomodavam.

— Olhe nos olhos deles, Leanna. Eles não estão te julgando. Eles estão esperando para ver se você vai me rejeitar a mim.

— Eu não irei rejeitá-lo.

Ele tocou as alças do vestido e puxou para baixo até que seus seios fartos ficaram livres. Crazy gemeu com a visão e tomou um broto duro em sua boca, sugando a ponta. Movendo-se para o seguinte, ele deu o mesmo tipo de atenção. Leanna afundou os dedos em seus cabelos e ele gemeu com a mordida de dor dos dedos dela.

— Olhe para eles, Leanna. Eles estão aceitando você como minha mulher. Ninguém mais está indo tocar em você.

— Ele se afastou e tirou a jaqueta de couro, colocando-o sobre ela. — Veja, você me pertence. Você é minha propriedade, minha mulher e eu vou te amar para o resto da minha vida.

— Faça-me sua mulher aos olhos do clube, Crazy.

Ele levantou-a sobre a mesa e deslizou suas mãos debaixo de seu vestido. Ela contorceu os quadris quando ele tirou a calcinha, embolsando o tecido. Desafivelando seu cinto, ele abaixou seu zíper e tirou seu pênis.

Eles não tinham usado um preservativo no último par de vezes e ele não estava prestes a começar agora. Ele a queria grávida e tinha começado a ler livros prontos para quando ela estivesse grávida. Ele não tinha se preocupado com Suz, como ele não tinha acreditado no início que Strawberry era dele. Com Leanna, ele estava determinado a fazer tudo certo.

— Eu preciso de você, Crazy.

Afundando os dedos em seus cabelos, ele colocou seus lábios nos dela, mergulhando sua língua em sua boca e beijando-a profundamente. Ele não podia acreditar no jeito que ele se sentia por ela. Era amor puro, necessidade e tudo mais. Leanna fez dele uma pessoa melhor e ele faria de tudo para mostrar a ela o quanto a amava.

Encontrando sua boceta, ele empurrou a ponta do seu pênis dentro dela. Para as últimas três semanas que ele tinha transado com ela a cada chance que ele teve e ela ainda estava incrivelmente apertada, apertando-o.

— Eu te amo — disse ele, batendo dentro dela.

Ela gritou e deitou sobre a mesa de bilhar, envolvendo suas pernas ao redor de sua cintura. Ele saiu dela, vendo seu pênis escorregadio aparecer. Sem esperar um momento, ele bateu dentro, indo tão profundo que perdeu o seu fôlego. Crazy olhou ao redor e viu os irmãos assistindo ele reivindicar a sua mulher, sua verdadeira mulher. Ele nunca tinha feito isso por Suz, e com seus olhares sobre ele, sabia que Leanna tinha ganhado sua confiança e lealdade.

Não importa o que acontecesse, ela estaria protegida e amada pelo clube.

Porra, ele acariciou seu clitóris e quando ela se desfez, ele encontrou sua própria libertação, rosnando suas palavras de amor e aceitação.

Leanna sentou-se, enrolando as mãos em volta do pescoço e pressionando beijos em seu pescoço.

— Eu te amo.

— Olhe para eles, Leanna.

Ela olhou por cima do ombro.

— Você vê?

— Eles não estão me julgando.

— Você levou Crazy como o seu homem. Você saiu de sua zona de conforto. Você é uma de nós, Leanna — Duke disse.

Escolhendo a sua mulher, ele acenou para seus homens e Leanna riu quando ele a levou para o andar de cima.

— Você vai se machucar.

— Não, eu não vou. Eu não terminei com você ainda. — Chutou a porta, largou-a na cama e tirou-se de sua vagina. — Tire o vestido. — Ela foi tirar a jaqueta e ele parou. — Não, eu quero que você mantenha a jaqueta.

Ela tirou o vestido e a roupa interior.

Tirando suas próprias roupas, ele se sentou na cama.

— Vire para mim.

Ela deu um giro na jaqueta de couro.

— Você é toda minha agora e eu não vou deixar você ir.

— Você promete?

— Eu preciso de você, Leanna. Você me chama.

Leanna foi até ele, ajoelhado sobre o outro lado de suas pernas.

— Você me prometeu alguma coisa.

Ela pegou a mão dele e colocou-a na bunda dela.

— E agora estou pronta para isso.

— Você quer que eu foda essa bunda bonita?

— Sim. Eu quero.

— Fique de joelhos.

Hoje à noite ia ser a primeira noite de muitas e Crazy não podia esperar para viver o resto de sua vida. Até Leanna abrir seu coração para ele, ele só tinha sobrevivido e agora, ele estava finalmente vivendo.

— Amanhã é meu e último dia e de Beth — disse Mary.

Daisy sentou-se, virando-se para a mulher de cabelos negros que tinha deixado ele louco.

— Ela superou tudo o que ela precisava?

— Eu não sei. O verão acabou e ela está de volta para o mundo real. — Seus braços estavam cruzados sobre o peito. Ela parecia contida, fechada e inatingível.

— O mundo real? Onde as pessoas mantem viva uma vida falsa para mostrar ao mundo quão perfeitos eles são.

— Nem todo mundo é assim.

— Você vai se encaixar bem.

Mary amaldiçoou.

— Estou de saco cheio disso. Você empurrou e empurrou todo o verão, tentando provar que você é alguma coisa. Eu vi você com as prostitutas do clube. Será que é bom esse envolvimento com mulheres que não se preocupam com você? Que não se importam?

— Sim, é bom. Elas não correm de mim.

— Você está errado sobre mim e você não pode sequer ver o que está bem na sua frente.

Daisy franziu a testa e entrou em pânico quando ela se virou para sair de seu quarto.

Levantando-se da cama, ele correu para ela, agarrando-lhe o braço.

— O que merda você está falando?

— Você acha que eu não posso lidar com você, mas você está errado. Você não sabe nada sobre o que eu quero, o que eu preciso.

— Então me diga.

Mary rosnou.

— Eu quero ser possuída, amada e eu quero confiar em alguém para que eu possa dar o meu corpo, coração e mente. Eu já vi isso acontecer. Quero isso.

Daisy ofegava.

— Você quer a faculdade.

— Não. Eu sei o que eu quero e eu não posso tê-lo. Não tenho permissão. Eu tenho que ser independente e quero fazer meu nome. Todo mundo faz tudo o que quer para mim e eu não tenho a coisa que eu quero.

Lágrimas encheram os olhos e transbordaram.

Seu coração estava batendo.

— Então fique.

— O quê?

— Espera e vamos ver onde isso vai.

— Você não quer dizer isso.

— Eu quero. Hospede-se no clube, seja minha.

— E Beth?

— Ela não quer sair. Ela me disse na noite passada. Vou ligar para nossos pais e você pode fazer faculdade online. Fique.

— E?

— E vamos ver se você pode realmente lidar comigo no comando por completo.

Epílogo

Um mês depois

Crazy saiu do banheiro e Strawberry sentou lendo um livro que estava aprendendo na escola.

— Você está pisando fora do tapete da mamãe.

Ele parou de andar saindo do banheiro e sentou ao lado de sua menina. Há dois dias da volta as aulas de Strawberry, começou chamando Leanna de "Mamãe" e ele tinha visto a emoção em sua mulher.

— Você poderia ter um irmãozinho ou irmãzinha.

— Eu sei. Eu vou ser uma menina grande.

Ele riu.

— Eu sei que você será.

Hoje, Duke tinha dado a ele a notícia de que Suz foi cuidada. A ex foi condenada a dez anos por tentativa de homicídio. Crazy estava feliz que sua família já não tinha que

se preocupar sobre Suz voltar para prejudicá-los. Existia um contato na prisão de mulheres que ficou feliz em acabar com Suz. Quando a chance de liberdade condicional viesse à tona, o clube faria com que ela fosse liberada.

Crazy ouviu a descarga do banheiro e ele se levantou quando a porta se abriu. Leanna tinha um bastão branco em sua mão.

— É positivo.

Ele estava tão feliz, que lançou um grito de triunfo.

— Nós estamos grávidos. Você ouviu isso, massa de bolinho? Nós vamos ter outro pequeno de você correndo por aí.

Strawberry deu um pulo e todos começaram a rir e dançar. Ele não pôde conter a excitação. Fazendo uma ligação para Duke, ele falou a boa notícia.

— Parabéns — Duke e Holly disseram, gritando do outro lado da linha.

Em seguida, ele chamou o clube e todo mundo sabia.

Gritando, torcendo, ele puxou Leanna em seus braços.

— Nós vamos ter um bebê.

— Nós vamos ter um bebê.

— Eu te amo — disse ele.

— E eu te amo.

Mais tarde naquela noite, após o jantar ser servido e Strawberry for colocada na cama, ele sentou na banheira com Leanna em seus braços.

— Você está realmente feliz em ter outro bebê? — Perguntou ela.

Ele puxou um pouco de cabelo longe de seu pescoço e deu um beijo nele.

— As palavras não podem sequer começar a descrever o quanto estou feliz. Será que você não reconhece a minha felicidade?

Ela riu.

— Eu reconheço.

Passando as mãos na frente de seu corpo, ele colocou sua palma sobre seu estômago arredondado.

— Meu filho está lá dentro. O bebê que fizemos juntos. Acredite em mim, Leanna, eu estou malditamente feliz. Vocês me fazem feliz.

— Eu sei o que você quer dizer. Eu acho que eu vou acordar e voltar ao meu apartamento e tudo isto seria um sonho.

— Isto não é um sonho. Eu amei você desde o primeiro momento que eu vi você e eu afastei a necessidade. Eu não poderia tê-la, porque eu era casado com uma mulher que eu não podia suportar. Eu odiava Suz e sempre que eu estive perto de você, eu a odiava ainda mais. Ela me parou de ter você.

Leanna recostou-se e beijou seu pescoço.

— Você me tem agora.

— Eu sei. Este bebê vai ser o primeiro de muitos.

Ela gemeu.

— Eu estou com medo. Holly me mostrou alguns dos livros que têm, erm, realmente imagens claras.

Ele riu.

— Eu vou estar ao seu lado com o nosso primeiro bebê, segundo, terceiro, quarto.

— Quantos filhos você quer?

— O suficiente para que você não possa me deixar.

Ele girou e encontrou o calor suave. Colocando seu pau profundamente dentro de sua vagina, eles dois gemeram juntos.

— No momento em que eu levei você sem camisinha, eu sabia que não estaria usando uma novamente. Eu quero você, Leanna, o tempo todo. Você é o amor da minha vida.

— Você é meu.

Crazy fez amor com ela até tarde da noite e todas as noites depois disso. Quando chegou a hora dela dar à luz, ele foi fiel à sua palavra. Ele ficou ao lado dela, vendo seu filho vir ao mundo e isso só o fez mais apaixonado.

Apaixonar-se era real e por isso, teria um final feliz. Ele encontrou o seu.

Fim